MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Narrativas dos surdos idosos:
subjetividade e vínculos culturais

Ana Luiza Paganelli Caldas

Pelotas, maio 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Tese de Doutorado

Narrativas dos surdos idosos: subjetividade e vínculos culturais

Ana Luiza Paganelli Caldas

Pelotas, maio 2021.

ANA LUIZA PAGANELLI CALDAS

Narrativas dos surdos idosos: subjetividade e vínculos culturais

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas – PPGL/UFPel, como requisito parcial e último à obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: Epistemologias Descoloniais, Educação Transgressora e Práticas de Transformação.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Madalena Klein

Tradutor Libras/Português: Luiz Daniel Rodrigues Dinarte

Pelotas, maio 2021.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C145n Caldas, Ana Luiza Paganelli

Narrativas dos surdos idosos : subjetivdade e vínculos culturais / Ana Luiza Paganelli Caldas ; Madalena Klein, orientadora. — Pelotas, 2021.

185 f.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Surdo idoso. 2. Ser surdo. 3. Comunidade surda. 4. Libras. 5. Narrativas. I. Klein, Madalena, orient. II. Título.

CDD : 371.9

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

Arte da capa: Ilustração de Luiza Pellizzari

Autora: Luiza Pellizzari

Instragam: @lilica_art

Pelotas, 2021.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, pelo apoio e cuidado, sempre. Ao meu pai (*in memoriam*) por me ajudar sempre nos estudos, pelos conselhos, pelas traduções de textos estrangeiros para o português a fim de que eu pudesse acessá-los. À minha irmã, pelos conselhos, pela amizade e carinho.

Ao meu marido, Augusto, pelo companheirismo e amor infinitos. Pelo apoio, incentivo, proteção, calma e paciência.

À minha orientadora, Madalena Klein, por todos os ensinamentos.

Ao grupo de orientação da UFPel, principalmente o Jean Michel, a Violeta e a Ana Gabriela, cujas contribuições foram muito importantes para o meu trabalho. Também agradeço aos integrantes mais novos, Dileta, Chico e Rubia, que, apesar do pouco tempo de convívio, também foram importantes nessa caminhada.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul por ter permitido meu afastamento para doutoramento.

À professora Dr.ª Lodenir Karnopp, pela disposição em contribuir com valiosas recomendações na qualificação.

Ao professor Dr. Johannes Doll, pela gentileza, pelo empréstimo de livros e por toda a atenção a mim dirigida.

Às professoras e professores que compuseram a banca de qualificação e a banca de defesa final da Tese.

Aos intérpretes de Libras da UFPel, pelo trabalho qualificado e cuidadoso nas disciplinas cursadas.

Ao Marcus Calixto, pelas preciosas informações.

Ao Ricardo Góes, presidente da SSRS, por permitir que eu tivesse contato com documentos da nossa Sociedade.

Ao amigo Eduardo Gheller Mörschbächer, pelo compartilhamento de documentos.

Por fim, ao tradutor da tese, Luiz Dinarte, cujo trabalho incansável tornou a escrita da tese possível.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

CALDAS, Ana Luiza Paganelli. *Narrativas dos surdos idosos:* subjetividade e vínculos culturais. 2021. 184f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

A tese *NARRATIVAS DOS SURDOS IDOSOS:* subjetividade e vínculos culturais, produzida na Linha de pesquisa epistemologias descoloniais, educação transgressora e práticas de transformação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, analisa narrativas de surdos idosos, interessando-se pelas experiências, vínculos comunitários e maneiras de Ser Surdo. Através de Entrevistas Narrativas com cinco (5) surdos idosos, buscou-se possibilitar momentos de troca entre a entrevistadora e os entrevistados, permitindo que fossem estabelecidas relações entre vivências familiares, comunitárias, escolares e linguísticas. As entrevistas foram realizadas em Libras, transcritas para o português e analisadas desde a perspectiva dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos. Com o objetivo de refletir sobre a forma como os surdos idosos narram suas histórias e estabelecem vínculos culturais, o estudo se inspira nos seguintes conceitos: Ser Surdo, narrativa, subjetividade, além de buscar amparo em alguns estudos de gerontologia e educação de idosos. As análises das narrativas foram agrupadas em seis dimensões: infância, família, escola, língua de sinais, associação de surdos e velhice. Entende-se que a possibilidade de estar juntos permite que se estabeleçam vínculos culturais. Ao compartilharem experiências, como a privação linguística, as lutas por direitos, o estranhamento social em relação ao Ser Surdo e os desafios de ser surdo na terceira idade, são inventadas outras maneiras de viver enquanto Surdo. A pesquisa mostra ainda que o surdo idoso de nossos dias sofreu, ao longo de sua vida, intervenções institucionais que entendiam a diferença surda a partir de orientações teóricas distintas. Por esse motivo, deve ser reconhecido nas discussões sobre educação de surdos que os idosos carregam um legado de resistência a ser transmitido aos surdos jovens e que inspire a educação escolar.

Palavras-chave: Surdo idoso; Ser Surdo; Comunidade surda; Libras; Narrativas.

ABSTRACT

CALDAS, Ana Luiza Paganelli. *Elderly deaf people narratives*: subjectivity and cultural bounds. 2021. 184f. Thesis (PhD in Education) – Post Graduate Program in Education, Faculty of Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2021.

This PhD thesis, entitled ELDERLY DEAF PEOPLE NARRATIVES: subjectivity and cultural bounds, produced on the research line of epistemological decoloniality, transgressive education and transformation practices within the Post Graduate Program in Education from the Federal University of Pelotas, analyzes elderly Deaf people narratives, focusing on their experiences, community bounds and different manners of Being Deaf. Through five (5) interviews with elderly Deaf people, we have sought to enable moments of exchange between the interviewer and the interviewees, allowing some bounds to be formed concerning community, family, educational and linguistic experiences. The interviews were carried out in Libras, then they were transcribed into Portuguese and analyzed using the theoretical framework within Cultural Studies and Deaf Studies. With the objective of reflecting on how elderly Deaf people narrate their history and establish cultural bounds, this study draws inspiration from the following concepts: Being Deaf, narratives, subjectivity; and it also uses some studies from gerontology and elderly people education. The narrative analyses were grouped into six categories: infancy, family, school, Sign Language, Deaf associations and elderliness. It is understood that the possibility of being together as a group allows cultural bounds to be formed. When sharing experiences, such as the ones concerning linguistic privation, the fight for rights, social strangeness concerning the concept of Being Deaf and the challenges of being a Deaf person on the third age, other manners of living as a Deaf person are created. The research shows that elderly Deaf people have suffered throughout their lives with interventions from institutions that understood the differences between Deaf people from distinctive theoretical orientations. For this reason, it is important to highlight on discussions about Deaf education that elderly people carry a legacy of resistance to be transmitted to young Deaf people and that it may inspire the school education.

Keywords: Being Deaf; narrative; elderly Deaf people; Deaf Community; Libras.

RESUMO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Imagem: QR code do resumo em Libras. Aponte a câmera o seu celular para o código e acesse o link.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES DE SINAIS

Figura 1 – Sinal da reflexão: minha trajetória pessoal e de docência.....13

Figura 2 – Fases da vida humana 22

Figura 3 – Sinal da Reflexão: Caminhos da Pesquisa.....24

Figura 4 – Sinal de ser surdo.....31

Figura 5 – Sinal de Estado da arte 36

Figura 6 – Sinal da gerontologia.....59

Figura 7 – Sinal de envelhecimento 59

Figura 8 – Sinal de subjetividade.....78

Figura 9 – Sinal de EXPERIÊNCIA 103

Figura 10 – Sinal da reflexão: Desdobramentos metodológicos.....116

Figura 11 – Sinal de Narrativas 120

Figura 12 – Sinal da reflexão: Análise de dados 129

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL E DE DOCÊNCIA 14

1 CAMINHOS DA PESQUISA – PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES 25

1.1 O LUGAR DO IDOSO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE SURDOS 25

1.2 DETALHAMENTO DAS INTENÇÕES DE PESQUISA 31

1.3 ESTADO DA ARTE: PESQUISAS RELEVANTES.....36

1.4 QUAIS FORAM AS IDEIAS INICIAIS DA PESQUISA?.....41

1.5 COMUNIDADE COMO ESPAÇO DE ENCONTRO CONSIGO 47

1.6 PRIMEIROS ANÚNCIOS SOBRE OS CAMINHOS TRILHADOS NA INVESTIGAÇÃO.....55

2 ENVELHECIMENTO E OS ESTUDOS DA GERONTOLOGIA 61

2.1 ENVELHECIMENTO.....66

2.2 GERONTOLOGIA COMO CAMPO DE CONHECIMENTO.....71

3 SUBJETIVIDADES SURDAS IDOSAS EM COMUNIDADES.....79

3.1 SUBJETIVIDADE: O VÍNCULO CULTURAL.....79

3.2 SUBJETIVIDADE SURDA.....84

3.3 COMUNIDADES SURDAS 86

3.4 COMUNIDADE E POLÍTICA SURDA.....91

3.5 CULTURAS, CULTURA SURDA: SER SURDO E SER ESTRANHO.....97

4 NARRATIVAS COMO POTENCIALIZADORAS DE APROXIMAÇÕES ÀS EXPERIÊNCIAS DOS SURDOS IDOSOS......104

4.1 CONCEITO DE NARRATIVA E A PRESENÇA DO NARRADOR.....106

4.1.1 O tédio como característica da narração 108

4.1.2 A Narrativa em Libras.....110

4. 2 DESDOBRAMENTOS METODOLÓGICOS.....116

4.2.1 Narrativa como autogeradora de dados 120

4.2.2 Quem são os participantes da pesquisa? 123

4.3 MOMENTOS DA PESQUISA 125

5 A EXPERIÊNCIA DA EXPERIÊNCIA: REFLEXÕES ANALÍTICAS 130

5.1 “EU NÃO CONHECIA NADA”: infâncias e isolamento 135

5.2 “ERA O SONHO DA MINHA MÃE EU PODER OUVIR”: laços familiares .. 138

5.3 “MEU PAI DESCOBRIU QUE EU OUVIA POUCO: escolarização entre diferentes abordagens 141

5.4 “ELA ME ENSINAVA NO DORMITÓRIO”: a procura pela língua de sinais 146

5.5 “FOI LÁ QUE EU CONHECI A MINHA ESPOSA: a associação como território surdo. 151

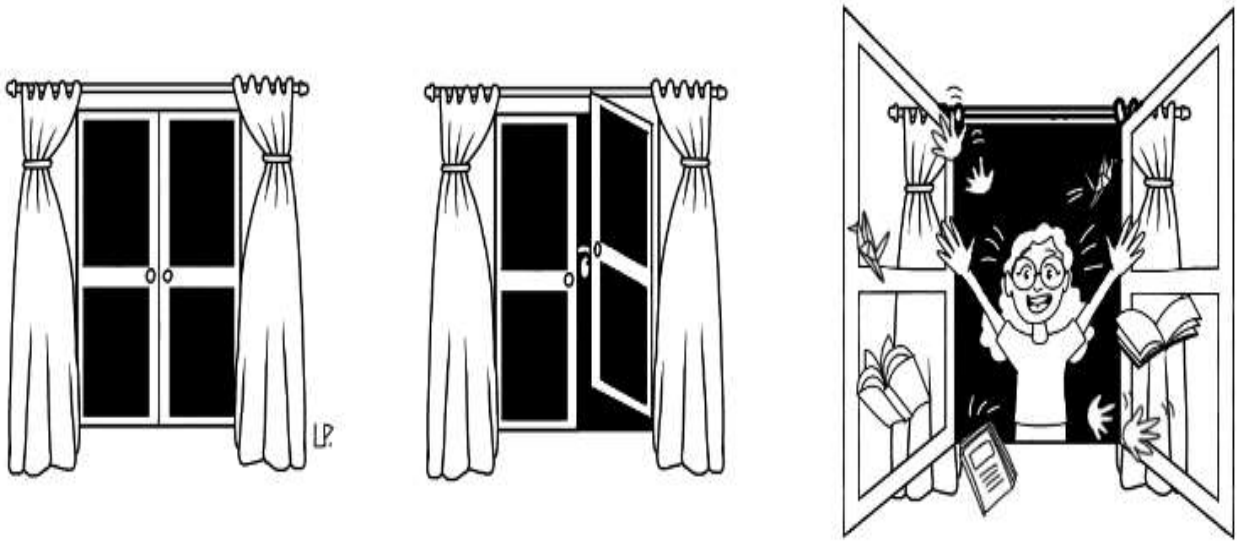
5.6 “AS COISAS FORAM MUDANDO: envelhecimento surdo e o retorno do isolamento 156

CONSIDERAÇÕES FINAIS 161

REFERÊNCIAS 165

APÊNDICES 175

Figura 1 – Sinal da reflexão: minha trajetória pessoal e de docência[1]



A autonomia do sujeito e de sua consciência cede lugar a um mundo social constituído em anterioridade e precedentemente àquele sujeito, na linguagem e pela linguagem (SILVA,1994, p. 248).

[1] Ilustração de Luiza Pellizzari. As Ilustrações presentes nesta Tese são de Luiza Pellizzari.

INTRODUÇÃO: MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL E DE DOCÊNCIA

Inicio o texto retomando as duas imagens anteriores (a da capa e a que antecede esta Introdução) para mostrar como elas compõem com esta tese. Apesar de a tese não tratar especificamente de imagens, considero importante contextualizar os atravessamentos da pesquisa. Nisso, a sequência de imagens que aparecerão ao longo dos capítulos, produzidas por uma artista surda, visam ilustrar uma dimensão do meu processo enquanto pesquisadora. Além da busca pelo conhecimento através de análises de informações obtidas durante a investigação, há também a presença da criatividade e da poesia. A imagem da capa é uma arte produzida por uma artista surda, jovem, que tem a Libras como primeira língua. Para solicitar que ela produzisse esse desenho, eu conversei brevemente sobre o que eu venho pesquisando e solicitei que ela representasse, a sua maneira, aquilo sobre o que conversamos. Ela fez esta leitura. A imagem mostra uma reunião entre pessoas idosas e outras não claramente definidas como idosas ou não. Eu estou sentada à mesa, atenta à sinalização de uma mulher idosa. Vários perfis são representados: há um cadeirante, uma pessoa surdo-cega, uma pessoa com prótese mecânica na perna, há um senhor que parece estar irritado, pois está batendo na mesa. Além desses perfis, a artista coloca, sobrevoando a reunião, várias mãos, em diferentes posições dos dedos que correspondem aos "fonemas" da língua de sinais. Esse detalhe parece significar que ali estão sendo ditas muitas coisas através da língua de sinais. Por fim, há um cão que observa o bate-papo.

Essa representação mostra a valorização que os surdos atribuem à comunicação. A possibilidade de comunicar através da língua de sinais é uma pauta de luta dos surdos, ela aparece em diversas manifestações artísticas que artistas surdos produzem. Por isso, as conquistas alcançadas pelos surdos nas últimas décadas em termos de educação e acessibilidade são frequentemente celebradas tendo como foco a oportunidade de estar junto com outros surdos, de celebrar a oportunidade de falar, de ler, de entender e ser entendido.

Já a imagem que antecede a Introdução, que mostra uma janela sendo aberta, é a continuação dessa ideia de comunicação. Ver o mundo a partir dos signos da escrita, dos rituais acadêmicos, etc., significa também a possibilidade de comunicar. A língua de sinais também faz parte dessa representação da janela. A janela se abre

para o surdo, mas também a universidade abre suas janelas e deixa entrar os signos que contemplam a vida dos surdos. Essas imagens, portanto, refletem não apenas a visão de uma jovem artista surda, mas incorporam lutas, celebrações e discussões teóricas. Na visão do filósofo Walter Benjamin (2009), as imagens e a poesia são partes da produção científica e filosófica. Valorizar essa dimensão estética significa mostrar uma parte do trabalho que geralmente a pesquisa acadêmica deixa de lado mas que reflete a impossibilidade de entender a História como algo possível de ser analisado de fora, como se fosse um objeto passado.

Outra parte daquilo que compõe a pesquisa é a minha experiência docente. A docência ajudou-me a entender meu lugar no mundo, minha identidade e a minha cultura. A minha vivência durante a escolarização foi marcada pelo fato de a maioria dos meus professores não dominarem a língua de sinais e pela convivência com outros surdos. Esses, além de saberem a língua, compreendiam a minha experiência, pois também eram, em sua grande maioria, provenientes de famílias ouvintes. Outra vivência que foi importante na minha constituição como sujeito surdo foi a convivência com pessoas idosas na Sociedade dos Surdos de Rio Grande do Sul[2] (SSRS). Ali eu pude compreender os outros lugares que o surdo ocupa na sociedade e que a escola não era capaz de contemplar e apresentar aos alunos.

O contato com surdos adultos na SSRS mostrava para mim e outros jovens surdos o que significava ser surdo em momentos passados. Se eu tive a oportunidade de ter uma escolarização que abrangia a língua de sinais, que fomentava o envolvimento com outros que eram como eu, mas isso não foi sempre uma realidade.

Pessoas surdas idosas me fizeram perceber como houve mudanças significativas no sentido de compreender e aceitar a língua de sinais.

Mais tarde, já adulta, percebi que aquilo que eu considerava como épocas muito antigas, que foram vivenciadas por idosos surdos com quem eu estabeleci vínculo na SSRS, períodos de tempo como 20, 30, 40 anos em relação à minha juventude, não eram períodos muito longos frente às drásticas mudanças vivenciadas pelas pessoas surdas. Até alguns anos antes da minha escolarização era, por

[2] Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul – SSRS: Fundada pelo surdo Levy Wengrover em 1962. Conquistada através de lutas políticas na época. Há uma sede que fica à Rua Salvador França 1800, na cidade de Porto Alegre, e uma colônia de férias na cidade de Capão da Canoa.

exemplo, impensável que um professor de surdos soubesse a língua de sinais e permitisse que ela fosse utilizada em sala de aula, uma vez que as práticas oralistas eram muito mais utilizadas nas escolas.

Do mesmo modo, era impensável que uma pessoa surda pudesse ocupar o lugar da docência. Percebe-se, então, que as mudanças no status social dos surdos acabou produzindo, em um curto espaço de tempo, disparidades que eram perceptíveis entre gerações próximas.

Durante o ensino fundamental – 1978 a 1984, na Escola Estadual de 1º grau Uruguai, atualmente, desde 2008, Escola Estadual de Ensino Fundamental Uruguai – estudei em escola de ouvintes e nesse espaço não tive a oportunidade de acessar a língua de sinais. Por conta disso, as limitações eram evidentes, apesar de eu somente ter tomado consciência tempos depois. Eu dependia dos professores, colegas, dos meus pais e, o mais marcante para mim, é que eu dependia do ritmo das outras pessoas para compreender o que se passava a minha volta. Esperava que tivessem tempo de me explicar, que tivessem paciência. Esperava que os ouvintes conversassem entre si para depois me dar atenção e isso me deixava ansiosa.

Já no ensino secundário – que eu cursei na Escola Especial Concórdia, de 1985 a 1989, que na época era chamada de Centro Educacional para Deficientes auditivos –, passei a estudar em uma escola de surdos, que foi onde conheci surdos usuários da Libras. Esse, foi o período mais feliz da minha escolarização, pois compreendi o valor e o status linguístico da Libras.

Todavia, nessa escola, por mais estranho que possa parecer, havia poucos professores que eram, de fato, fluentes nessa língua. É possível que isso tenha me levado a escolher ser professora, já que foi fora da escola que eu consegui estabelecer, de fato, uma comunicação com os meus pares. Então, o meu desejo sempre foi o de proporcionar aos surdos aquilo que eu não tive na minha trajetória escolar.

A partir dessa escolha fui levada a descobertas e aprofundamentos sobre a diferença surda e, nesse movimento, observei os idosos surdos e suas experiências de vida. Na SSRS eu encontrei uma espécie de família. Sim, a comunidade surda é como se fosse uma família em que todos conseguem se comunicar livremente. Nesse espaço eu entendi as diferenças entre as gerações, percebi que os surdos que viveram em décadas anteriores tinham experiências ao mesmo tempo parecidas com as minhas, mas havia algo a mais. Com o tempo, conforme fui me tornando adulta,

compreendi que, à medida que os anos passaram, mais acentuadas foram se tornando as diferenças entre as gerações. Também comecei a tomar consciência das diferenças entre os surdos, entre comunidades surdas.

Foi assim que eu me interessei pela Educação e, posteriormente, pela pesquisa acadêmica a fim de compreender as razões dessas diferenças, as aproximações entre nós surdos, bem como de reconhecer o motivo de haver tantas disparidades entre gerações. É essa vontade que faz com que as pesquisas se multipliquem, aprendendo com as limitações vividas pelos surdos e com as potencialidades desses sujeitos. Foi através da vivência cotidiana com alunos, que estavam aprendendo a língua de sinais, que compreendi, aos poucos, que a Libras é uma língua que efetivamente transforma a realidade dos surdos.

A partir das lutas políticas dos surdos, muito se tem conquistado. As novas gerações de surdos vivem um momento em que a Libras é valorizada, legislada e tem importância no meio acadêmico. Hoje, fala-se em bilinguismo, em cultura surda, literatura surda, identidade, etc. Mas, e quanto aos surdos que nos antecederam e que agora observam todas essas mudanças? Como eles percebem esse universo novo e o que eles têm para nos contar em relação as suas experiências escolares, profissionais, pessoais, uma vez que viveram um tempo em que os sinais não possuíam reconhecimento político e acadêmico?

Para chegar à temática do envelhecimento na surdez e explicar o porquê do meu interesse é preciso trazer um apanhado da minha trajetória como pesquisadora e como professora. No ano de 2004 ingressei no mestrado em Educação UFRGS. O título da minha dissertação foi *O Filosofar na Arte da Criança Surda: construções e saberes*, que consistiu em uma investigação motivada pelas minhas experiências pessoais desde a infância até a vida adulta, sendo a última no campo profissional.

Penso ser no cotidiano da minha vida, como surda, que as questões sobre conhecimento, cultura e arte aparecem a mim com intensidade, o que me desperta o interesse em verificar como as diversas formas de ser surdo estão relacionas entre si e em relação à sociedade em geral. Percebo que há sempre algo de desconhecido, sempre algo a buscar na cultura dos surdos e, como esse é um campo ainda em desenvolvimento, percebo que muitas lacunas povoam as pesquisas.

Sinto saudades do tempo em que pude pesquisar junto às crianças surdas sobre como elas entendiam a arte, sendo esse um elemento que as fazia criar e poetizar em sua língua. Na época percebi muitas semelhanças e diferenças entre elas

e eu mesma como, por exemplo: as crianças que participaram da minha pesquisa tiveram a oportunidade de aprender a Libras ainda cedo, mas eu passei muitos anos sem conhecer a minha cultura.

No meu contato com as crianças surdas, no período do mestrado, foi interessante ver que elas brincavam e questionavam em língua de sinais, algo que me deixou muito satisfeita. O resultado do mestrado me indicou que a própria pesquisa foi um momento de despertar para muitos aprendizados e vivências para elas, para mim e para o grupo de pesquisa que eu integrava naquela época. O grupo era liderado pela querida e saudosa professora Esther Beyer, minha orientadora. Ali, ficou claro que, pensar filosoficamente sobre a arte de expressar ideias em Libras era uma oportunidade que elas necessitavam e que os surdos em geral também precisam para ter consciência da sua identidade cultural.

O interessante é que o meu ingresso no Mestrado, sob a orientação da professora Esther Beyer, acabou mostrando possibilidades de pensar a cultura surda, a filosofia em Libras e a reflexão estética a partir da língua de sinais. O grupo, sendo liderado por uma pesquisadora da área da música, pareceu-me inicialmente um desafio enorme. Porém, com o passar do tempo, acabei percebendo que de certa maneira eu estava totalmente afinada com as pesquisas ali realizadas, já que os surdos também possuem seus artefatos culturais, sua expressão artística, e que aquilo que eu buscava nos sinais das crianças surdas era algo próximo da musicalidade.

Mais tarde ingressei, através de concurso público, como professora da rede municipal de Porto Alegre e foi aí que entrei pela primeira vez em contato com a educação de jovens e adultos – EJA. Era um ambiente estranho e desafiador, tinha alunos de diferentes idades, rostos diversos que traziam marcas de múltiplas vivências. Eram alunos advindos da FEBEM[3], mulheres viúvas, separadas, mães solteiras, trabalhadores rurais que vieram para a cidade. Esses alunos precisavam de um olhar atento, o que fez com que eu buscasse por novas metodologias sobre EJA para desenvolver com eles.

Na convivência com esse grupo, meu interesse foi direcionado para aqueles alunos de idade avançada. Na época, eu também trabalhava com crianças surdas na

[3] FEBEM: Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor – antiga instituição que foi extinta na década de 90 com a promulgação do Estatuto da Criança e Adolescente – ECA –, dando lugar à atual FASE – Fundação de Atendimento Sócio-Educativo.

Escola Municipal Ensino Fundamental Salomão Watnick, em Porto Alegre/RS. Além disso, ministrava cursos de Libras para que as mães ouvintes de crianças surdas pudessem aprender a se comunicar com seus filhos.

A partir daí, comecei a perceber aquela diversidade que eu apontei anteriormente, que caracteriza as experiências dos surdos. Eu já conhecia vários surdos idosos nos encontros da SSRS, mas, no Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire – CMET –, onde atuei como docente, outras diferenças começaram a se mostrar de maneira mais contundente. Nesse espaço percebi que há, na verdade, muitas comunidades surdas. Percebi que mesmo a SSRS sendo um lugar feliz, onde eu sempre me senti acolhida e livre para me comunicar, ali também poderia haver uma segmentação que limitaria meu entendimento sobre a diversidade e, até mesmo, alguns tipos de exclusão.

Lembro que, na escola, apareceu uma surda que tinha 87 anos, viúva de Salomão Watnick[4], surdo homenageado quando a escola foi criada. Ela oralizava, ou seja, utilizava a língua portuguesa, produzindo sentenças à medida de sua capacidade articulatória dada à sua surdez, e me pediu que a ensinasse sobre a Língua de Sinais. Ela trazia consigo uma visão de que os surdos não sabiam oralizar e deveriam aprender. Todavia, estava disposta a aprender a Libras e demonstrava grande esforço em comunicar-se nessa língua. Demonstrando muito interesse, procurei fazer com que ela aprendesse novos sinais, pois, para ela, seria uma maneira de melhorar a comunicação.

Ela dizia ter saudades do seu marido e sempre muito orgulhosa com a homenagem prestada da escola a ele. O professor Wilson Miranda, também pesquisador surdo, foi o responsável pela homenagem a Salomão Watnick, afirmando que não poderia esquecer dos nomes de surdos que fizeram a história da comunidade surda. Não poderia deixar os nomes serem esquecidos e eu concordo com ele: é preciso retomar a atenção para o nome do Surdo. É preciso registrar a história dos surdos, assim como futuramente será importante que uma rua, bairro ou praça sejam batizados, também, com nomes de surdos, por exemplo.

---

[4] Salomão Watnick é um dos fundadores da SSRS e é lembrado por vários surdos pela sua liderança na comunidade surda de Porto Alegre. Na tese de Gisele Maciel Rangel – *Heróis/heroínas sudos/as brasileiros/as: busca de significados na comunidade surda gaúcha* (Rangel; Klein, 2020), ele é lembrado como um herói surdo.

Portanto, a presente pesquisa, que dá sustentação a esta Tese, tem muita relação com aquilo que eu vi, vivenciei, constatei e senti. Trata-se de uma pesquisa sobre surdos idosos, mas também não deixa de ser uma pesquisa que fala da minha experiência de me tornar surda, na minha trajetória de vida.

Eu pesquisei crianças surdas durante o meu mestrado, em 2004, e a minha caminhada acadêmica e profissional me levou a estudar o surdo idoso. Um dado relevante na minha caminhada profissional foi o projeto de extensão vinculando ao Departamento de Estudos Especializados do FACED/UFRGS, desenvolvido na UFRGS, iniciado em 2016, intitulado “Despertando a memória da terceira idade na Sociedade dos Surdos”, cujas atividades foram desenvolvidas dentro da SSRS.

O projeto teve como objetivo encarar os desafios do envelhecimento no sentido da busca do contato entre idosos surdos e sua luta por cidadania, valorizando as narrativas desse público e incentivando a convivência comunitária. Também se objetivou possibilitar as trocas culturais, sempre tendo em mente a necessidade da melhoria da qualidade de vida dos surdos da terceira idade.

Para isso, as atividades consistiram em oficinas de Libras, jogos e exploração de narrativas a partir de filmes. Esses eram apresentados aos surdos idosos, valorizando suas experiências de vida e tentando sempre encontrar as dificuldades enfrentadas por eles, no sentido de propiciar conversas.

A relevância desse projeto de extensão foi de valorizar as produções culturais dos participantes para que suas memórias pudessem ser expressas e comunicadas em um ambiente de respeito à diferença surda. As memórias da escolarização desses sujeitos remeteram às dificuldades da convivência com os ouvintes, uma vez que eles relataram ter passado por limitações na sociedade. Nisso, o diálogo em Libras foi estimulado, assim como a discussão sobre os significados dos sinais da Libras.

Os encontros, realizados na SSRS, eram quinzenais e os assuntos tratados eram: datas comemorativas, filmes, fotografias, etc. O projeto de extensão teve duração de um ano (2016-2017), tendo sido interrompido em função do meu ingresso no curso de doutorado. Todavia, acredito que de alguma forma eu continuo refletindo sobre as mesmas coisas, porém, no presente, a partir da pesquisa.

Parece que o meu desafio é pesquisar em uma linha do tempo em que eu possa pensar como é, como foi e como futuramente será ser surdo. É como se ontem eu estivesse vivenciando a minha infância surda e hoje, o tempo tendo passado como um voo, eu avistasse esse outro estágio de vida.

Estamos sempre mudando de papéis sociais ao longo da vida: na infância e adolescência é preciso brincar e estudar; na idade adulta: estudar, trabalhar, produzir, criar ou não filhos, unido à família ou sozinho, e na velhice: aposentadoria, o retorno do tempo livre, rememorar as vivências e ensinar os mais jovens. Ser surdo e ser idoso são dois papéis individuais e de questões complexas, que merecem atenção. Ser um surdo idoso é um lugar social que pode nos mostrar quem nós somos.

Essas são as motivações para a presente pesquisa, que pretende analisar narrativas de surdos idosos, suas construções de subjetividades a partir da língua, relações familiares, comunidade, trabalho, política e recursos tecnológicos, entendendo a SSRS como ponto de convergência de experiências de vida. Nas páginas que seguem, apresento de forma detalhada os objetivos, os aportes teóricos e os caminhos metodológicos que foram trilhados, bem como as análises das entrevistas realizadas no decorrer da investigação.

Um destaque importante é em relação ao meu estudo e escrita da Tese. Como surda e, assim, tendo a Libras como primeira língua, a escrita em língua portuguesa é um fator de limitação, mas que venho conseguindo superar e aprimorar o trabalho junto ao tradutor que trabalha comigo. Acredito que seja válido relatar que nosso procedimento de trabalho foi/é exaustivo e ao mesmo tempo muito rico. Eu, como pessoa surda, sinto-me às vezes limitada no sentido de trocar informações com colegas e ter discussões mais aprofundadas em razão da diferença linguística.

Em termos de tradução do texto da tese, enumero aqui como se deu esse processo: 1. Eu realizava a leitura dos textos e, em caso de sentir alguma dificuldade de compreensão, solicitava que o tradutor lesse também algumas passagens dos textos que eu estava estudando; 2. O tradutor e eu nos encontrávamos presencialmente, mas em virtude da pandemia passamos a nos reunir virtualmente, através de plataformas da internet. Nessas oportunidades eu tirava as dúvidas das eventuais incompreensões em relação às leituras; 3. Em casa, gravava vídeos em Libras e, por optar por essa técnica de registro, possuo um arquivo com mais de 100 vídeos, alguns de curta duração – 1 ou 2 minutos – e outros maiores – chegando a mais de 15 minutos de duração cada um. Logo após, enviava para o tradutor; 4. Ele realizava a tradução desses vídeos; 5. Nós nos encontrávamos novamente para sanar eventuais incompreensões por parte do tradutor e para realizar a montagem do texto, algo que exigia atenção quanto às necessárias adaptações culturais do texto sinalizado em Libras para a língua portuguesa. Como é possível perceber, trata-se de

um trabalho dispendioso e que relato aqui como forma de deixar público e transparente o lugar de pesquisadora surda como um espaço também marcado pela diferença cultural.

Enfim, entendo que estabelecer vínculos entre sujeitos e os elementos da cultura requer, principalmente, a identificação das necessidades dos sujeitos. Ao reconhecer determinada necessidade, o sujeito estará apto para estabelecer vínculos. No que se refere ao adulto surdo, o vínculo é constituído no contato com outros surdos ou depende de suas experiências pessoais e da forma como outros vínculos, com outros grupos, foram ou não constituídos. Muitas vezes, a própria demanda por identificação, por uma vida em comunidade e pela própria língua é empobrecida pela falta de contato com os pares surdos.

A vida das pessoas surdas, muitas vezes, restringe-se em termos de vínculo devido à diferença linguística. A maioria dos surdos nasce em lares ouvintes e os meios de divulgação da cultura, livros, revistas, mídia eletrônica, museus, teatros, também marcam o afastamento dos surdos em relação aos signos que traduzem a bagagem cultural de uma cidade, um estado, um país. O vínculo cultural mais acessível para os surdos acaba sendo a escola, complementado pelo convívio em comunidade como as associações de surdos. Esses ambientes possibilitam que os signos linguísticos sejam conhecidos, explorados e reorganizados, segundo suas próprias necessidades internas.

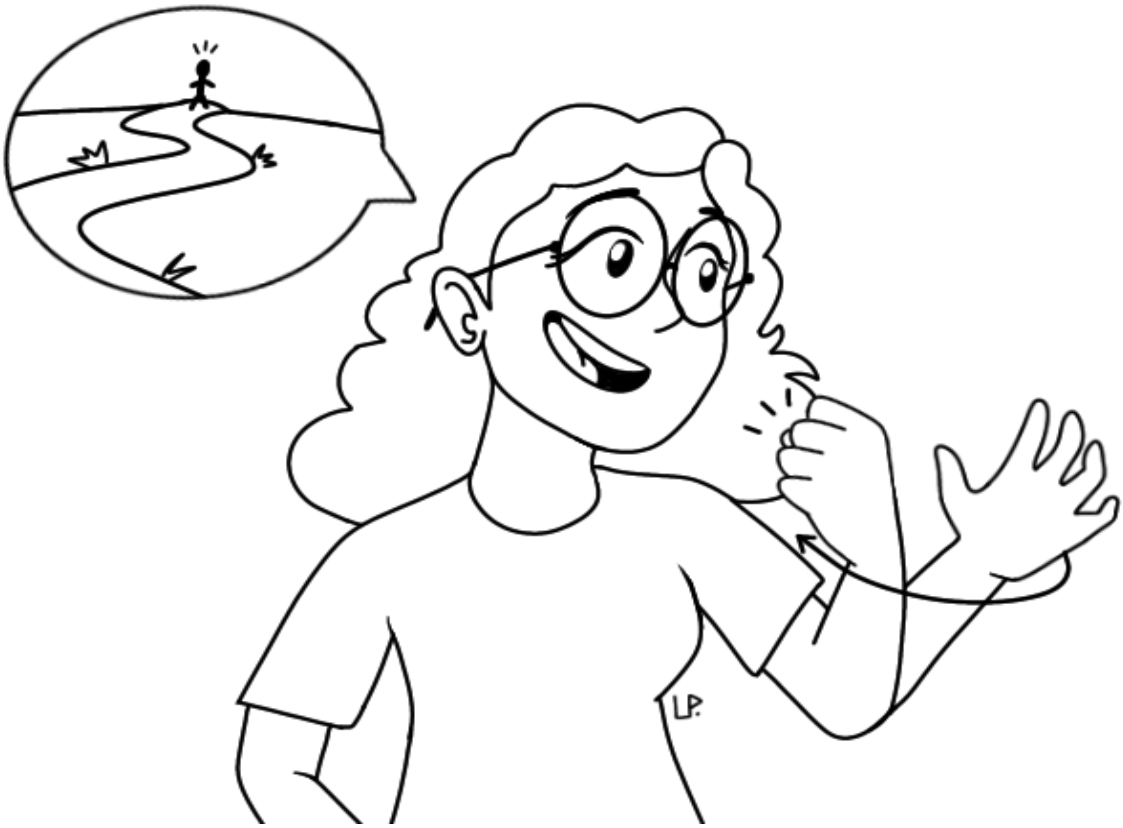
Acredito que com esse tipo de entendimento sobre a forma como os surdos se organizam socialmente, é possível aproximar-se de definições mais claras sobre o que é importante valorizar culturalmente. Mais do que um espaço de socialização, penso que a associação seja um espaço de reconhecimento da cultura, onde os surdos olham e se percebem como sujeitos culturais.

Figura 2 – Fases da vida humana

Como já posto, esta Tese tem por foco analisar as narrativas de surdos idosos. Para melhor apresentar o desenvolvimento dessa pesquisa, organizei a escrita em cinco capítulos, conforme segue:

No Capítulo 1 – discorro sobre os caminhos percorridos na pesquisa, seus objetivos e as escolhas metodológicas. No Capítulo 2 – trago questões teóricas sobre o envelhecimento e a Gerontologia. No Capítulo 3 – realizo um estudo sobre a subjetividade surda. No Capítulo 4 – apresento o conceito de Narrativa e os Desdobramentos Metodológicos da pesquisa. E, por fim, no Capítulo 5 – apresento as análises das entrevistas realizadas, dando ênfase a seis dimensões que se evidenciaram nas narrativas dos participantes, quais sejam: infância, família, escola, língua de sinais, associação de surdos e envelhecimento.

Figura 3 – Sinal da Reflexão: Caminhos da Pesquisa



> *Por outro lado, aprofundar as práticas e os estudos num novo campo conceitual, os Estudos Surdos, quebrando assim a sua dependência representacional com educação especial, e se aproximando dos discursos, discussões e práticas próprias de outras linhas de pesquisa e estudo em educação (SKLIAR,1998, p. 10).*

1 CAMINHOS DA PESQUISA – PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Este capítulo apresenta as motivações que me levaram a pesquisar surdos idosos participantes da SSRS – Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul. Primeiramente, aponto estudos e experiências pessoais de forma conjunta. Conceitos que fui conhecendo não somente através de leituras acadêmicas, mas, também, como participante ativa da comunidade surda.

Como pessoa surda, eu percebo que na faculdade e nos cursos que realizei na pós-graduação eu construí, ao longo dos anos, entendimentos sobre coisas que fazem parte da minha história. Além disso, em minha caminhada acadêmica – assim como acontece com muitos surdos que investem em formação de nível superior – acabei dirigindo a maior parte dos meus interesses de pesquisa – e de reflexões que compartilho com amigos e com meu marido, que também é surdo e está em doutoramento – para tudo o que envolve a minha cultura, a minha língua e minha vivência em comunidade.

Por isso, apresento no presente capítulo as origens da pesquisa e as fundamentações conceituais da investigação, que são marcadas por esse aspecto de *experiência*, de coisas que fazem parte do que eu sou. Este lugar de surda, obviamente, ainda é marcado por outras vivências, outras identidades: sou mulher, branca, de classe média, heterossexual, entre outras, mas considero que o fato de eu ser surda é o principal marcador daquilo que sou como pesquisadora. Assim, nos próximos parágrafos serão desenvolvidos alguns conceitos iniciais e reflexões sobre a convivência de surdos na SSRS. Somado a isso, será apresentado um levantamento de trabalhos que têm relação com a minha pesquisa e, por fim, o anúncio do tipo de pesquisa e de algumas questões metodológicas.

1.1 O LUGAR DO IDOSO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE SURDOS

O campo da Educação de Surdos vem produzindo muitas pesquisas que abordam os processos de escolarização, os movimentos surdos, a língua de sinais e a cultura surda. Várias são as investigações que trazem narrativas de sujeitos surdos

e seus envolvimentos na história da comunidade surda. Mas, o foco geracional fica apagado e a experiência do envelhecimento é esquecida.

Minha admiração pelos surdos idosos sempre existiu pelo fato de eu ter sido acolhida na comunidade surda por uma pessoa idosa. Levy Wengrover era uma figura paterna para muitos surdos e quem passou muitos conhecimentos aos mais jovens. Mas, o interesse de pesquisa com a temática do surdo idoso foi sendo construído ao longo do tempo.

Em minha dissertação de mestrado busquei, através do filosofar da arte em crianças surdas, a potência criadora que a arte pode proporcionar aos surdos, sendo a experiência visual a maior fonte disparadora de experiências estéticas (CALDAS, 2006). Porém, ao pensar sobre a cultura surda e a estética visual, venho percebendo que é preciso haver uma herança cultural para que as crianças surdas desenvolvam seu pensar. Assim, as pesquisas sobre os idosos podem ser muito valorosas para entender o surdo como um ser histórico e que as gerações se relacionam e trocam informações.

Tem-se, por exemplo, pesquisas em Educação que tematizam a aquisição da linguagem em crianças surdas, a escolarização de crianças, jovens e adultos surdos, culturas surdas, literaturas surdas, etc. Essas pesquisas buscam focar nos surdos como sujeitos pertencentes a uma minoria linguística e cultural. Nos dias de hoje, é bem maior a visibilidade que se tem da Libras e dos surdos e, com isso, é difícil imaginar que alguém da área da Educação ignore totalmente a existência e mesmo a legitimidade da língua de sinais. Vale ressaltar que isso não acontecia há até algumas décadas atrás. Ou seja, o entendimento da língua de sinais como artefato cultural legítimo do povo surdo é relativamente recente.

Portanto, ser surdo na década de 60 do século XX, em Porto Alegre, é algo muito diferente de ser surdo hoje. É por isso que muitos de nós, surdos, falam que “hoje as coisas estão bem melhores”. Os ouvintes que não conhecem a cultura surda poderiam pensar que ser ouvinte na década de 60 é muito diferente de ser ouvinte hoje.

A forma como eu entendo essa melhora – e concordo que ela aconteceu – é que até algumas décadas os surdos eram vistos “pela metade”. O que quero dizer com isso? Quer dizer que até poucos anos atrás a língua de sinais não era aceita, pois era vista como um “mal” que o surdo deveria rejeitar para que fosse oralizado, para se integrar em uma sociedade que não a reconhecia como língua.

Tirar a língua de sinais dos surdos significa negar a ele uma língua, uma cultura. Logo, ele é visto como uma pessoa incompleta, carente, incapaz. Sem a língua de sinais, o surdo se vê obrigado a somente oralizar, sendo necessário, portanto, muito treino, muitas terapias, atendimento de vários profissionais, tecnologias de correção da surdez, etc., o que não garante um resultado efetivo e que responda às necessidades e anseios dos sujeitos surdos.

Conviver com semelhantes é importante porque faz com que os surdos vejam uns nos outros as suas próprias experiências. A formação de comunidades surdas no Brasil ocorreu de diversas formas, porém, em Porto Alegre, além das escolas de surdos que ali existem, a SSRS foi responsável por possibilitar que os surdos tivessem um espaço para realizar encontros. Até a década de 70 a maioria dos surdos se encontrava no centro da cidade. Com a construção de uma casa que abrigou a associação de forma definitiva, os surdos começaram a se reunir sistematicamente.

Para falar em identidade surda, cultura surda, Libras, etc, que são temas que passaram a aparecer na Educação de Surdos ao longo das duas últimas décadas, é preciso reconhecer que os surdos idosos testemunharam modificações drásticas na imagem que a sociedade constrói sobre os surdos. Ao longo das últimas décadas, várias legislações passaram a mencionar o surdo, garantindo direitos e dando visibilidade às suas lutas.

As escolas de surdos e a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – FENEIS – também se movimentaram em favor de uma outra visão sobre os surdos. Segundo Silveira (2008), os currículos das escolas de surdos no Rio Grande do Sul passam a incluir a disciplina de Libras e tematizar a cultura e identidade surda há poucos anos e, mesmo assim, há vários problemas de estruturação e formas de abordagem. Portanto, qualquer pesquisa em educação que aborde o surdo precisa estar atenta para esse contexto. Ser surdo significa estar em uma luta pelo direito de ser diferente.

Aquilo que os surdos idosos falam de si mesmos é narrado a partir desse lugar de transformação na cultura. Não somente os ouvintes passam a perceber o surdo de maneira diferente, mas também os próprios surdos, assumindo posições diferentes e passam a se entender de novas maneiras.

É preciso conhecer os surdos da terceira idade, saber suas histórias, saber como narram suas experiências e, principalmente, como a comunidade surda contribuiu para o estabelecimento de vínculos entre esses sujeitos, sejam vínculos

afetivos ou de outros tipos. Saber sobre os surdos idosos é conhecer a diversidade que existe entre os eles; é saber que o envelhecimento e o Ser Surdo são processos representados, narrados, estigmatizados de diferentes maneiras, conforme a época considerada e conforme as outras diferenças que os sujeitos possuem.

É algo muito curioso que alguns sujeitos da terceira idade permaneçam em uma situação de apagamento social, enquanto outros tipos de velhice são mais conhecidas. Embora seja preciso reconhecer que há surdos idosos que são mais privilegiados que outros, mas, no geral, não se pensa na especificidade do Ser Surdo na velhice.

Entre os idosos que parecem ser invisíveis na sociedade estão os surdos, algo que ocorre por diversos motivos. Os surdos, enquanto comunidade linguística, vivenciam um apagamento na sociedade em razão da falta de informações e de reconhecimento sobre o que é Ser Surdo[5]. Esse fato tem origem em concepções muito antigas sobre a experiência em sociedade, os vínculos sociais/culturais/afetivos, que valorizavam a modalidade oral-auditiva de comunicação e que desprezavam a língua de sinais, entendendo essa língua como inferior ou simplesmente como um conjunto de gestos.

Os surdos são aqueles que sofrem as consequências desse tipo de concepção, sendo que a maioria dos surdos na história sequer chegou a entender a si mesmos como pessoas surdas. Isso porque a ignorância sobre a experiência cultural e as habilidades linguísticas desses sujeitos levaram os próprios surdos a não ter a oportunidade de aprender sua primeira língua e a se reconhecer em suas experiências singulares.

Mesmo a legislação sendo recente, não há precisão quanto ao status linguístico da Libras e quanto à importância das comunidades surdas na aquisição da linguagem e na construção da identidade cultural das crianças surdas. O que prevalece é uma concepção voltada para a inclusão escolar e o privilégio da língua portuguesa sobre a Libras. Pelo fato de a Educação de Surdos não se localizar politicamente no âmbito das políticas linguísticas, como acontece, por exemplo, com a Educação Indígena, o

---

[5] Pode-se dizer que desde a promulgação da Lei da Libras (Lei nº 10436/2002 e Decreto nº 5626/2005) há uma crescente visibilidade dos surdos e da Libras, como a presença de intérpretes nos meios de comunicação e lutas das comunidades surdas veiculadas nas mídias sociais. Mas, mesmo assim, ainda há pouco conhecimento sobre as especificidades das comunidades surdas. Nesta tese o que é tornado visível é o Ser Surdo, como experiência visual, como vida comunitária e trocas culturais e, a partir daí, pensar o envelhecimento.

avanço de uma concepção bilíngue e todas as suas implicações na vida escolar e familiar continuam sendo problemáticas.

Entendo que a importância da língua de sinais para os surdos não é devidamente valorizada, haja vista que ela permanece sendo descrita na legislação como algo opcional, que cabe aos pais avaliar se desejam ou não que seus filhos aprendam essa língua e convivam com outros surdos. Esse tipo de ideia repete aquilo que muitos profissionais da área da saúde dizem publicamente[6], o que é um problema antigo, e que pode gerar nas pessoas ouvintes uma rejeição à língua de sinais, ou, no máximo, uma sensação de curiosidade por ser algo considerado desconhecido, misterioso e exótico.

Todavia, há pesquisas que mostram que o aprendizado de uma língua é fundamental para todos os seres humanos. Outras pesquisas, como de Humphries et. al. (2016) constatam que os surdos são prejudicados quando não são expostos a nenhuma língua, ou seja, são privados de sua língua materna. Essa privação incorre em outros tipos de problemas como, por exemplo: negligência dos pais, da escola, e até mesmo maus-tratos emocionais, físicos e sexuais. Ao impedir que os surdos aprendam a língua de sinais, causam-se problemas na escolarização e nas interações sociais.

Em um país como o Brasil, em que há problemas estruturais, onde poucos surdos conseguem acessar uma educação adequada com contato com profissionais que apresentem possibilidades diversas aos pais, a opção é quase sempre pela rejeição à língua de sinais. Por isso, a rejeição que muitos profissionais da saúde e de outras áreas têm em relação à língua de sinais é fruto do preconceito linguístico e de uma falta de que se assuma que os surdos e todos os outros grupos têm direito à diferença.

Logo, tratar a língua de sinais como uma “opção” e que cabe ser tomada pelos responsáveis pelos surdos, desconsidera, também, a realidade do nosso país. Os surdos ficam fragilizados, dependendo de questões financeiras – é preciso lembrar que implantes cocleares e próteses auditivas são tecnologias caras. O que acontece

---

[6] Lembro de uma entrevista com um médico no programa da Ana Maria Braga, na Rede Globo, no dia 19 de maio de 2009, o Dr. Ricardo Bento, que além de médico é também professor da Universidade de São Paulo, que, na oportunidade argumentou em favor do implante coclear, com a justificativa de que, caso o surdo não realizasse o procedimento cirúrgico e fosse oralizado, o surdo não seria capaz de ter uma profissão, pois dependeria de outras pessoas a vida inteira e, portanto, seria um “pária da sociedade”. A comunidade surda brasileira se manifestou contra as declarações e a apresentadora do programa se retratou em nome da emissora e do médico.

é que não há como todos os surdos serem oralizados, seja em função da falta de estrutura ou por impossibilidades devidas ao tipo de surdez. Por outro lado, a oralização não é algo imprescindível, sendo que muitos surdos, mesmo quando implantados, optam pela língua de sinais.

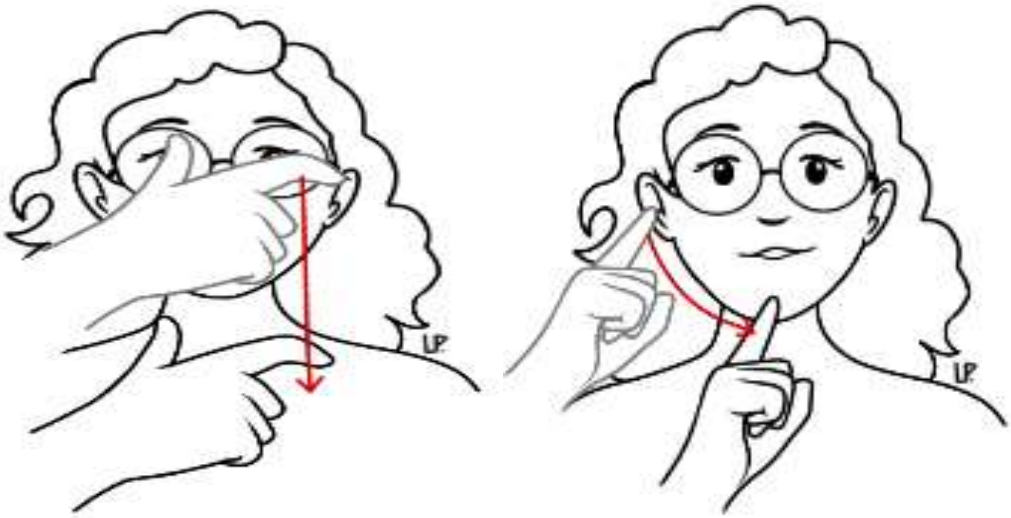
Diante das recomendações dos médicos, no momento da detecção da surdez, os pais, ignorando a possibilidade de que o filho se desenvolva em uma comunidade surda, acabam optando pelo implante e pelas práticas de oralização. Porém, faltam condições financeiras e envolvimento dos familiares. Os surdos parecem estar jogados à própria sorte por causa da rejeição de uma cultura.

Diante do que expus até o momento e me aproximando do tema desta tese, posso argumentar que a questão da velhice surda, principalmente nos dias de hoje, é importante para a Educação de Surdos porque expõe experiências de profunda transformação ao longo do final do século passado e início deste. Para saber como elaborar um ensino para surdos que seja adequado linguística e culturalmente é preciso prestar atenção em *como* uma comunidade se forma e se consolida, possibilitando vínculos sociais em função da língua de sinais. E, além dessa positividade que é o encontro entre surdos, é preciso pensar em como as mudanças sociais podem afetar a sobrevivência de uma comunidade.

A SSRS parece resistir apesar da pouca presença de surdos jovens. O momento atual de pandemia também contribui para a diminuição dos encontros entre os sócios. Portanto, Ser Surdo está em transformação porque a sociedade também acompanha essas modificações. A partir da próxima seção, será exposta a construção da justificativa e dos objetivos da tese.

1.2 DETALHAMENTO DAS INTENÇÕES DE PESQUISA

Figura 4 – Sinal de ser surdo



Os surdos são um grupo social que foi normalizado, foi descrito pelos discursos médicos, institucionalizado e educado por professores ouvintes, além de ser interpelado por concepções religiosas, morais e pela cultura dominante. Antes de ser objeto de estudo clínico, os surdos eram ainda mais invisíveis, uma vez que sequer se acreditava que fossem capazes de raciocinar. Foram os médicos, os religiosos e os educadores que começaram a se interessar pelos surdos, estudar seus corpos, seus comportamentos e as maneiras como podem estabelecer comunicação.

Diante disso, entendo que esse interesse pelos surdos produziu maneiras de ser e lugares que os surdos podiam ocupar. Aqui, entende-se discursos como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2002, p. 56). Ou seja, os discursos sobre os surdos, em diferentes tempos, foram produzindo jeitos de ser surdo, de situá-los no mundo, bem como interferindo nas práticas institucionais voltadas a esses sujeitos.

Essas práticas foram se transformando conforme a cultura e a ciência das diferentes épocas. O que foi produzido foram as maneiras de ser surdo. Isso significa dizer que a vida dos sujeitos foi sendo ocupada com práticas definidas por outras pessoas.

Somado a isso, os surdos serem considerados como portadores de uma patologia já é um tipo de sistematização, pois significa que foram realizados vários exames, testes, terapias, etc., para a correção da surdez. Por outro lado, a educação

também produziu a vida dos surdos por definir, na maioria das vezes, em parceria com a clínica, formas de aprender, o que se deveria aprender, qual forma de se comunicar. Na educação, isso se expressa nas filosofias da educação de surdos: oralismo, comunicação total e bilinguismo[7], que acompanhou os diferentes projetos educacionais ao longo da história.

Na esfera política também existem essas práticas discursivas, que inventaram lugares novos para os surdos. A partir da década de 90 do século XX, no Brasil, o movimento político das pessoas surdas ganhou força. A FENEIS teve papel fundamental e as associações de surdos que já existiam como, também, as que foram criadas começaram a ter mais consciência da importância do posicionamento político e das lutas. No contexto de Porto Alegre, cidade em que se encontra a SSRS, Thoma e Klein (2010) argumentam:

> nesse contexto de mobilizações, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), com sede no Rio de Janeiro, inicia um processo de descentralização, vindo a instalar um escritório regional na cidade de Porto Alegre/RS no ano de 1996. As lideranças surdas da capital gaúcha e região articularam-se politicamente, intensificando ações que deram visibilidade aos movimentos surdos em diferentes fóruns de lutas pelos direitos humanos (THOMA E KLEIN, 2010, p. 110).

Por muitos séculos os surdos *foram narrados,* ou seja, não estavam em condições de falar de si mesmos porque não eram levados em consideração. Acreditava-se que não tinham capacidades como os ouvintes. A partir do momento em que a ciência se sobressaiu como produtora de discursos sobre a sociedade, surgiram “objetos” da curiosidade científica e vários estudos foram registrados em textos sobre esses objetos.

Conforme a perspectiva de Lunardi (2003), o normal e o anormal foram noções que surgiram nesse contexto, e serviam como formas de controle dos indivíduos e dos grupos. O surdo começou a ser visto a partir dessas noções. Isso ocorreu com vários grupos, com pessoas com deficiência, mulheres, negros, homossexuais, etc. Mas, com o surdo, eu entendo ser uma situação mais complexa.

Os surdos eram considerados como deficientes da audição e da comunicação, então, os médicos e pesquisadores, que começaram a trabalhar na “correção” dos

---

[7] Sobre as denominadas filosofias na educação de surdos, encontramos descrições em Goldfeld (1997); Lacerda (1998), entre outras.

surdos, não estabeleciam grande contato com esses sujeitos. Para os ouvintes era como se eles tivessem o privilégio linguístico. Sobre isso, trago um exemplo[8]: quando uma mulher ouvinte é submetida a alguma violência, como a violência obstétrica, por parte dos médicos, apesar de todo o seu sofrimento, ela ainda teria canais para compreender o que está se passando. As mulheres que passam por esse tipo de abuso se sentem impossibilitadas e sem forças para superar a violência sofrida. Mas, ainda assim, é possível para as que são ouvintes comunicar o que sentiram, buscar amparo com outras pessoas ou, pelo menos, compreender os processos envolvidos naquela situação de violência. Elas podem entender que os médicos são profissionais que devem tratar os pacientes com respeito e que aquele sofrimento deveria ser combatido. Para a mulher surda isso é mais difícil porque ela não foi perguntada sobre o que pensa, no máximo, há uma comunicação básica com gestos, com informações, na maioria das vezes, muito básicas[9].

Outra dificuldade é que, principalmente nas décadas de 50/60 – e a situação era ainda pior em épocas anteriores –, os surdos tinham muita dificuldade de formar uma comunidade forte. Então, eles não tinham muitas informações e as famílias não se comunicavam com os surdos de forma eficiente. Para o surdo era muito valioso encontrar com outros surdos, porque eles tinham a mesma experiência, todavia, era complicado não existir uma associação que tivesse um local e horários definidos. Para as mulheres surdas era ainda pior porque as famílias controlavam suas vidas, pois parecia que a família queria acorrentar os surdos em casa, exatamente porque não acreditavam em suas capacidades.

Foi assim que os surdos se tornaram objeto de estudo dos ouvintes e não tiveram a possibilidade de compreender totalmente o que era e, por vezes, nem o que era decidido sobre suas próprias vidas. Acredito que seja importante continuar a reverter essa situação, seja através do fortalecimento das comunidades surdas, do registro das narrativas dos surdos ou ainda com a presença de surdos nas universidades, realizando pesquisas. Inverter as posições é importante para que os

---

[8] Alguns exemplos que trago aqui são retirados da minha memória, a partir de relatos que circulam na comunidade surda e que contam sobre as experiências compartilhadas por várias pessoas surdas. Muitos desses relatos não possuem um registro formalizado, mas fazem parte das memórias da comunidade surda, da qual faço parte. Esse exemplo da violência obstétrica, porém, foi um relato trazido por uma das entrevistadas da pesquisa, como será visto no capítulo das análises.

[9] Atualmente, torna-se mais frequente a possibilidade da presença de tradutores-intérpretes de Libras – TILS em consultas médicas ou de outros profissionais. Mas ainda é limitada às condições socioeconômicas das pessoas surdas, uma vez que o que está previsto do Decreto 5526/05 – garantia de TILS nos serviços públicos de saúde – ainda não é uma realizada concretizada.

surdos possam dizer aquilo que são, sem a mediação dos ouvintes. Isso se aproxima daquilo que foi proposto por Thoma (2004) sobre a inversão epistemológica da anormalidade surda.

Diante do que até aqui foi apresentado, a intenção de minha pesquisa foi *analisar como os surdos idosos narram suas experiências e como estabelecem vínculos na SSRS.* Acreditando que essa análise contribui para a compreensão sobre os vínculos culturais possibilitados pelo encontro surdo-surdo, no passado e no presente, entendeu-se que a SSRS seria relevante para a coleta de dados.

Os surdos idosos foram testemunhas de muitas mudanças ao longo de suas vidas. Logo, precisei estar munida de conceitos que amparassem a investigação, por isso, discorro a seguir sobre a construção da pesquisa, partindo de impressões que tive em minhas experiências, demarcando um início na época em que eu era docente de EJA – Educação de Jovens e Adultos.

No artigo “Narrativas de professores de alunos surdos da EJA no Município de Porto Alegre” (CALDAS, 2016), pude argumentar que as professoras, naquele momento entrevistadas, referiam-se aos alunos mais idosos como pessoas que precisavam de contato com outros surdos, no sentido de que eles, muitas vezes, procuravam a escola muito mais devido aos laços sociais com colegas e professores do que propriamente em busca de escolarização.

Percebi, como professora da EJA, no município de Porto Alegre, assim como confirmei minha percepção ao analisar as narrativas dos professores, que os surdos mais idosos eram o grupo que mais evidenciava essa procura do espaço escolar em função dos laços sociais e comunitários. Essa percepção se deu em alguns momentos específicos em que se podia perceber o desejo desses sujeitos de contar coisas sobre suas vidas.

Esses surdos estabeleciam relações de amizade com outros colegas, gostavam de conversar mesmo durante as aulas, interrompiam as aulas para contar aos professores aquilo que estavam vivenciando. Porém, não eram somente esses momentos específicos que revelavam o papel da escola na vida deles, pois havia casos de alunos idosos que passavam anos frequentando as aulas, enquanto outros, notadamente os mais jovens, concluíam as etapas, obtinham a certificação e iam

embora. Aparentemente os surdos idosos não se importavam de estarem "estacionados" em uma mesma totalidade de conhecimento[10].

Além disso, notei que os idosos sofriam discriminação dentro da família de ouvintes por falta de condições de comunicação, assim como eles expressavam que na escolarização que tiveram na juventude, a comunicação era um problema devido à falta de valorização da língua de sinais pelos professores – a narrativa mais comum era de que "a professora" não permitia que os sinais fossem utilizados, que eram castigados caso insistissem em utilizar qualquer comunicação gestual, etc. Também era notório que a sociedade em geral, no ambiente de trabalho, na mídia, etc., não ofereciam recursos de comunicação para que esses idosos se sentissem acolhidos.

Porém, observei que alguns surdos idosos, ao frequentar a Sociedade de Surdos do RS, em Porto Alegre – SSRS, encontravam e encontram um lugar para conversar, realizar atividades culturais, participar de oficinas, etc. Penso que esse espaço, assim como outras associações de surdos, são, também, lugares onde eles aprendem, onde podem se expressar com mais liberdade e profundidade. Por isso, a SSRS é como uma casa que os surdos buscam para entender, comunicar, perceber, expressar-se de formas artísticas e estabelecer contatos sociais.

Trata-se de um espaço onde todos utilizam a língua de sinais, não há barreira linguística, ao menos em princípio, já que outros fatores podem influenciar nessa comunicabilidade. Com isso, a SSRS não é vista como um lugar perfeito, haja vista que existem surdos que não conseguem acessar essa comunidade por vários motivos.

Diante do que foi posto, destaco como Objetivo Geral da pesquisa a proposta:

– Analisar como o espaço da SSRS se constitui como ambiente propício para o estabelecimento de vínculos comunitários e da experiência de Ser Surdo.

E, como Objetivos Específicos:

– Registrar narrativas dos surdos idosos, para que o ponto de vista dos surdos seja visto;

– Compreender como os surdos idosos estabelecem vínculos em uma comunidade surda;

---

[10] Totalidade de conhecimento: forma de organização curricular das escolas municipais de Porto Alegre. Em resumo, as totalidades possibilitam a interdisciplinaridade e a flexibilidade na progressão dos alunos, conforme seu desenvolvimento. (SMED/PORTO ALEGRE, 1997).

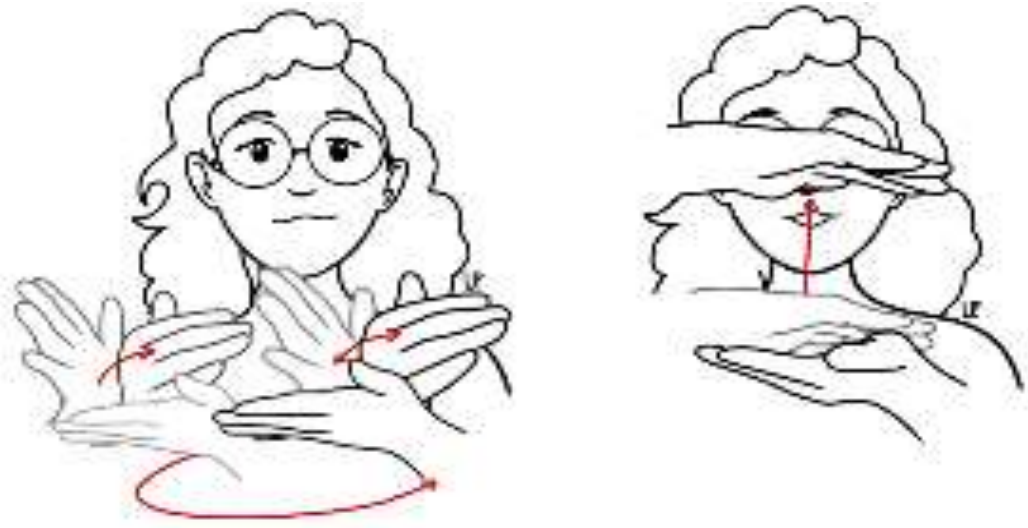
– Relacionar vínculos culturais e a subjetividade dos surdos idosos;

– Entender o que há de específico na experiência dos surdos idosos com uma comunidade surda.

Diante dos dados da pesquisa realizada, destaco a relevância cultural e social da SSRS na vida dos surdos, pois se trata de um espaço conquistado através da luta e que exerce grande influência na formação da comunidade surda porto-alegrense e gaúcha. A análise das narrativas de surdos idosos que frequentam a SSRS deve ser precedida de uma busca por pesquisas que se aproximam desse tema e de teorizações que delimitem o objeto, a metodologia e os recursos analíticos. Para verificar o quanto a formação de vínculo nesse espaço cria formas de relação entre os surdos, dos surdos com a sociedade e dos surdos em relação a si mesmos, pensa-se que a comunicação plena contribui para a construção das subjetividades surdas.

1.3 ESTADO DA ARTE: PESQUISAS RELEVANTES

Figura 5 – Sinal de Estado da arte



Para situar o campo em que a pesquisa foi realizada, considerei importante uma busca de pesquisas e publicações — um estado da arte — com os principais temas a serem aprofundados na minha tese, quais sejam: Cultura; Língua de sinais; Narrativa; Surdo idoso e Gerontologia. A ideia inicial era constituir um *corpus* de

pesquisa com a delimitação temporal de um período de dez anos, ou seja, de 2007 a 2018 – 2018 foi o ano em que ingressei no doutorado –, no banco de Teses e Dissertações do IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia[11]. Contudo, os resultados foram muito restritos e, por isso, o recorte temporal limitaria sobremaneira o volume de dados. A partir de agora serão expostos, aqui, os resultados desse levantamento científico e bibliográfico realizado no dia dezenove de setembro de dois mil e dezoito.

As primeiras pesquisas foram relativas aos termos “surdo” e “envelhecimento" e foram encontrados seis resultados: quatro dissertações e duas teses. Contudo, os assuntos não foram estudados pela área da Educação, mas da Fonoaudiologia, Ciência da Informação e Gerontologia. Ou seja, predominantemente da área da Saúde. Em seguida, pesquisei sobre “Libras” e “envelhecimento” e obtive doze resultados: sete teses e cinco dissertações, e, novamente, todos da área da Saúde e Ciência da Informação. Esses dados remetem à importância e à relevância do meu assunto, porém, eu prefiro abordar a comunidade surda a partir do viés teórico dos Estudos Culturais e a Educação, principalmente sobre como a população idosa surda mantém vínculos em função de seus encontros.

Ao pesquisar “surdo” e “idoso” encontrei dezoito resultados: treze dissertações e cinco teses. Os assuntos principais são: Surdo idoso – 4 ocorrências; Idoso – 3 ocorrências; Surdez – 3 ocorrências; Auxiliares de audição – 2 ocorrências; e Deficiência auditiva – 2 ocorrências. Destaco aqui o diagnóstico clínico e não social, pois esses resultados são de áreas de pesquisa em Saúde e Medicina. Apenas Ferrari (2010) pesquisa na área da Educação.

Em sua pesquisa, Ferrari (2010) aborda a Educação de jovens e Adultos e dentre o público dessa modalidade educacional estão incluídos os surdos idosos. Ferrari realizou seu estudo desde a linha de pesquisa Ciência da Religião, porém, a partir da perspectiva da Educação Especial. O foco da pesquisa é a Educação de Jovens e Adultos como modalidade educacional dentro da Educação Especial.

Após esses dados, refinei a pesquisa com as palavras “Libras” e “Gerontologia”, obtendo três dissertações: uma na área da Saúde e duas das Ciências Sociais. Neste momento, destaco a pesquisa de Sousa (2016), que foi intitulada *Os processos de inclusão social, educação e saúde: uma análise qualitativa dos surdos idosos do*

[11] Pesquisa do site sobre os dados bibliográficos do IBICIT disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/.

Distrito Federal. Além disso, ao pesquisar sobre “surdo idoso” e “gerontologia” obtive novamente o resultado de Sousa (2016) e, também, de Spadafora (2012) com a dissertação de mestrado *Velhices na surdez contemporânea*.

Spadafora (2012) trata da temática do envelhecimento a partir do viés da identidade, focando nas representações da incapacidade, da patologia e das limitações em função da audição. A autora aborda, portanto, a visão centrada no entendimento audiológico da surdez e seu cruzamento com a questão do envelhecimento, no sentido de que os sujeitos surdos idosos são vistos socialmente como pessoas com limitações auditivas, o que causa uma exclusão pelo fato de esses não se encaixarem no padrão esperado, tanto de juventude como de capacidade auditiva.

Ainda sobre a pesquisa de Spadafora (2012), ela também discute a necessária mudança de concepção sobre a suposta perda progressiva de capacidade física e crescente limitação vivenciada pelos idosos. É realizada a distinção em relação ao ensurdecimento de idosos ouvintes, que também são representados socialmente como incapazes, a partir de um ponto de vista biologicista. A autora conclui que é preciso superar a visão reducionista da surdez e que é preciso investir em alternativas de comunicação em razão do atendimento de idosos surdos na rede de saúde.

Sousa (2016) realiza sua investigação a partir da Gerontologia, detendo-se em processos de inclusão social em Educação e Saúde. Sua pesquisa consiste em uma análise qualitativa dos dados. Resumidamente, seu estudo mostra preocupação quanto à comunicação, na área da Saúde de surdos idosos, mostrando as barreiras comunicacionais, indicando as tentativas fracassadas de comunicação através da leitura labial e que, portanto, é preciso oferecer atendimento em Libras aos idosos surdos.

Ao pesquisar sobre “surdo idoso” e “cultura”, obtive resultado de cinco teses e duas dissertações. Contudo, os resultados não foram tão satisfatórios, cabendo destaque apenas para, novamente, Ferrari (2010), com a pesquisa intitulada *Agrupamentos Espontâneos de Jovens e Adultos Surdos: um estudo de suas trajetórias e composição*, em que a pesquisadora observou reuniões sistemáticas de surdos em locais públicos e suas atividades sociais. Visando compreender as formas de composição dos grupos, a autora acompanhou três grupos de surdos da cidade de São Paulo, seus protocolos de convivência, a diversidade da surdez que era

evidenciada em tais encontros e as marcas biológicas que os sujeitos carregavam, bem como traços psicológicos e atravessamentos socioeconômicos.

Durante a coleta desses dados, a pesquisa dessa autora revelou não ser possível classificar os surdos em uma única categoria. O fato de que em um mesmo espaço havia diferenças entre os integrantes das reuniões comprova que é preciso entender esses subgrupos como: atravessamentos de geração, posição social, estado civil, nível de escolaridade, jovens, adultos, idosos, enfim, são recortes importantes, mesmo que todos utilizem a Libras.

Ao investigar sobre “surdo” e “subjetividade”, Cardoso (2014) discute sobre os sentidos subjetivos relacionados à motivação de alunos surdos para participarem do clube do pesquisador mirim do Museu Paraense Emílio Goeldi, que trata sobre Educação, Arte e História da Cultura. No entendimento da autora, a motivação dos alunos é o que produz subjetividades, algo que pode ser interpretado como vínculos estabelecidos, a partir do interesse em frequentar um espaço de aprendizagem de temas científicos em função da convivência com outros surdos e ouvintes.

Já a pesquisa de Garcia (2015) é totalmente voltada à Fonoaudiologia e o título da pesquisa é *Implante Coclear: estudos concernentes à biopolítica, ao biopoder e ao biocapital*, sendo constituída de três volumes. Garcia (2015) realizou sua tese de doutorado tematizando a Educação, Arte e História Cultural. O foco da pesquisa é o Implante Coclear. O autor pondera as diferenças entre homem e máquina e verifica a influência da linguagem e dos discursos clínicos da medicina e as diferenças da perspectiva da Educação.

Além disso, Garcia (2015) investiga a noção de *ciborgue* e de “biônicos”, e como essa ideia de robotização da sociedade vem ganhando força. Ele tem como referencial teórico a obra de Michel Foucault, a partir dos conceitos de biopoder e de biopolítica e como esses são negociados. O autor questiona sobre as peças orgânicas ou inorgânicas, discutindo sobre matéria viva e matéria morta, nesse sentido, como homem e máquina se relacionam.

Assim, verifico que isso se aproxima do fato de que os Implantes Cocleares são oferecidos pelo SUS, sendo, por isso, elementos do biopoder que influenciam fortemente a sociedade. É também apontado o fato de haver nomenclaturas específicas para surdos e ouvintes, como: surdos, surdez, implantes de biônicos do ouvido. Também é relatado que em países como Argentina, Chile, Portugal, entre

outros, há uma forte campanha da indústria, verificando-se, assim, uma cultura da normalização como um sonho de tornar a sociedade homogênea.

Essa pesquisa sobre o estado da arte me ajudou a perceber as recorrências dos conceitos que serão abordados na minha pesquisa. É importante perceber que foram poucas as investigações que se aproximaram da minha discussão em termos teóricos e metodológicos. Percebo, com isso, que minha investigação traz elementos ainda pouco discutidos e que precisam ser trazidos à luz.

Destaco os estudos de Giacomet (2015) e Spadafora (2012). Esse último, em seu estudo, desenvolve a pesquisa que mostra que a velhice, definida pela fala externa ao sujeito, tem sido representada por meio de identidades estigmatizadas, incapacitantes e patologizadas, restringindo ou impedindo a escuta das singularidades e diversidades humanas em suas formas plurais de envelhecer.

Após essa pesquisa, reitero a relevância do meu estudo, pois são ainda raros os estudos acadêmicos sobre envelhecimento e surdos idosos na perspectiva da Educação. Precisamos reafirmar o discurso sociocultural do povo surdo para tentar diminuir a visão estritamente clínica que a sociedade ainda tem sobre nós surdos.

Para perceber como os surdos idosos interpretam suas atuações na comunidade surda é preciso buscar estratégias de incentivo à narrativa, fazendo com que os sujeitos falem de si e de sua relação com o espaço da SSRS. Através de uma análise do estabelecimento de vínculo e de apropriação da cultura em um ambiente favorável à comunicabilidade – pelo uso da Libras –, visa-se entender a construção de sua subjetividade e vínculo cultural. Mas o que são os vínculos culturais? É preciso definir a maneira como essa ideia é concebida, porém, entendo que ao longo da investigação, a partir das entrevistas e análises, construiu-se uma noção de vínculo cultural que tem muita relação com a experiência cultural dos surdos, algo que eu reconheço em mim e nos meus pares.

Para relacionar os vínculos culturais e a subjetividade dos surdos idosos, a partir da forma como narram suas experiências de vida, é preciso ter um olhar atento para aquilo que eles consideram determinante na vida em comunidade. Que tipo de mudanças foram percebidas ao longo do tempo? Que tipo de influência teve a SSRS em suas vidas, sendo um espaço onde a Libras é utilizada de maneira irrestrita? Para alcançar esses objetivos foi preciso que as conversas com os surdos explorassem a maneira como eles interpretam suas atuações na comunidade surda e que se registrasse as narrativas.

Nessas narrativas se esperou ter ideias de tipos de experiência possibilitadas pela participação na comunidade, que foram capazes de enfrentar formas de vida impostas e que também não tiveram sucesso nesse enfrentamento. Daí se pensa ter uma ideia sobre o funcionamento daquilo que compõe a subjetividade desses sujeitos, ao longo de suas vidas, e suas transformações.

1.4 QUAIS FORAM AS IDEIAS INICIAIS DA PESQUISA?

Um pressuposto desta pesquisa foi a relação dos idosos surdos com o espaço da comunidade surda organizada. Participantes da SSRS, em diferentes períodos de suas vidas, vivenciaram momentos significativos para a comunidade surda local, como para a construção de seus jeitos de serem surdos. Devido a isso, o registro de narrativas desses sujeitos foi a estratégia escolhida para a realização da pesquisa.

As entrevistas ajudaram a entender a comunidade como alternativa à privação de língua e de cultura. Ao ingressar na comunidade da SSRS, o sofrimento causado pela da falta de comunicação em Libras com os familiares e a sociedade em geral começa a desaparecer. Mas será que todo o sofrimento desaparece? Será que é possível deixar de sofrer? Penso que fazer parte de uma comunidade é positivo em muitos aspectos, principalmente em relação à construção da identidade cultural. Mas, existem mais aspectos, tanto positivos como negativos, uma vez que as interações com os outros são sempre carregadas de efeitos para os indivíduos.

A SSRS é um espaço de convivência, onde os sócios se encontram regularmente – há dias definidos para os encontros, festas, etc.– para conversar, trocar experiências de vida, de trabalho, ajudar uns aos outros, realizar debates sobre temas importantes para os surdos. Mas, esse espaço não foi pensado por pessoas externas à comunidade, mas pela própria comunidade dos surdos.

Ao contrário de várias ações de governo, de entidades assistenciais e de serviços voltados para o público idoso, a criação da SSRS foi algo que partiu dos próprios surdos através de suas lutas. Os idosos da SSRS mantêm vínculos sociais por décadas, graças à existência dessa comunidade.

Existem muitas políticas públicas voltadas para o idoso desde que a Lei 8.842/94 – que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso (PNI) e cria o Conselho

Nacional do Idoso – foi criada e passou a servir de subsídio para ações de secretarias de estados e municípios. Em relação à saúde do idoso, que é um dos temas mais focados nessas políticas, há definições e recomendações em termos de saúde física e mental. É algo claro para mim que os surdos idosos são duplamente prejudicados, sofrendo limitações quanto à acessibilidade comunicacional na rede pública de saúde e no convívio familiar, trabalho, lazer, etc., que são aspectos fundamentais para a saúde mental.

Na vida em sociedade, todos são submetidos a definições e normas. As instituições e suas regras exercem sua força nos sujeitos, que podem aceitar as imposições, rejeitá-las ou resistir a elas. Resistir não é a mesma coisa que rejeitar. Rejeitar seria eliminar algo completamente, dizer “não” de forma definitiva. Resistir é como se as imposições lançadas sobre os sujeitos fossem parcialmente aceitas. É como se houvessem forças que lutam entre si o tempo todo.

Porém, não há como saber de onde vêm essas forças. Foucault (1979) diz que o poder não se origina nas instituições e nem se dirigem a sujeitos. O autor diz que o poder “atravessa” instituições e pessoas, sendo uma ação sobre ações. Entendo que isso pode ser exemplificado da seguinte forma: imaginemos que dois sujeitos, um idoso ouvinte, que está perdendo a audição – que eu entendo como sendo um *idoso surdo* – e um surdo, idoso, que se comunica através da Libras – que eu entendo como sendo um *surdo idoso* – vão ao médico ou ao fonoaudiólogo. Aquilo que esses profissionais prescrevem a cada um dos pacientes, é, digamos, a solicitação de exames e a recomendação de uso do aparelho auditivo. Mesmo que as recomendações fossem idênticas para cada um deles, eles seriam afetados de formas diferentes.

Isso se justifica porque os ouvintes, que foram perdendo a audição ao longo da vida, valorizam a audição, precisam dela, aprenderam a se comunicar oralmente, gostam de ouvir música, falar ao telefone, etc. Já o surdo idoso tem uma experiência com a audição marcada de maneira muito específica. Para o surdo idoso, por exemplo, não faz falta ouvir música, simplesmente porque não foi algo de valor para ele.

Então, com essa ideia foucaultiana de “ação sobre ação”, fica muito claro que o ouvinte ensurdecido aceitará muito mais as recomendações dadas pela área médica. Já o surdo idoso irá resistir mais, e não porque rejeita, mas porque a verdade dos surdos não é a mesma verdade dita pelos médicos sobre eles. Nós surdos não

queremos aquilo que os médicos e fonoaudiólogos imaginam que nós queiramos. Acredito que existe uma prova de que os surdos resistem: quanto menos o surdo conhece a língua portuguesa, mais ele resiste.

Todavia, o surdo também está sendo envolvido por toda a expectativa da área médica e da normalidade ouvinte. É como se nós surdos estivéssemos no centro de uma arena e todos os ouvintes estivessem em torno de nós. Mas nós não conseguimos explicar para eles o que significa nossa experiência e nossa relação com a língua de sinais. Então, eles continuam teorizando sobre aquilo que nós queremos, somos e precisamos.

Essas forças são presentes nas sociedades, mas, especificamente nas sociedades modernas, a ciência passou a ser mais importante do que a religião[12]. Acontece que a ciência é vista como verdade porque ela está aliada com o poder. É como se as palavras do médico, por exemplo, limitassem a vida dos surdos, algo que ocorre também com os idosos em geral.

Os idosos surdos são diferentes dos surdos idosos porque a ciência, representada pelos médicos, oferece aos que estão perdendo progressivamente a audição algo que eles desejam, algo que eles entendem como a verdade deles. O que a ciência oferece aos surdos idosos não é a verdade deles. Claro que, muitos surdos assumem aquilo que Skliar (1998) chamou de *ouvintismo,* que é entender a sua própria experiência a partir da ideologia ouvinte. O conflito se dá quando os surdos conseguem se reunir em torno de uma comunidade. Aí eles começam a duvidar daquilo que sempre lhes foi imposto.

Segundo Veiga-Neto (2004) a modernidade não é um período em que a ciência "descobre" a verdade absoluta. Não! A ciência, através de seus discursos, produz verdades, que se constituem pelas relações de saber e poder, na Verdade.

> Um dos primeiros autores que formulou explicitamente esse entendimento foi Lyotard, ao dizer no início dos anos 70 que os pressupostos sobre os quais se assenta a Modernidade não são uma descoberta do Iluminismo, mas uma invenção do próprio Iluminismo, isso é, uma construção geograficamente localizada e historicamente datada e, enquanto tal, não são nem eternos, nem transcendentais, nem universais, nem insuspeitos. Ao contrário, esses pressupostos funcionam como narrativas, semelhantes aos mitos, que acabam por legitimar as instituições, as estruturas e as práticas sociais (VEIGA-NETO, 2004, p. 40).

[12] Na Antiguidade e na Idade Média os surdos eram vistos, nas sociedades ocidentais, como um castigo de Deus para pais pecadores.

Os surdos acabaram sendo “amarrados” pelos discursos da medicina, que favoreciam a oralização. Todos os grupos estão à mercê, com mais ou menos intensidade, das normas, limitações, punições, etc. Mas penso que existem grupos com mais condições de resistência àquilo que é definido. Outros, ao contrário, parecem não ter escolha a não ser aceitar o que se diz sobre eles e seguir as ordens impostas. Os idosos são um grupo constantemente submetido àquilo que os mais jovens decidem. Os surdos, de uma forma diferente, também são submetidos a decisões sem que possam dar a sua opinião.

Desde a década de 90 do século XX, no Brasil, os idosos têm sido alvo frequente de políticas que visam um envelhecimento ativo. Nessas políticas, considera-se que um envelhecimento saudável precisa ser acompanhado de atividades físicas e mentais. Essas, não servem apenas para criar direitos e, assim, ensejar políticas que coloquem em prática ações que visem melhorar a vida dos idosos. As políticas também mostram o que se define como ser idoso, quais requisitos definem esses sujeitos. Somado a isso, percebe-se uma forma de abordar a velhice, quais seus papéis sociais e o que se espera de pessoas que atingem a terceira idade.

Em 2005, a Organização Mundial de Saúde publicou um documento chamado *Envelhecimento ativo: uma política de saúde* (World Health Organization, 2005). Esse documento serviu de parâmetro para as políticas voltadas ao idoso no país e trouxe definições em relação ao que se considerou um *envelhecimento ativo.* Além das definições explícitas sobre a terceira idade como: fatores físicos e mentais característicos do processo de envelhecimento, pode-se perceber que há no documento um conjunto de marcas discursivas que estreitam tanto a noção de velhice como a de saúde. Percebi isso porque, por exemplo, ao falar de perda auditiva, o único parâmetro conceitual é clínico, logo, as ocorrências das palavras audição, auditiva, audiológico, etc., estão sempre ligadas a algo negativo e patológico. Cito abaixo alguns desses trechos.

> O aprendizado individual, mais prática e ajustes físicos (como o uso de caracteres impressos maiores) podem compensar a diminuição na acuidade visual, na audição e na memória de curto prazo (WORLD HEALTH ORGANZATION, 2005, p. 30).

> Estima-se que mais de 50% das pessoas de 65 anos ou mais, em todo o mundo, apresentam algum grau de perda de audição (OMS, 2002). Essa perda pode causar dificuldades de comunicação, o que por sua vez pode levar à frustração, baixa auto-estima, reclusão e isolamento social (WORLD HEALTH ORGANZATION, 2005, p. 36).

> As políticas e programas precisam ser estabelecidos para reduzir e, eventualmente, eliminar deficiências auditivas que podem ser evitadas e ajudar as pessoas com perda de audição a obter aparelhos auditivos (WORLD HEALTH ORGANZATION, 2005, p. 36).

O documento se refere à perda auditiva como algo que precisa ser reduzido e eliminado. Em nenhum momento se pensa no ser surdo como algo que pode ser natural para os sujeitos. O documento trata, por isso, apenas de um ponto de vista da experiência da surdez. Não se pensa a possibilidade de existirem surdos idosos que cresceram surdos e têm orgulho de sua diferença. Na única passagem que o documento cita a *linguagem de sinais* (sic.)[13], essa aparece apenas como algo a ser ensinado aos idosos para que possam continuar se comunicando e, mesmo assim, é citada depois da opção de protetização auditiva. O conceito de saúde em que se baseia esse documento parece ser muito limitado, porque esquece de haver surdos que já sabem e utilizam a língua de sinais e precisam de ações que promovam a acessibilidade nos espaços de convivência.

A manutenção de atividades sociais através dos encontros comunitários, mesmo diante do envelhecimento do corpo, é algo positivo para os idosos. Pereira et. al. (2016) realizou uma pesquisa de levantamento bibliográfico em busca de trabalhos que pensassem a contribuição dos grupos de convivência e políticas públicas na promoção do envelhecimento saudável. Como um dos resultados, verificou-se que os idosos que participam de grupos de convivência são mais ativos, saudáveis e felizes.

A SSRS é um ponto de encontro de uma comunidade surda, havendo aspectos que podem ser relacionados com os resultados da pesquisa de Pereira et. al. (2016). Os surdos idosos que frequentam a SSRS são, como foi constatado pela pesquisa citada, também, mais ativos e comunicativos, como os próprios entrevistados relataram.

Mas, há diferenças a serem levadas em consideração para que se possa entender como os surdos idosos estabelecem vínculos sociais ao frequentarem a SSRS. Primeiro, o aspecto de gênero, já que se observa que os homens surdos frequentam mais a SSRS do que as mulheres[14]. Outro ponto que considero relevante

---

[13] O uso da expressão *linguagem de sinais* ainda é muito frequente, apesar de ser incorreto quando se refere às línguas de sinais.

[14] Acho pertinente compartilhar a minha experiência nesse assunto. Nós, mulheres surdas, casadas, quando resolvemos ir sozinhas na SSRS, somos questionadas sobre os nossos maridos. Há um estranhamento em relação à “coragem” das surdas irem desacompanhadas aos encontros. Isso parece contraditório em relação a uma história de protagonismo de mulheres surdas, o que já vem

é o fato de que os idosos que aparecem no levantamento de Pereira et. al. (2016) frequentam grupos que se compõem exclusivamente de pessoas idosas – com exceção de mediadores, cuidadores, educadores, assistentes sociais, etc., que eventualmente acompanham esses grupos. Na SSRS, por outro lado, há uma realidade bastante singular. Trata-se de uma Sociedade de pessoas surdas de várias idades: desde adolescentes até idosos.

Os encontros entre gerações diferentes na SSRS provocam a convivência de diferentes formas de entender o Ser Surdo. Isso se dá em função do contato com jovens que vivenciam um momento distinto do que foi constatado anos atrás pelos surdos idosos. Os surdos mais jovens vivenciam conquistas acadêmicas e de trabalho que não eram oportunizadas aos surdos de antigamente. Nisso, pensa-se que:

1) A comunidade é uma alternativa à privação, tanto em termos de língua como de cultura, amizades e relações confiança. Antes de serem frequentadores da SSRS, os surdos praticamente não se comunicavam com ninguém fora do círculo familiar;

2) A manutenção de atividades sociais ocorre através dos encontros comunitários, mesmo diante de limitações físicas e de dificuldades de deslocamento para a sede da Sociedade;

3) Os encontros na associação entre gerações diferentes provocam uma amplitude de modos a experienciar o Ser Surdo, em função do contato com jovens que vivenciam um momento distinto do que foi constatado anos atrás: conquistas acadêmicas e inserção no mercado de trabalho, que não eram oportunizadas aos surdos antigamente.

As três dimensões acima sugeridas são acompanhadas da ideia de que a associação é um lugar de encontro comunitário, onde são possíveis construções diversas em termos culturais. Pode-se dizer que, em outros lugares, tais transformações não seriam possíveis porque não haveria ativação de relações sociais, vínculos afetivos e históricos, e discursos que valorizem o sujeito surdo como capaz de se realizar como pessoa sendo Surdo.

---

sendo analisado em diferentes estudos acadêmicos como Klein; Formozo (2007), Krause (2017), Perlin; Vilhalva (2017), Rangel; Klein (2020), entre outros.

1.5 COMUNIDADE COMO ESPAÇO DE ENCONTRO CONSIGO

Enfatizo que a ideia central que me acompanha nesta tese seria que, apesar de todas as diferenças que nos compõem, nós seríamos, essencialmente[15], surdos. Tal pertencimento, entretanto, não é algo dado, ao contrário, nós lutamos para que tal pertencimento aconteça. Ter a oportunidade de pertencer a uma comunidade não faz com que os surdos sejam e vivam das mesmas formas. É o contrário: na comunidade surda é que as diferenças entre nós ficam mais nítidas. Eu percebo que sou diferente dos homens, dos homossexuais, de outras mulheres surdas que têm vidas diferentes da minha, e só foi possível eu perceber essas diferenças porque a comunidade me ensinou a língua de sinais, que é a forma como eu interpreto o que eu vejo. Fica claro para nós, sujeitos surdos, que somos sujeitos plurais. O sonho de sermos uma comunidade nos deu a oportunidade de entender o significado de uma comunidade.

A comunidade, assim como os sujeitos surdos, resiste. É preciso lutar e resistir para continuar existindo. As comunidades surdas são, geralmente, formadas em torno de locais como escola, igreja e associação. Nesses locais acontecem os encontros, as conversas, o movimento político, etc. Penso que essa maneira de organizar comunidades surdas se parece com a de outros grupos sociais. Os indígenas, por exemplo, assim como os surdos, formam comunidades de minoria linguística. Por outro lado, os indígenas têm lutas específicas e com o direito aos territórios indígenas, permanentemente necessitam de lutas para se manter. Os povos originários, assim como os surdos, também têm a vivência de sua cultura atravessada pela cultura dos colonizadores. Seguindo as palavras de Bauman (2012, p. 31):

> A marca da modernidade é a ampliação do volume e do alcance da mobilidade e, por conseguinte, de forma inevitável, o enfraquecimento da influência da localidade e das redes locais de interação. Mais ou menos pela mesma razão a modernidade é também uma era de totalidades supralocais de “comunidades imaginadas” orientadas ou aspiradas de construção de nações – e de identidades culturais “compostas”, postuladas ou construídas.

As culturas estão relacionadas ao grupo em que os seres humanos estão inseridos e nas experiências de cada sujeito, assim como se expressam de diferentes

[15] Aqui não entendendo haver uma essência surda, mas no sentido de condição primordial de distinção e pertencimento, como proposto por Witch; Lopes (2018).

maneiras e circulam na sociedade de diferentes formas. A linguagem é o que existe de comum em toda a produção cultural e as línguas consistem em sistemas que expressam a complexidade do pensar, da interpretação, enfim, de todas as capacidades inerentes ao humano como ser cultural.

Porém, como se percebe na citação acima, a linguagem, ou a língua, não garante a unidade nem a estabilidade de um grupo social. As culturas são construídas, inventadas e reinventadas mesmo que existam mudanças como a que é apontada por Bauman (2012).

Sendo assim, existem ainda os grupos que se reúnem da maneira mais tradicional, através dos encontros em que se estabelecem formas de interpretar o mundo e regras de convivência. Mas, essas características do grupo estão o tempo todo sendo modificadas por causa das mudanças sociais, tecnológicas, culturais, morais, etc. Os surdos formam comunidades diversas, grupos sociais que dependem de outros elementos. Esses outros elementos são: variações regionais, de idade, de grupo socioeconômico, de gênero, de sexualidade, de religiosidade, etc.

Existem essas características, esses “cortes” que diferenciam os surdos entre si. Mas, também, é preciso refletir sobre a maneira como os surdos enxergam essas diferenças. Entre os surdos, por se tratar de uma minoria linguística, há muitos encontros entre pessoas jovens e idosas, ricas e pobres, etc. Nessas oportunidades, como as que ocorrem na SSRS, não são sempre que podemos dizer que as relações acontecem de forma pacíficas, horizontais, desprovidas de preconceitos. Essas diferenças são cheias de relações de poder, mas entendo que os surdos pensam sobre a diversidade da comunidade, sempre mediados pela proximidade que existe em razão da experiência de ser surdo.

Pensar o vínculo cultural de uma comunidade linguística exige de nós um olhar cuidadoso. São muitas as formas de se produzir, trocar, experienciar e registrar esses vínculos. No caso das pessoas surdas, usuárias de línguas de sinais, não há outra maneira de detectar tais aproximações e construções coletivas senão lançando um olhar sobre os locais onde ocorrem os encontros, a fim de detectar as formas assumidas pela cultura. Mas, esse olhar precisa estar atento às diferenças internas desse grupo, uma vez que não é da mesma forma que, por exemplo, os surdos têm acesso à língua de sinais.

As diferenças são muitas. Um exemplo é a idade em que os sujeitos têm o primeiro contato com a língua. Alguns poucos têm a sorte de nascer em uma família

em que há outros surdos usuários da língua de sinais. Já outros, aprendem somente quando chegam à idade escolar. Outros, ainda, somente têm contato com surdos fluentes em língua de sinais já na idade adulta.

A Libras é a Língua Brasileira de Sinais que é utilizada pelas comunidades surdas brasileiras. As línguas de sinais apresentam características próprias a todas as línguas naturais. A Linguística reconhece-a assim. As línguas de sinais são visuais-espaciais, captando as experiências visuais das pessoas surdas. (QUADROS, 2002).

Libras é uma sigla difundida pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – FENEIS (QUADROS, 2002). Como língua, a Libras não é idêntica para todos os surdos brasileiros, possuindo variações conforme a região, a idade dos sujeitos, a posição social, o nível de instrução e, muitas vezes, mesmo entre uma escola e outra da mesma região há variações bem evidentes. Conforme Machado e Weininger (2018, p. 45):

> o reconhecimento do status linguístico da Libras ocasionou a disseminação dessa língua nos mais variados contextos, ampliando também a quantidade de sinais utilizados e gerando uma maior variação na realização desses sinais. Essa é uma implicação esperada, pois quanto mais viva e em uso uma língua se encontra, mais probabilidade de mudanças e novas formas de uso ela apresenta.

No Brasil, os surdos usuários de Libras possuem costumes e tradições, vínculos afetivos, profissionais e familiares, e esses aspectos são percebidos em lugares específicos como, por exemplo, na escola, igreja, associação de surdos, etc. Entretanto, em decorrência do lugar ocupado pelas pessoas surdas na sociedade, as aproximações culturais, e, logo, linguísticas, sofreram a exclusão e a rejeição, tanto institucionalmente como ideologicamente. Porém, eu sinto que para explicar de maneira clara como se dá a exclusão dos surdos e os efeitos que isso tem na vida desses sujeitos é preciso pensar sobre a exclusão em relação a outros grupos sociais.

Considero essa comparação importante não para mensurar o quanto os surdos são excluídos, mas para mostrar que os tipos de exclusão levam a problemas diferentes. Por exemplo, pensemos na exclusão com base na classe social. Os problemas causados por esse tipo de exclusão vão desde a impossibilidade de acesso à arte e aos artefatos culturais, até a própria desnutrição. A exclusão que é vivenciada por todos os surdos, mesmo aqueles que não utilizam a Libras, é linguística, étnica e cultural. Os surdos que não têm a oportunidade de se comunicar, aprender um ou

mais idiomas, usar a linguagem para entender a organização do mundo, compreender problemas lógicos e noções de tempo, refletir sobre si mesmo, sobre questões espirituais e existenciais, esses sujeitos estão fadados a uma vida de apagamento, de isolamento.

É difícil para a maioria dos ouvintes entender do que realmente se trata quando se fala em “isolamento” dos surdos. Geralmente os ouvintes pensam que o isolamento é um estado em que o sujeito simplesmente não consegue interagir com outras pessoas, por não haver ninguém próximo que tenha disposição para conversar com o surdo. Porém, essa vivência de isolamento é muito mais complexa. Quando ao surdo não é oferecido um ambiente linguístico e cultural rico e diversificado, não é que ele fique sentado em um canto, deprimido, com vontade de ter alguém para conversar, muitas vezes esse sujeito até interage com várias pessoas, porém, não consegue ter uma narrativa, não entende as relações com as pessoas e em alguns casos a pessoa não consegue, sequer, compreender que as coisas do mundo têm relações de significação. Ou seja, muitos surdos que não aprendem nenhuma língua sentem dificuldade de entender uma sequência de fatos, relações de causa e efeito e até mesmo tomar consciência de que as palavras ou os sinais representam coisas, pensamentos, quantidades.

É por isso que eu considero muito forte a proposta de recolher narrativas de surdos. Se pensarmos que o reconhecimento das línguas de sinais como sistemas linguísticos, que nada têm de inferior em relação às línguas orais, ocorreu somente na segunda metade do século XX, podemos imaginar o quanto os surdos sofreram os efeitos da exclusão cultural e étnica.

Como as primeiras associações de surdos datam do final do século XIX, é de se imaginar que os surdos vivenciaram muitos obstáculos ao longo da história. Por isso que, quando recolhemos narrativas de surdos em língua de sinais, nós estamos diante de registros que ainda estão “iniciando”, se os compararmos com a história humana. Faz poucos séculos que se cogitou prestar atenção no que dizem os surdos.

Os surdos idosos, se pensarmos em termos de grupo etário, vivenciaram mudanças intensas ao longo de suas vidas, já que foi somente ao longo do século XX, principalmente nas duas últimas décadas, que se passou a entender que a língua de sinais não é inferior à língua oral. Logo, mesmo que esses surdos idosos tenham passado pela experiência da oralização, eles puderam se juntar a uma comunidade.

E, nesse momento retomo o fato de que há convivência entre surdos idosos e jovens na SSRS.

É satisfatório ver as gerações mais novas alcançarem melhores empregos, níveis de estudo avançados, pois causa também um efeito nesses sujeitos. Eles passam a ver outras possibilidades, que na época de sua juventude seriam sequer imaginadas. Mas há, também, conflitos, como, por exemplo, passou a se verificar, durante o início da primeira turma do Curso de Licenciatura de Letras Libras[16], que muitos surdos mais jovens começaram a tratar de assuntos relativos ao curso durante os encontros da SSRS, fazendo com que alguns idosos se sentissem excluídos por não conseguirem participar dessas conversas.

Focando meu olhar nos surdos idosos é necessário perguntar: *como e onde cada surdo, por exemplo, aprendeu a Libras? Qual a influência da comunidade surda nessa construção? Quais locais expressam tanto a exclusão em relação à cultura majoritária quanto a possibilidade de afirmação e preservação das especificidades deste povo? Tal comunidade, que pode estar localizada dentro da associação de surdos, exerce qual influência nas mudanças da Libras, haja vista que nenhuma cultura permanece imóvel ao longo do tempo? Em que as narrativas dos idosos surdos expõem a construção de sua subjetividade e seus vínculos culturais?*

Com base nesses questionamentos, é preciso entender como se vive sendo surdo. Sendo muitas as maneiras de ser surdo, é preciso entender como os sujeitos se constituem, se transformam. Sabe-se que os surdos vivenciam a exclusão em relação a muitas coisas, mas é preciso entender como essa exclusão vem se transformando. É preciso olhar para a maneira como essa exclusão do passado marcou as pessoas surdas idosas. Por isso, acredito que esses idosos podem ter uma contribuição valiosa relativamente a esta cultura e língua.

Sendo a Libras uma língua minoritária e em situação de “risco” (QUADROS e LEITE, 2014) é preciso manter o foco na maneira como essas vivências marcam as suas vidas e como são narradas. Entender essas narrativas não serve somente para descrever a vida surda de maneira neutra, pois ao prestar a atenção naquilo que dizem, nós estamos valorizando uma forma de viver, de entender o mundo e de falar

[16] Com o impulso do Decreto 5626/2005, em 2006 foi criado o curso de Licenciatura em Letras-Libras. Trata-se de um curso EaD, coordenado pela UFSC, com polos em várias cidades no país. O curso teve a intenção de habilitar professores de Libras para cumprir a determinação do Decreto de que a disciplina de Libras deveria estar no currículo de todos os cursos de licenciatura.

sobre ele. Isso também é uma contribuição para que o patrimônio cultural dos surdos seja preservado.

Utilizo o termo “risco” para tratar das línguas de sinais em razão de serem línguas de grupos minoritários, que circulam em comunidades locais, que têm seu registro em processo de ampliação, que não possuem circulação ampla na sociedade e nos espaços sociais como a academia ou a mídia. Acredito que antigamente o risco era maior, pois não havia legislação para assegurar a acessibilidade em língua de sinais. Porém, é provável que os surdos tenham despertado para o risco das línguas de sinais com o início dos estudos acadêmicos de linguística.

Portanto, concebo que as línguas de sinais se diferenciam regionalmente e também temporalmente, isto é, a língua de sinais de uma geração mais antiga difere significativamente – mesmo que a comunicação entre pessoas de diferentes gerações seja fluída – das gerações mais novas. Essa situação de risco é apontada por Quadros e Leite (2014) como um fenômeno que não ocorre somente com as línguas de sinais, e que mesmo havendo o reconhecimento legal da Libras (BRASIL, 2002), não há garantia de que todas as variações dessa língua estejam resguardadas do desaparecimento.

> No que se refere às línguas de sinais nativas e originais, o fato de estarem associadas a pequenas comunidades que vivem e sobrevivem sob o jugo de grandes estados-nações as coloca claramente numa situação de “risco”, bastante similar à de línguas orais faladas por outros grupos sociais minoritários (e.g. imigrantes e indígenas). Mas o que dizer sobre as línguas de sinais nacionais? Tendo sido “reconhecidas” legalmente, teriam elas superado o estatuto “de risco”? (QUADROS E LEITE, 2014, p. 17).

Registrar os sinais é, portanto, uma ação de preservação e de luta, no sentido de proporcionar subsídios ao campo da educação e de reconhecimento do valor cultural daquilo que circula nas comunidades. Segundo Karnopp (2010, p. 157):

> [...] estratégias políticas, culturais e artísticas foram utilizadas pelo movimento surdo para denunciar a condição de pacientes da audiologia, deficientes auditivos ou sujeitos com “necessidades especiais”, tendo como meta confrontar o modelo clínico-patológico dominante na educação de surdos. Marcar a diferença linguística e cultural das pessoas surdas significou trazer a discussão para o campo político, por meio de uma afirmação da cultura surda, capaz de congregar pessoas em torno de uma proposta política.

A denúncia em relação à audiologia é quanto à violência sofrida pelos surdos nas práticas de oralização, mas é também em relação à noção estreita que se tem da

surdez. É difícil para muitas pessoas ouvintes compreender que uma pessoa surda pode gostar daquilo que é, de sentir orgulho e querer se cercar de pessoas que são como ela.

Historicamente, os indivíduos que nascem ou se tornam surdos na infância são entendidos como “portadores” de surdez, como uma deficiência. Em razão disso, busca-se “curar” os surdos de sua falta da audição. Esse é o viés da saúde entendida a partir do modelo ouvinte. Importante ressaltar que quando me proponho a olhar para o surdo idoso, minha perspectiva não é essa. Meu entendimento do conceito de ser surdo, bem como aquilo que entendo como saúde, não parte do pressuposto de uma normalidade e superioridade ouvinte.

E o surdo idoso? Onde está o seu valor? É muito importante ter o registro dessas pessoas, desses anos de experiência. Essas pessoas cresceram em uma época de resistência ao uso da Libras, tornaram-se adultos buscando espaço e criando situações para construir e praticar sua língua. Somado a isso, garantiram que as novas gerações usassem e se apropriassem da luta e movimentos sociais e midiáticos para divulgar e criar a legislação de direito/acessibilidade e, dessa forma, é mais que justo que se identifique quem são esses sujeitos, suas estratégias de resistência e luta.

Como justificativa para esta tese, destaca-se *a importância das associações de surdos, que são mais do que um ponto de encontro, consistindo em um espaço de socialização de experiências, de aprendizagem e de construção de vínculos culturais*. A Libras é, sem dúvida, um dos vínculos culturais mais presentes e mais discutidos no país como uma língua que permite aos surdos a constituição de sua identidade, como afirmam Perlin (1998) e Gesueli (2006).

É necessária uma discussão sobre os vínculos sociais e culturais das pessoas surdas, fazendo com que essas pessoas possam resgatar questões históricas, artísticas e de memória, assim como fazem as pessoas ouvintes em outros ambientes, como: museus, bibliotecas, etc. É preciso discutir a maneira como os elementos culturais são recebidos pelos surdos, como essas informações circulam e quais usos os surdos fazem desses elementos.

As comunidades surdas, através da Libras, recebem os insumos da cultura majoritária de maneira não plenamente acessível, isto é, a presença de sua língua natural é escassa na mídia, nos artefatos culturais, etc. Por isso, é importante investigar e documentar as maneiras como os surdos interpretam a realidade,

solucionam problemas, ou, em outras palavras, como os surdos vêm, historicamente, (re)interpretando a cultura majoritária e, de outra parte, construindo sua própria cultura, através do vínculo afetivo/pedagógico/cultural/social estabelecido nas comunidades de surdos usuários da Libras.

A expressão “narrativa” é importante, pois o uso de Libras pelo adulto surdo pode revelar essas experiências vivificadas. Ver o contexto social pelo qual esses surdos idosos passaram, como registraram essa vivência e como isso influenciou na construção da sua subjetividade. É importante registrar essa narrativa para nunca esquecer essas personalidades, essas pessoas, identidades e também os sinais desses surdos[17].

Entendo que estabelecer vínculos entre sujeitos e os elementos da cultura requer principalmente a identificação de necessidades dos sujeitos. Ao reconhecer determinada necessidade, o sujeito estará apto para estabelecer vínculo. Para o surdo idoso, o vínculo é constituído no contato com outros surdos ou depende de suas experiências pessoais e da forma como outros vínculos são constituídos.

A diferença linguística determina, muitas vezes, a constituição dos vínculos na vida dos surdos idosos. A maioria dos surdos têm famílias ouvintes e os meios de divulgação da cultura como livros, revistas, mídia eletrônica, museus, teatros também marcam o afastamento dos surdos em relação aos signos que traduzem a bagagem cultural de uma cidade, um estado, um país. Sem esquecer que, a Cultura majoritária na qual o surdo idoso está inserido é uma cultura de ouvintes, representando uma “cultura hegemônica”. É, então, importante salientar que dentro das Associações os surdos encontrarão os artefatos de produções culturais surdas, de protagonistas surdos, dentro da expressão e cultura surda.

Por que é importante salientar a questão da idade do idoso? Por que a pessoa não pensa na ‘idade idosa’ e no processo de ‘envelhecimento’ e que poderá ter perdas: perda de saúde, memória e mudanças no corpo? Antigamente havia uma marca com a questão do velho, chegava-se ao deboche, ao desdém, pois se dizia que alguns idosos não sabiam Libras e isso era horrível, também, sendo essa, uma marca de exclusão.

---

[17] Quando falo em sinais individuais me refiro ao sinal que cada pessoa usuária da Libras ou outra língua de sinais possui. É como um apelido, um “nome social” que consiste em um sinal particular. Sempre que um surdo ou ouvinte passa a fazer parte da comunidade surda e é “batizado” com um sinal que o identifica.

Em compensação, havia, por outras pessoas, o reconhecimento do valor desses idosos por suas vidas e experiências vividas e por estarem presentes nesse processo de mudanças e valorização da Cultura e da Língua do povo surdo. Na verdade, penso que o que falta é sensibilidade e conhecimento.

Tendo em vista que a subjetividade marca as narrativas, compreende-se que, mesmo estando unidos pelo fato de serem surdos, sujeitos de uma mesma comunidade, de uma mesma forma de comunicação, os sujeitos se relacionam de maneiras diferentes com um mesmo objeto. Por isso a pesquisa buscou dar atenção às variações socioeconômicas, nível linguístico, grupo étnico, etc.

1.6 PRIMEIROS ANÚNCIOS SOBRE OS CAMINHOS TRILHADOS NA INVESTIGAÇÃO

Esta é uma pesquisa qualitativa que foi desenvolvida por meio de entrevistas narrativas realizadas com adultos da terceira idade frequentadores/sócios da SSRS, na cidade de Porto Alegre, com adultos da terceira idade, pois é um local que tenho acesso por ser sócia e frequentadora.

Como foi dito na introdução, neste espaço foi realizado um projeto de extensão que foi concluído em dezembro de 2017. A SSRS é um lugar acolhedor para os surdos idosos, sendo que aos sábados, esse grupo encontrava-se na associação para desenvolver diversas atividades, desde conversas até atividades manuais, festas de aniversário, e comemorações em geral.

Além disso, considero importante expor os critérios de seleção dos participantes da pesquisa. O primeiro critério, além do fato de serem surdos idosos, é que são pessoas que se encontram regularmente na SSRS. Nos encontros semanais que ocorrem nesse espaço, os surdos conversam livremente nas rodas de conversa. É um espaço em que cada sujeito vai e se sente à vontade para sinalizar, cada um à sua maneira. Entretanto, para fins metodológicos, penso que o espaço da SSRS poderia dispersar o foco das entrevistas, que são narrativas individuais de cada sujeito e, por isso, decidi que os participantes fossem convidados para conversar em um outro ambiente e de forma individual.

Ao se pensar em vínculos culturais dos surdos idosos, necessitamos recorrer às histórias de vida contadas e vividas por eles, suas subjetividades e experiências, de forma que o *corpus* desse trabalho são narrativas que partiram de entrevistas semi-estruturadas, com algumas questões que atendessem aos objetivos da pesquisa. Logo, não podemos fugir de suas narrativas enquanto construtora de memórias, lembranças do presente e do passado. Para Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 90), “a narrativa como uma forma discursiva, narrativas como história, e narrativas como histórias de vida e histórias societais, foram abordadas por teóricos culturais e literários, linguísticas, filósofos da história, psicólogos e antropólogos”.

Ainda, cabe salientar que foi utilizada a entrevista narrativa, que consiste em “uma situação que encoraje e estimule o entrevistado a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 93). Somado a isso, considerei importante registrar a história e as narrativas tanto em Libras como em língua portuguesa – foram realizadas traduções de todas as entrevistas.

Vale destacar que o processo de aquisição da língua de cada sujeito é diferente e é interessante analisar as narrativas tendo em mente que cada um teve um processo de escolarização diverso, relações variadas com a língua portuguesa, meios diversos de aquisição da Libras e de construção da subjetividade. Para tanto, busquei preparar situações em que as conversas acontecessem livremente, com o mínimo possível de interferência na forma como os surdos narram e como conduzem suas linhas de argumentação.

Cada sujeito tem suas experiências e em grupo são compartilhadas diferentes formas de sinalização: uma Libras diferente. Alguns são oralizados, outros somente usuários de Libras, mas na realidade a pesquisa buscou compreender os vínculos culturais e as subjetividades dos surdos adultos, verificando as experiências visuais, as narrativas e o envolvimento deles em diversos acontecimentos.

> A falta da audição poderia justificar a presença de idosos mostrados e contados em terceira pessoa, ditos por terceiros, já que a pessoa surda utiliza outro tipo de "fala" para se comunicar – a Libras – linguagem desconhecida pela maioria das pessoas. As pessoas profundamente surdas não mostram nenhuma inclinação inata para falar, elas demonstram uma inclinação imediata e acentuada para a Libras, uma língua visual. A Libras, usada pelos surdos, é a voz do usuário, uma voz com força especial, emitida de modo imediato, com o corpo. A Libras surge dos gestos, da representação emocional-motora espontânea. Mas, encontramos paralelo dessa perda da voz em velhices "ouvintes", podemos pensar no sujeito surdo como sujeito

> típico que escanara biologicamente aquilo que é experienciado no silêncio dos sentimentos de tantas outras velhices, idosos surdos como "partes" do "todo" do ser velho (SPADAFORA; CORTE, 2013, p. 267).

A dinâmica dos registros foi baseada em uma conversa informal possibilitando que, naturalmente, essas memórias e vivências sejam trazidas e, para isso, foram feitas filmagens individuais, na casa dos idosos ou em algum lugar neutro, em Porto Alegre, conforme combinações feitas com cada participante. Como temáticas, destacamos aquelas que envolvem a constituição do sujeito surdo idoso desde a infância por meio do resgate de suas memórias em Libras, resgate do convívio na sociedade, relatos com emoção, sentimentos, traumas e esquecimentos, sempre com a naturalidade narrativa de cada pessoa.

A maneira como foram consideradas as variáveis de sexo/gênero, nível de escolaridade, perfil socioeconômico, grupo étnico, etc., foi no sentido de proporcionar discussões que estejam atentas às diferenças internas da comunidade investigada. Seria necessário investir mais tempo para conseguir captar as relações de gênero, raça/etnia, sexualidade, etc.

Por fim, não esquecendo das questões éticas envolvidas em uma pesquisa que registra a imagem dos participantes, foi criado um termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE – e um convite a participar da pesquisa. Isso demonstra a preocupação em relação à integridade dos participantes e a necessidade de variar as formas de abordar os sujeitos, uma vez que alguns deles são pessoas com pouca instrução escolar. Entretanto, foi preciso deixá-los informados de todos os procedimentos, objetivos e encaminhamentos do que seria registrado em vídeo.

Muitas são as investigações que têm como tema a surdez, a língua e a cultura dos surdos, sua aprendizagem e socialização e que tem como fonte dados produzidos em Libras. Porém, ao final do processo, essas pesquisas são registradas e apresentadas em língua portuguesa. É compreensível que isso aconteça porque a Libras foi reconhecida legalmente há poucos anos[18].

Para pesquisar é preciso ler muitos livros e artigos e esses materiais são escritos em língua portuguesa. Então, o pesquisador fica envolvido com os

[18] Existe um movimento, ainda inicial, de registro de resumos de dissertações e teses em Libras. A produção integral de trabalhos acadêmico em Libras ainda é incipiente, tendo como uma referência a tese da Fernanda de Araujo Machado – ANTOLOGIA DA POÉTICA DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA – defendida em 2018, no Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

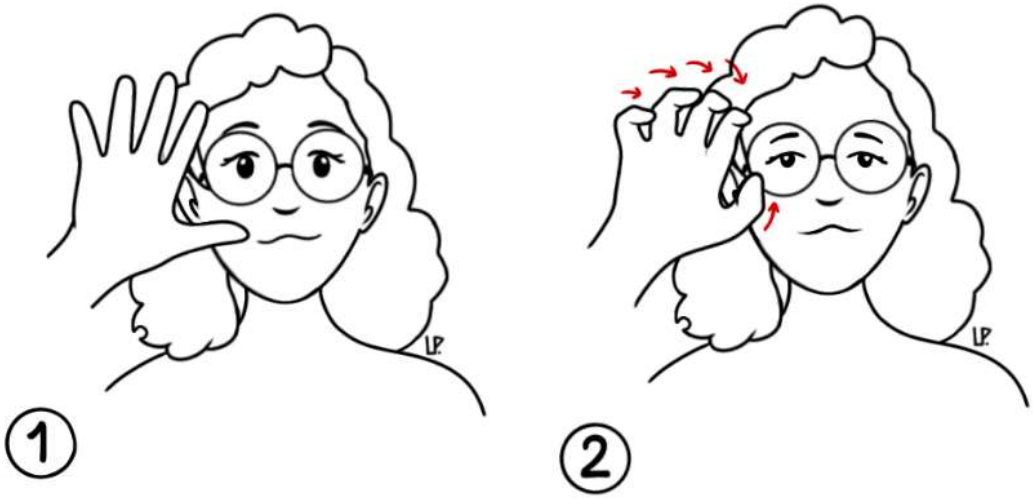
conhecimentos que estão impressos nessa língua e, também, em outras línguas orais. Muitas vezes faltam sinais para explicar os conceitos estudados, sendo a profundidade dos textos algo que os pesquisadores surdos têm, muitas vezes, dificuldade de acessar, pois se trata de uma relação com uma segunda língua, de modalidade distinta daquela da qual é usuário.

Porém, caso já houvesse a tradução em Libras de vários textos científicos, os surdos teriam mais facilidade para ler e para produzir pesquisa em Libras, gravando suas produções em vídeo para que os professores avaliassem seu desempenho. Isso ajuda a justificar a importância de coletar narrativas em língua de sinais para demonstrar o quanto essa língua é importante para o desenvolvimento dos surdos como cidadãos e para que futuramente a Libras tenha ainda mais reconhecimento e visibilidade.

Como derivações da tese, destaca-se a intensão de produção técnica de artigos, capítulos de livros, apresentação em eventos, divulgação desses resultados na Sociedade de Surdos, a partir de projetos de extensão, por exemplo. Além da possibilidade de produção de um documentário, resguardando os cuidados éticos que envolvem uma pesquisa. Com isso, foram registrados vídeos com narrativas para a realização desse estudo, mas também com a intenção de divulgar entre a comunidade surda os relatos de experiências dos surdos idosos e, também, em eventos em escolas de surdos, dentre outros espaços, a fim de promover e preservar a memória social e cultural desse público. Os participantes da pesquisa foram informados e concordaram com a divulgação de suas imagens e narrativas.

Figura 6 – Sinal da gerontologia

Figura 7 – Sinal de envelhecimento



(...) já este se pode apresentar como algo que poderá constituir para os sujeitos por exemplo, os idosos, satisfação de necessidades de enriquecimento pessoal e de convivência e participação social, podendo assumir estes melhores e mais

congruentemente o seu próprio desenvolvimento, com qualidade de vida, beneficiando a sociedade com a sua experiência (SOUSA E RODRIGUEZ-MIRANDA, 2015, p. 34).

2 ENVELHECIMENTO E OS ESTUDOS DA GERONTOLOGIA

Neste capítulo, e nos próximos dois, irei delinear os conceitos que servem como ferramentas teórico-metodológicas para pensar o problema de pesquisa, qual seja: na SSRS, como lugar de encontro, como espaço de socialização de pessoas surdas, percebe-se a convivência de pessoas com experiências diversas em relação ao Ser Surdo. Nisso, percebe-se que a questão geracional é relevante uma vez que expõe diferentes maneiras de se relacionar, de se representar e se narrar como surdo. Para compreender a singularidade do surdo idoso é preciso fazer com que esse reflita sobre o papel que a associação desempenha em sua trajetória.

Sendo assim, a pergunta de pesquisa é: Como os surdos idosos narram suas experiências comunitárias em uma associação de surdos? Ou seja, como a SSRS se constitui como espaço que possibilita aos surdos idosos o estabelecimento de vínculos e de construção de subjetividades?

Para tanto, irei descrever e discutir brevemente alguns conceitos de autores do campo da Gerontologia, dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos, articulados com a Educação. Campos, esses, que são colocados em relação para que o meu foco seja sustentado e ganhe visibilidade, mesmo que sejam poucas as pesquisas que versem sobre o assunto que quero tratar. Sendo assim, trago os conceitos de Envelhecimento, Subjetividade, Cultura Surda, e Educação de Surdos. Ao abordar cada um deles, irei discutir seus cruzamentos com a temática da pesquisa com o objetivo de delinear o contexto da investigação.

Hoje, temos como realidade a legitimação da Libras como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda no Brasil. O grupo humano ‘surdos’ reconhece sua cultura enquanto Comunidade de diferença, distanciando-se da configuração de deficientes.

Assim, considerando que grande parte do curso de vida e a prática social dos surdos, desde a infância até a idade adulta, já foram estudados em diversos lugares do mundo, percebe-se que ainda faltam estudos sobre a terceira idade, mais precisamente, sobre o surdo. Ressalta-se que, a partir de 1970 começaram a surgir alguns estudos sobre essa população – os idosos –, porém não havendo a discriminação dos surdos idosos e seus processos de envelhecimento, suas

especificidades culturais e linguísticas, nem suas experiências com a escolarização e com os vínculos culturais estabelecidos com outros surdos.

Além disso, novas estruturas e organizações foram inseridas nesse contexto de atenção ao idoso. Destaco, aqui, a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, o Estatuto do Idoso, com a criação de Delegacias do Idoso e vários programas sociais e projetos que visam atender às necessidades desse público.

Não penso que o corpo do idoso seja limitado, da mesma forma como não entendo que os surdos sejam deficientes. Existe, hoje, uma maior atenção ao idoso e aos surdos. Por um lado, os idosos têm tido maior expectativa de vida e, por outro lado, eles têm tido mais acessibilidade e mais possibilidades de viver de maneira autônoma em relação a anos atrás, seja devido ao entendimento do surdo como sujeito cultural, seja ainda em relação à tecnologia de reabilitação auditiva, que é a opção de muitos surdos.

Um aspecto que contribui para o aumento na expectativa de vida dos idosos são as atividades físicas. Também destaco que, com o passar dos anos, até o modo de se vestir está em modernização. Revendo o passado, percebe-se que a prática social não reconheceu esses estágios, contudo é necessário rever essa ordem social para então valorizar.

É preciso reconhecer que muitos encaram os idosos como um problema social, contudo, muitos já percebem esses sujeitos como pessoas capazes. Além disso, a tecnologia também vem auxiliá-los em relação à saúde e à autonomia, deixando de ser apenas um corpo preso à idade, pois envelhecer é um processo esperado no ciclo da vida. Alguns eventos podem aumentar ou diminuir a capacidade de cada um, mas tudo isso é um processo que vai se desencadeando dentro de parâmetros esperados.

No livro *A Invenção da Terceira Idade*, a autora analisa a sociedade contemporânea e a criação de uma comunidade de aposentados (DEBERT, 1999), afirmando que isso foi necessário para a criação da noção de “terceira idade”. Percebo que muitos que estão nessa faixa-etária da vida frequentam bailes, festas, dançam, viajam, dentre outras coisas.

Agora, pergunto: e para o surdo? E para o surdo idoso? Por isso que pesquiso esse campo, uma vez que percebi inúmeros estudos sobre a criança, sobre o adolescente e sobre o adulto surdos, mas percebo pouco foco voltado ao surdo da terceira idade. Trata-se de uma área muito relevante, pois essa população tem muito a dizer em relação à identidade e cultura surda. É necessário perceber a relevância

do idoso, pois ele carrega a nossa história e, por isso, pretendi registrar suas narrativas através de filmagens e analisar essas falas e a cultura dessas pessoas.

No capítulo 1 desta tese já abordei sobre as ações e políticas através das quais a sociedade inventa lugares que os idosos podem ocupar, porém, não é dado o devido caráter de como o corpo idoso pode vir a se inserir nesses espaços. É como se a criação desses lugares considerasse o idoso como capaz de ocupá-los, sendo dotados de saúde integral para tal. O que é ignorado é que o corpo e a consciência desses sujeitos enfrentam limitações. Isso é esquecido e o processo de envelhecimento é deixado de lado. As associações, os espaços de convivência dos idosos não são considerados nesse processo de invenção. O corpo envelhecido não é levado em conta no seu processo natural de envelhecimento.

Nessa invenção de espaços de convivência, os idosos encontram limitações. Essas limitações são reais, porém, são ignoradas. A visão é de padronização, no sentido de uma perfeição que não condiz com a realidade. De fato, as limitações existem e são variáveis conforme os sujeitos. Não se trata de enxergar a velhice como sendo negativa, como corpos inválidos, mas se trata de uma necessária aceitação da sociedade em relação à condição vivenciada por esses idosos na constituição de espaços de inserção social. As condições de saúde dos idosos são variadas e é preciso respeitar essas diferenças.

Debert (1999) faz a comparação com duas pessoas que detém diferentes habilidades de expressão artística. Imagina-se uma delas realizando desenhos com fluência, enriquecendo seus traços com detalhes, e outra que não possui condições para tal. Comparando com os idosos, a sociedade pensa mais nas capacidades dos idosos como se fosse um modo de capitalização daquilo que eles podem realizar. Dessa forma, a sociedade ignora que os idosos possuem também limitações, que seus corpos estão em um processo natural de perda de habilidades. É preciso ter mais sensibilidade em relação às diferenças entre eles.

Debert (1999), também explicita os elementos que fazem com que os idosos se sintam ignorados, atribuindo vários fatores como o histórico familiar e o tratamento que os idosos recebem em suas famílias. As histórias por eles contadas são, muitas vezes, de muito sofrimento. É como se a sociedade dispensasse a esses sujeitos uma falsa tolerância, o que ocasiona sofrimento. A falta de percepção da sociedade para com os idosos causa sofrimento. Portanto, é preciso compreender como o corpo idoso

se constitui e é conceituado, a fim de que eles não se sintam ignorados a ponto de desistir de viver.

A autora ainda afirma que é preciso que a sociedade tenha um projeto para o lugar ocupado pela velhice na sociedade, considerando todas as diferenças que ela comporta. Sejam homens, mulheres, ricos, pobres, brancos, negros, gays, heteronormativos, é preciso que se invista na percepção das necessidades e formas de vida que os idosos vivenciam. A partir daí, é preciso investir na criação de espaços como associações, academias de ginástica, projetos que envolvam musicalidade, mas que sejam projetos que considerem essa diversidade do corpo e dos lugares sociais da terceira idade. As universidades também podem se integrar a esses projetos, criando ações voltadas para esse público, o que já vem ocorrendo em várias instituições.

Em sua pesquisa sobre o conceito de velhice, Debert (1999) reflete sobre a relação estabelecida com outros sujeitos, com políticas, com noções estéticas, etc., buscando estabelecer conexões. Ela utiliza a expressão inglesa *experience near concept* no sentido de ressaltar a importância de uma pesquisa que leve em consideração as narrativas das pessoas idosas. A autora diz que, ao valorizar essas narrativas, os idosos podem expressar o modo como se constituíram como sujeitos.

Com isso, evidencia-se a experiência da velhice como algo significativo, construído, amparado por uma visão que parte do próprio sujeito em relação a si mesmo. Sendo assim, a velhice pode ser algo que se difunde a partir da própria narrativa dos sujeitos e não algo externo que os define em função de demandas de uma sociedade que os exclui.

Em relação à construção da Gerontologia, Debert (1999) reflete sobre esse campo de saber a partir de uma ideia de processo, que se constitui sobre percepções e conceitos relativos a todas as idades e não apenas algo limitado à velhice. Ao entender a velhice como um processo de mudança, que é a continuidade de uma vida desde o nascimento, encontra-se uma noção específica de Gerontologia.

Considerar esse histórico é algo fundamental, uma vez que a partir dessa visão se pode compreender como o corpo idoso se constitui historicamente, favorecendo, assim, uma abordagem específica desse campo de investigação. É importante ressaltar esse processo de mudança e de transmissão de significados da velhice no decorrer do processo de desenvolvimento, desde a infância até a terceira idade, a fim

de evitar um olhar estanque em relação a um período. O importante é perceber as relações entre conceitos, visões, formas de vida e lugares sociais atribuídos à velhice.

No Brasil, segundo a Associação Brasileira de Gerontologia, fundada há poucos anos atrás (2009), ainda é possível perceber o desacordo entre uma visão clínica (Geriatria) e a Gerontologia. A Geriatria, enquanto área médica, realiza investigações com a perspectiva científica que considera o corpo biológico e suas funções sociais. Já a Gerontologia realiza um tipo de pesquisa que leva em conta a história dos sujeitos e seus processos evolutivos ao longo do tempo. A oposição entre as duas visões é marcada pelas diferenças de abordagem e métodos de investigação. O que a Gerontologia quer demonstrar é a faceta social e cultural da velhice no seio da sociedade e sendo uma área de estudos de humanidades, é visível que há diferenças em relação à Geriatria.

Na área da Geriatria, por exemplo, há toda uma perspectiva que inclui o lucro, a mercantilização, a venda de produtos de rejuvenescimento, o mercado das cirurgias plásticas, suplementação alimentar, enfim, produtos que serviriam para que os idosos se sentissem mais joviais, fortes, de maneira a compensar as limitações e degradações estéticas que são consequências da velhice. Apesar desse tipo de compensação, de visão positiva da velhice, é notório que a visão clínica não considera, ou melhor, considera de maneira inversa, a degeneração do corpo, que é algo esperado e natural no processo de envelhecimento. Em função desse tipo de abordagem, as diferenças entre Geriatria e Gerontologia ficam ainda mais marcadas.

Por outro lado, é evidente que a visão clínica também traz elementos fundamentais para a vida dos idosos. Por exemplo, a medicina ortomolecular, o controle do diabetes, da taxa de colesterol, o cuidado com problemas cardíacos, questões de saúde mental, enfim, o cuidado com questões que fazem parte do processo de envelhecimento. Todavia, as diferenças em relação à Gerontologia devem ser consideradas.

Debert (1999) faz uma crítica em relação a certas práticas de médicos geriatras quando esses se tornam agentes ativos na publicitação de aspectos positivos da velhice, ressaltando as cirurgias plásticas como alternativas para que os idosos “cultivem” a juventude. Os tratamentos para rejuvenescimento, as fórmulas para reaver a vitalidade de décadas atrás e os procedimentos estéticos são muitas vezes uma forma de “apagar” a velhice, disfarçando seus efeitos no corpo idoso. Esse cultivo da imagem do corpo jovem é algo defendido em diversos eventos de Geriatria no país.

A autora cita um congresso em que era defendido, em uma palestra, que os idosos podem escapar da degradação da velhice, evitar as rugas e evitar, consequentemente, a aparência decrépita de um corpo cheio de marcas da idade. O evento é narrado como se fosse a venda de um tipo de velhice, sendo essa fala aplaudida fervorosamente pela plateia.

Esse tipo de atitude é criticado por ser uma forma de mascarar o processo natural do envelhecimento e todas as suas consequências em favor de uma fuga do envelhecimento. O aspecto humano do tornar-se velho e carregar um histórico de vivências e modificações corporais parece ser, ainda, algo pouco compreendido por muitos profissionais da área da saúde. Em suma, a autora demonstra que nem só de positividade é feita a velhice e que isso não é necessariamente algo ruim. As limitações devem também ser aceitas e compreendidas.

A seguir, darei centralidade à discussão relativa ao conceito de envelhecimento, trazendo as contribuições do campo da Gerontologia, articulados ao foco de minha pesquisa sobre surdos idosos.

2.1 ENVELHECIMENTO

Envelhecer é um processo natural de todo ser vivo, mas o envelhecimento do ser humano é também carregado de valores, de representações culturais, de diferenças e de desigualdades. Alves (2004, p. 12) explica que a virada do século XIX para o XX foi o período histórico da “edificação da velhice como período distinto no curso da vida e dos velhos como uma população identificável socialmente”. Ou seja, a velhice é uma temática identificável nas preocupações dos Estados e das ciências, pois há um início da tematização dessa fase da vida documentado em leis e em pesquisas. Pode-se dizer, portanto, que a velhice é uma construção social.

Ainda na mesma linha de pensamento de Alves (2004), o termo “gerontologia” é visto por dois ângulos: o da geriatria e o da “gerontologia”, como já mencionado anteriormente. Na geriatria o foco que se dá é através do tratamento médico e voltado apenas à saúde do envelhecimento; já para a gerontologia é vista pela perspectiva do processo de envelhecimento, não sendo focado apenas ao físico e ao mental, e sim,

ao social. Reitero que a minha visão não trabalha a visão clínica que trata o surdo como deficiente ou doente e compartilho dessa visão ao pensar o idoso.

Trago, aqui, a visão do idoso surdo como atuante na sociedade, como uma pessoa que há pouco tempo tinha 40 anos e que depois tem 50 e hoje está com 60, 70 anos de idade. Essas pessoas vão às festas, reuniões, viagens e estão ocupando o seu lugar na sociedade, sinalizando e, assim, usando as mãos para se comunicar. Agora indago: toda a sociedade sabe a Libras? Onde eu vejo isso acontecer? Onde a comunidade surda circula?

Vejo, hoje, muitos grupos no *WhatsApp* em que o surdo pode se comunicar instantaneamente por meio de vídeos com outras pessoas. Fato esse que, há um tempo atrás era inviável. Assim, estamos em um momento em que a sociedade reconhece e respeita a língua, tanto é que em alguns consultórios de psicologia, por exemplo, o atendimento já é feito em Libras, diferentemente do que no passado em que essa possibilidade não existia.

A gerontologia tem por base duas posições que se opõem (CARDEC, *apud* ALVES, 2004). A primeira é chamada de teoria do desengajamento, que propõe ao sujeito idoso que se afaste de atividades funcionais, ou seja, que passe a dar preferência às relações mais afetivas e menos ligadas à profissão ou às demandas funcionais. E, a segunda posição teórica é chamada de teoria da atividade, consistindo no contrário da primeira teoria, e, nessa visão, o idoso deve manter sua atividade e apenas mudando o tipo de função, conforme suas capacidades físicas ou mentais. Ou seja, o idoso pode ir ao cinema, passear, ir aonde quiser, pois é livre. Além disso, pode trabalhar, exercitar-se, entre outras atividades.

Em 1970, os estudos sobre envelhecimento começaram no Brasil, abrindo um leque de pesquisas na área. Contudo, percebo que faltam estudos voltados ao surdo idoso. A especificidade do envelhecimento surdo se justifica em função da forma de engajamento social dos surdos e não em razão de alguma diferença essencial. Com isso, afirmo que as pessoas surdas e ouvintes vêm de culturas diferentes. Da mesma forma que envelhecer em países diferentes implica processos e dinâmicas sociais diversas.

De qualquer maneira, acredito que o envelhecimento é um DIREITO. É direito de ter uma vaga reservada nos estacionamentos, é direito de ter atendimento em fila específica, entre outros. Muitos países vizinhos, como Chile, Argentina e Uruguai possuem políticas que podem servir de referência para o Brasil.

Dentre as definições de idoso, velhice, terceira idade e envelhecimento, eu opto por utilizar a nomenclatura idoso. Ainda há quem pense que o idoso fique somente em casa, com a sua família que o cuida, ou que ele só sirva para limpar a casa enquanto o seu filho o manda. Isso é uma violência. Contudo, a mídia vem lançando o termo "melhor idade", manifestando-se em novelas, por exemplo, com uma nova postura: mais jovial e extrovertida.

Na sociedade contemporânea em que estamos inseridos, a televisão é algo que influencia muito nas opiniões sobre moda e comportamento, modificando a nossa personalidade e para o idoso isso também acontece. O surdo idoso fica parado, estático? Não, porém, percebo que o surdo idoso ainda sofre. Muitas famílias deixam-nos encarregados de cuidar dos netos ou da casa sem valorizá-los como sujeito. Ou pior, utilizam o dinheiro do seu benefício ou aposentadoria para outros fins, que não os investimentos na vida desse sujeito. Por isso, sempre digo que o diálogo e a interação são fundamentais para a nossa cultura, bem como a educação escolar e acadêmica, que vem olhando para trás e pensando no futuro em relação ao envelhecimento.

O envelhecimento e mesmo o desgaste do corpo são questões tanto objetivas como subjetivas, no sentido de que, por um lado, o sujeito precisará de um maior esforço físico e mental em função dos limites que o avanço da idade impõe e, por outro lado, os padrões sociais de corpo ideal, produtividade e participação do sujeito na sociedade acabam por impor aos idosos um lugar de desqualificação e fragilidade. Segundo Seabra (2009), a vida do idoso é afetada em muitos aspectos, dentre elas: relações familiares, dimensões financeiras, relações sociais, etc.

Em relação ao idoso ouvinte, ele tem uma série de aparatos já preparados para o seu acolhimento, como, por exemplo, academias, clubes e associações, e esse sujeito ao logo dos anos vai perdendo, também, um pouco da visão, da audição, do tato e do paladar. O surdo idoso não dispõe de políticas específicas que leve em conta a exclusão social já sofrida pelo jovem surdo e que é acentuada na velhice.

Em função da legislação, hoje vemos a Libras disseminada no meio acadêmico, em cursos de Libras, e ganhando visibilidade em outros espaços sociais. Além disso, vê-se o início de um olhar voltado para os surdos em geral, mas isso ainda é pouco, pois, para o surdo idoso, a exclusão é algo crescente, já que além dos problemas enfrentados socialmente pela terceira idade, ainda há o problema comunicacional, principalmente se levarmos em conta que os surdos idosos que vivem hoje

atravessaram um período de grandes mudanças nas representações que se têm da pessoa surda.

Há cerca de 50 anos atrás, não se falava no status linguístico da Libras, muito menos em diferença cultural como direito. Portanto, os surdos que viram todas essas mudanças acontecerem no final do século passado e início deste, assistem a uma mudança de paradigma que, todavia, continua a excluir, já que a velhice continua sendo entendida como uma situação de desprestígio, associada à doença e à incapacidade. E é importante lembrar que, se a educação é uma área que se abre para o entendimento linguístico e cultural da surdez, em outras áreas essa perspectiva ainda é bem restrita, como no Sistema Único de Saúde – SUS –, que conta com poucos profissionais que conhecem a Libras.

Na dissertação de Spadafora (2012, p. 16), a autora afirma que está aumentando o número de pessoas ouvintes que aprendem Libras por medidas do governo, mas a comunicação ainda não é plena. Há muita falta de comunicação que impõe limites e que impede o crescimento dessa língua em nosso país. Levando em conta que a pesquisa citada indica dados recentes, é preciso refletir sobre como os surdos enfrentaram barreiras comunicacionais muito mais graves em tempos passados, já que até a década de 90 não havia pesquisas que focassem na situação linguística dos surdos.

É preciso olhar para as narrativas dos surdos idosos como fontes de compreensão de um processo de exclusão histórico, mesmo sendo falas individuais e com atravessamentos diversos que acabam não lhes conferindo um estatuto de dado oficial. Precisamos compreender a narrativa do surdo idoso como um reflexo daquilo que o Estado e a sociedade em geral interditaram a esses sujeitos. Precisamos, enfim, entender essas narrativas a partir dos efeitos que a exclusão social e linguística causou a esse grupo.

O estudo do envelhecimento nos traz indicativos importantes no contexto brasileiro:

> Por um lado, podemos dizer que o aumento da longevidade representa uma conquista do campo social e da saúde. Por outro, apresenta-se como um desafio às demandas sociais e econômicas, sobretudo nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil (BERQUÓ, 1996). É pautada nessas mudanças que a Gerontologia vai encontrar solo fértil para se expandir, constituindo-se, a partir da segunda metade do século XX, como uma área de estudo multi e interdisciplinar (DOLL, RAMOS E BUAES – 2015).

No livro *Envelhecimento e subjetividade: desafios para uma cultura de compromisso social* (2008), publicado pelo Conselho Federal de Psicologia, argumenta-se que o fenômeno da longevidade e o aumento progressivo da população idosa trouxeram desafios que convertem o envelhecimento em tema urgente e dominante no século XXI. Também, a autora Andréa Alves (2004) encontrou novamente o discurso gerontológico, estudo do envelhecimento, em que a velhice assume um estado em que ocorrem perdas de habilidades cognitivas, físicas e sociais, sendo esses elementos importantes para discorrer sobre essa fase da vida e seus desdobramentos.

Encontramos na literatura questões do envelhecimento e ensurdecimento sempre vinculando à perda auditiva. Porém, não há referência ao surdo idoso, tal como entendo nesta tese. Como já argumentei, há materiais sobre a criança surda, jovem surdo, adulto surdo, mas sobre o surdo idoso não encontramos referenciais importantes. Esses materiais são raros.

Além disso, é preciso entender que a construção histórica da velhice não pode vir descolada do reconhecimento de que essa fase da vida é um estágio singular e delimitado nas sociedades ocidentais modernas (HAREVE, *apud* ALVES 2004). É importante ter o registro do desenvolvimento de todas as fases da vida da pessoa surda. Se há registros das fases da infância até adulta, deve-se levar em conta o desenvolvimento do surdo, que nasceu surdo, cresceu dentro da sua língua e cultura, construiu sua identidade, a partir desses marcadores bastante diferente dos conceitos que conhecemos do idoso ouvinte que perde a audição e se torna surdo.

Frente a tanto material das fases de desenvolvimento, desde a infância até a vida adulta das pessoas surdas, acredito ser imprescindível termos o registro da experiência do surdo idoso e sua experiência de tantos anos no uso da Libras. O ser idoso, hoje, é um conceito atravessado pela mudança de paradigmas quanto à sua aparência, acesso às novas técnicas de rejuvenescimento, acesso às mídias sociais, o que influencia o seu estilo de vida.

2.2 GERONTOLOGIA COMO CAMPO DE CONHECIMENTO

Primeiramente a Educação não se preocupava com adultos ou idosos, somente com crianças e jovens. Após a Segunda Guerra Mundial, a Educação passa a ser pensada de maneira a sanar os danos deixados pela Guerra e fazer com que adultos também fossem educados a viver em sociedades democráticas.

Nos países em desenvolvimento, foi percebido que os adultos eram vítimas da exclusão social e nisso os programas de alfabetização foram sendo criados para que adultos e idosos tivessem a atenção do Estado no campo da Educação. Nesse contexto, o Brasil teve destaque com a obra de Paulo Freire, já que esse pensador abriu caminho para que metodologias fossem pensadas para a educação de adultos e que a educação fosse concebida como uma atividade primordial na sociedade em seu viés libertador.

Não houve, desde o primeiro documento a tratar da Educação de Adultos da Unesco, em 1949, e nas políticas brasileiras da segunda metade do século XX no Brasil, uma preocupação específica com pessoas com deficiência e surdos. Isso porque esses grupos estavam sendo tematizados por políticas específicas vinculadas à área da educação especial, da saúde e da assistência às pessoas com deficiência. Vê-se, portanto, mais uma vez, a necessidade de uma abordagem que tematize o surdo idoso a partir de uma outra perspectiva que não o modelo assistencial e de caráter biomédico intra-hospitalar (GIRONDI, 2011).

Pensar o surdo idoso e suas formas de organização comunitária exige que se tenha um olhar voltado para a cultura, para os modos de vida e vínculos produzidos em suas relações comunitárias. Por isso, a presente pesquisa busca unir o viés educacional da Gerontologia que vem sendo fortalecido nas últimas décadas (DOLL, 2008) e a Educação de Surdos, aproximando a Gerontologia e a Educação de forma a ampliar suas análises para além do espaço institucional da escola, como acentua Doll (2008). Já Scoralick-Lempke e Barbosa (2012) chamam a atenção para a importância de abandonar a visão de que o idoso é um ser doente e passivo, destacando a possibilidade de manutenção de uma vida saudável e ativa.

No meu entendimento, pesquisar a vida do surdo idoso requer a desconstrução do viés clínico em duas posições ideológicas dominantes: uma, que diz respeito ao envelhecimento como degradação, como passividade e incapacidade física e mental

e a outra como limitação e patologia. O pesquisador que pretender abordar a vida do surdo idoso, a partir das potencialidades e manutenção das capacidades físicas e mentais, deve perseguir aquilo que há de manifesto em suas atividades cotidianas e naquilo que evidencia sua autonomia.

Os surdos idosos que estão em foco nessa pesquisa são pessoas que preservam vínculos comunitários, participam de atividades da SSRS, possuem uma ampla bagagem de conhecimento sobre os surdos e sobre como a vida dos surdos vem se transformando ao longo do tempo. Sendo assim, aquilo que narram e interpretam sobre suas vidas em comunidade reflete mais do que o passado, mas atesta o presente daquilo que significa ser surdo em nossa sociedade.

A Unesco, a partir de 1972, no Relatório Faure, passa a modificar as concepções da Educação, dando ênfase ao aprendizado como um processo que perdura por toda a vida dos educandos. No Relatório Delors (1996), a Unesco define quatro pilares para a Educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser. A partir dessa concepção, penso ser possível aproximar a Educação de Surdos da Gerontologia, levando em conta que os espaços e tempos do processo educacional não se reduzem à escola, não se limitam à infância e à juventude e requerem um olhar mais atento às formas de vida relevantes para os diversos grupos sociais e culturais.

A Educação de Surdos é um campo também relativamente recente, assim como a Gerontologia, e está igualmente em expansão, deparando-se com temáticas e problemas cada vez mais diversos. A Educação de Surdos, todavia, apresenta pressupostos que giram em torno do respeito à cultura e à língua desse grupo. Segundo Perlin e Strobel (2006), podemos compreender esse campo a partir dos conceitos de:

> Narrativas culturais – geralmente na teoria cultural se identifica como narrativas aqueles discursos dos sujeitos ou grupos que estão marcados por práticas culturais.
> Encontro surdo-surdo: Processo de encontro entre dois sujeitos surdos em que acontece a sutura. O termo sutura pode ser usado em Estudos Culturais para referir ao processo pelo qual o sujeito constrói sua identidade em interação com o outro semelhante.
> Cultura surda: Os resultados das interações dos surdos com o meio em que vivem, os jeitos de interpretar o mundo, de viver nele se constitui no complexo campo de produções culturais dos surdos com uma serie de produções culturais que podem ser todas como produções culturais ou seja: Libras, identidades, pedagogia, política, leis, artes, etc. (PERLIN; STROBEL, 2006, p. 25).

A partir do entendimento de que a cultura, língua e as interações entre sujeitos surdos são as premissas para uma Educação de Surdos, podemos presumir que a questão geracional também deve ser abrangida por um processo educativo que respeite esses pilares. Seguindo as concepções da Unesco, entendo a educação como emancipatória, como um processo que acompanha toda a vida dos sujeitos, como propõe a Gerontologia aplicada à Educação. E, ainda, entendo que os surdos idosos devem ser vistos como sujeitos cujas práticas culturais devem ser valorizadas.

Assim, os encontros entre surdos idosos em um espaço como a SSRS podem ser entendidos como vínculos culturais que firmam um processo de aprendizagem de si, da cultura e da Libras. As narrativas desses surdos expressam as marcas culturais de sua diferença, pois são expressões de uma política cultural e atestam as mudanças do lugar social dos surdos ao longo do tempo.

Nesse estudo, portanto, busca-se que os surdos idosos falem sobre suas formas de organização, suas estratégias de sobrevivência diante de uma sociedade majoritariamente ouvinte e isso nos serve para que possamos compreender nossas próprias vidas como surdos na atualidade. É como olhar para a nossa própria história, desde tempos em que os surdos não tinham visibilidade social, em que a Libras não tinha o status que possui hoje, para que possamos compreender as maneiras que esses sujeitos empreenderam suas lutas pela diferença surda.

Essa discussão remete à minha experiência como professora de adultos e de idosos surdos, quando fui professora do CMET Paulo Freire[19], no período de 1998 a 2013. Nessa jornada pude perceber o quanto a escola se constituía como um espaço de interação e encontro de pessoas que não tiveram a oportunidade de concluir os estudos no tempo esperado.

Além disso, percebia que a escola cumpria um papel não somente pedagógico, mas também comunitário e se aproximava em muitos pontos daqueles encontros de surdos na associação. Havia algumas diferenças importantes como, por exemplo, a questão socioeconômica. A SSRS é uma associação, um clube, e, portanto, cobra mensalidades, algo que é distante da realidade de muitos dos alunos do CMET Paulo Freire. Assim, a escola era um espaço cotidiano de encontro entre eles e onde muitos chegavam sem mesmo conhecer a Libras e a cultura surda.

---

[19] Centro Municipal de Educação de Trabalhadores – CMET Paulo Freire, escola da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, RS, direcionada à Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Em relação aos surdos idosos que frequentavam aquele espaço, era visível que a escola era um lugar de convívio, muito mais do que de instrução formal. Há casos de surdos idosos que frequentaram por muitos anos a escola, e, mesmo não avançando as Totalidades de Ensino, continuavam a frequentar as aulas e demonstravam uma grande satisfação em fazê-lo.

Já a SSRS é um espaço voltado exclusivamente para o convívio e ao longo dos anos consolidou vínculos culturais. Aí se vê um grupo de pessoas que conviveram por décadas, tendo também acesso à história mais remota dos surdos através de narrativas que são compartilhadas pelos frequentadores, além de ser estabelecido e aceito um modo de vida que foi construído ao longo de muitos anos, em que o uso da Libras é natural, as diferenças surdas são comuns a todos que ali estão.

Enfim, afirmo que a pesquisa proposta foi conduzida levando em conta a cultura, os modos de organização da comunidade, a valorização do saber dos surdos idosos, de maneira a compreender como a SSRS fez parte da vida dos sujeitos e como suas histórias são narradas. Para tanto, foi preciso encontrar modelos que pudessem estruturar a pesquisa no sentido de compreender quais os atravessamentos que atuam nessa organização da comunidade de surdos idosos. Então, procurei entrar em contato com algumas pesquisas da área da educação e da Gerontologia que pudessem nortear, ao menos inicialmente, a minha investigação.

Doll (2008, 2016) busca estruturar os elementos de uma educação de idosos. Para tanto, o autor enumera seis dimensões que nos ajudam a caracterizar aquilo que envolve o encontro entre a Educação e a Gerontologia. Acredito que essas dimensões podem auxiliar na definição da abordagem analítica da tese. Entendo que as dimensões apontadas pelo autor não se resumem às atividades voltadas para os idosos, como os grupos de convivência, mas refletem sobre a formação de profissionais que trabalham com os idosos, bem como buscam informar a população em geral sobre a vida na velhice. No caso da minha discussão sobre surdos idosos, vejo que há lacunas tanto de atividades, grupos de convivência, programas de extensão em universidades, como há, também, pouca informação sobre quem são esses sujeitos. A abordagem mais recorrente encontrada é na área da saúde, com ênfase na “deficiência auditiva”, conforme já abordado no capítulo anterior.

Penso que para pensar a velhice e a surdez é necessário conhecer formas diferentes de ser surdo e informar a população ouvinte. Mas, o principal é que os próprios surdos idosos precisam tomar consciência daquilo que eles representam. A

forma de narrarem suas histórias é importante por dois motivos. Primeiro, porque é quando os surdos mais jovens irão conhecer uma forma de ser e se identificar. E, segundo, porque a sociedade precisa conhecer narrativas diferentes daquela da deficiência.

Para uma parte da análise, ou melhor, para um jeito de olhar para as narrativas, foram apresentados conceitos relativos à diferença surda e o Ser Surdo. Por outro lado, vejo que as dimensões de Doll (2016) ajudam a ampliar a análise. De forma sumária, são estas as dimensões:

1) Dimensão socioeducativa: diz respeito às relações sociais e ao trabalho em conjunto. A comunicação é uma peça-chave para que os atores se envolvam nas propostas educativas. O diálogo é a ferramenta que deve ser estimulada e potencializada;

2) Dimensão de lazer: levando em conta que os idosos já saíram ou estão saindo do mundo do trabalho e é importante propiciá-los a nova relação com o tempo e com os espaços sociais. As Universidades da Terceira Idade, por exemplo, são mencionadas como espaços onde o passeio, as visitas a museus, as leituras, são atividades fundamentais e apontam para a dimensão do prazer, do preenchimento do tempo livre, etc.;

3) Dimensão compensatória: refere-se ao que os idosos não realizaram durante a juventude por estarem envolvidos com o mundo do trabalho e com os deveres com a família, e que nesta fase da vida pode ser retomado como compensação. Os sonhos que tiveram, os interesses intelectuais que não foram alcançados, entre outros, podem ser alcançados de forma real ou simbólica nessa fase da vida.

4) Dimensão emancipatória: os idosos também podem alcançar a consciência de suas vidas através de práticas educativas, assim como Paulo Freire (1987) propôs saindo de uma situação de passividade em relação à sociedade. Aí entram aspectos de discriminação social, econômica, cultural, de gênero, de etnia, etc., que podem ser tensionados em uma educação emancipatória;

5) Dimensão de atualização: é a necessária atualização do idoso em relação às inovações tecnológicas e informacionais para que esses não fiquem “ultrapassados” em relação às gerações mais novas;

6) Dimensão de manutenção das capacidades cognitivas: pesquisas em Gerontologia vêm indicando que é preciso manter uma vida ativa para que o idoso

não entre em declínio cognitivo. Assim, é preciso treinar a memória, as capacidades de abstração, o raciocínio lógico, etc.

Percebo que essas dimensões são válidas para descrever aspectos da vida dos idosos, tanto em um ambiente escolar como em outros ambientes de encontros comunitários. Principalmente a dimensão emancipatória está presente naquilo que os surdos idosos vivenciam em seus encontros pelo fato de que suas vidas foram marcadas pela exclusão social em função da diferença cultural surda e do não reconhecimento da Libras.

Nesse sentido, afirmo que a comunidade surda idosa da SSRS é um espaço de emancipação e construída pelos próprios surdos ao longo de suas vidas, espelhando a luta dos surdos ao longo de décadas. Outro aspecto que me parece evidente é a manutenção das capacidades cognitivas, uma vez que os surdos idosos não se isolam, ou melhor, buscam não se isolarem na medida em que a comunidade surda permanece sendo uma dimensão relevante em suas vidas. Não podemos esquecer que os surdos idosos estão também em contato com surdos mais jovens, e, apesar das distâncias geracionais e de status social, já que os surdos mais jovens têm outras oportunidades de vida que eram impensáveis há décadas atrás, eles acabam tendo um contato comunitário em que trocas de informações e diferentes maneiras de pensar se encontram e se tencionam mutuamente.

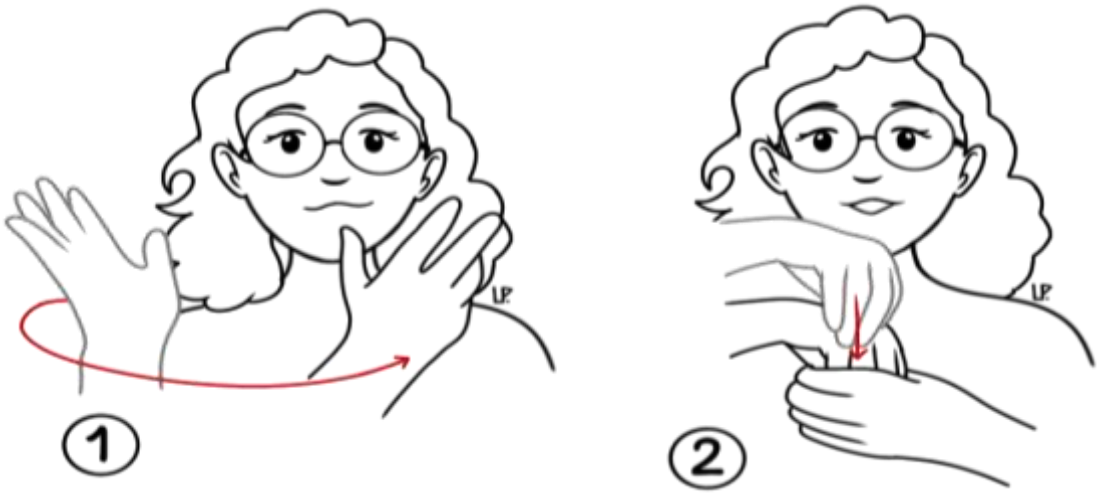
É importante frisar que não se defende aqui um essencialismo, ou seja, um modelo de ser surdo que seja válido para todos os sujeitos. Porém, é preciso reconhecer que existem marcas sociais, experiências de mundo e aspectos culturais que definem um campo de lutas, que pertencem a uma maneira de existir e que são próprias desse grupo. Entre os surdos existem muitas diferenças e tais diferenças definem muitos lugares e lutas diversas. Há surdos negros, mulheres surdas idosas, surdos homossexuais, enfim, classes diversas que impossibilitam a definição de uma categoria universal.

Lopes e Veiga-Neto (2010, p. 117) afirmam que as marcas que constituem os sujeitos surdos são definidoras de espaços comuns de luta. Os surdos denominam esse espaço de compartilhamento de aspectos comuns de comunidade surda. Essa comunidade é constituída pelo encontro entre os surdos, e, também, constitui os sujeitos que dela se aproximam. Levando em conta que os sujeitos surdos são diversos, é possível afirmar que a comunidade, por um lado, mantém aspectos comuns a todos seus integrantes e, por outro, que admite variações. Um dos

elementos dessa variação é a presença dos surdos idosos, o que nos leva a pensar que a velhice é também uma marca constituinte da comunidade surda.

Outras dimensões também foram exploradas nas análises, como será apresentado no capítulo a seguir. É preciso mostrar à própria comunidade surda essa voz dos que os antecederam, é preciso da mesma maneira descrever ações, políticas, questões educacionais, etc. Em suma, o que foi apresentado como dimensões de análise, nas últimas páginas, tem como objetivo enriquecer a análise e reconhecer que elas possam servir para investigações muito mais detalhadas sobre os aspectos da vida social dos surdos idosos.

Figura 8 – Sinal de subjetividade



> *Com efeito, os modos de subjetivação e de objetivação não são independentes uns dos outros; seu desenvolvimento é mutuo. Se, como Foucault, chamamos "pensamento" ao ato que instaura, segundo diferentes relações possíveis, um sujeito e um objeto, uma história do pensamento seria a análise das condições em que se formaram e modificaram as relações entre o sujeito e o objeto para tornar possível uma forma de saber. Essas condições, para Foucault, não são nem formais nem empíricas; elas devem estabelecer, por exemplo, a que deve submeter-se o sujeito, que estatuto deve ter, que posição deve ocupar para poder ser sujeito legítimo de conhecimento, sob que condições algo pode converter-se em objeto de conhecimento, como é problematizado, a que delimitações está submetido. Essas condições estabelecem os jogos de verdade, as regras segundo as quais o que um sujeito pode dizer inscreve-se no campo do verdadeiro e do falso (CASTRO, 2009, p. 408).*

3 SUBJETIVIDADES SURDAS IDOSAS EM COMUNIDADES

Ainda sinto que o fator que nos separa dos demais é a comunicação, pois a sociedade impõe limites. Porém, com o avanço das tecnologias da comunicação e informação, os caminhos vêm se abrindo. Essa população surda que hoje é idosa não viveu em sua juventude ou fase adulta a era dessas tecnologias e por isso sofreu muito mais. Havia mais dificuldade de comunicação com os amigos surdos, mais dependência dos ouvintes como, por exemplo, para fazer uma chamada telefônica.

Uma das formas de resistência dessa população foi o uso da Libras e é essa língua que garantiu a permanência da nossa cultura, que nunca se esvaiu e que nunca perdeu força, ao menos entre os surdos. Diante disso, os jovens de hoje precisam ver e reconhecer a população idosa surda e tê-los como referência. Repito: é muito importante a população surda e jovem de hoje reconhecer a história e a cultura dessa população idosa. A Educação de Surdos também precisa reconhecer as formas de subjetividade que levaram os surdos ao que são hoje, logo, para se falar em identidade surda, cultura surda e currículo surdo, é preciso que o ensino de surdos leve em consideração o que é, de fato, Ser Surdo.

3.1 SUBJETIVIDADE: O VÍNCULO CULTURAL

A perspectiva adotada para discutir a subjetividade é inspirada no pensamento de Michel Foucault. A motivação dessa escolha se deve pela leitura realizada de alguns textos do autor e de estudiosos que tematizam sua obra. A forma de entender o sujeito surdo, a partir de uma perspectiva cultural, aparece em várias pesquisas que assumem a teoria de Foucault como base ou como intercessor. Textos como os de Skliar (1998), Perlin (2002), Lopes (2002), Thoma (2002), Lunardi (2003) e Klein (2003), entre outros, colocaram em evidência um tipo de olhar sobre os surdos. Esse olhar encontrou no filósofo francês argumentos que mostraram como os surdos foram “inventados” enquanto eficientes, desviantes, incapazes, “sem linguagem”, chegando a ser o que são hoje. As pesquisas enumeradas mostram, de diferentes maneiras e

tendo como foco temáticas diferentes, como é que se governa os surdos, como são inventados os nomes para eles, como se regulam suas vidas, etc.

Uma das características do pensamento foucaultiano em relação ao sujeito e à subjetividade é o fato de se tratar de uma perspectiva que versa sobre a constituição permanente dos indivíduos, conforme as relações que se estabelecem historicamente. Por isso, trata-se mais de uma perspectiva que discute o devir da subjetividade do que o ser dos sujeitos. Ou seja, a subjetividade é uma relação e não um lugar de chegada. Conforme a leitura de McGushin (2018, p. 176) “como temos visto, para Foucault a subjetividade não é alguma coisa que nós somos; é uma atividade que nós fazemos”.

Como foi dito, várias pesquisas utilizaram o pensamento de Foucault como uma maneira de evidenciar que ser surdo não é algo natural, pronto, mas que se constitui em relação com instituições, normas, saberes, poderes. Quando olhamos para diferentes épocas, vemos diferentes constituições porque os discursos e as práticas se modificam. Por exemplo, Perlin (2003) percebeu que para entender o surdo é preciso, além de verificar o que foi e é dito dos surdos, é preciso também estar atenta para o que os surdos dizem deles mesmos. A passagem a seguir mostra isso com clareza:

> fixo-me no conceito da **alteridade** quando percebo que ser surdo tem sua autonarrativa sem a narração da interpretação da agência do colonizador. O conceito de alteridade na sua forma mais radical pega o conceito “ser surdo” e suas conotações no espaço de pós-colonialismo e da filosofia pós-moderna respeitando a temporalidade. Igualmente o conceito de ser surdo aqui usado não se evidencia pela existência ou não do ouvintismo (PERLIN, 2002, p. 18).

Eu assumo também a existência desse “ser surdo” apresentado pela autora. Acredito que os surdos constroem suas narrativas independentemente daquilo que sofram ao longo de suas vidas, em função daquilo que os ouvintes exercem de pressão sobre eles. Entendo que há algo que nenhuma relação de colonização pode roubar que é resultado da força, da resistência e da persistência dos surdos. Por esse motivo eu prefiro a grafia Ser Surdo, utilizando letras maiúsculas, por ser algo que eu acredito que define os surdos de uma maneira muito mais livre e criativa. A experiência dos surdos não se resume às relações de submissão dos surdos em relação aos ouvintes.

Utilizando a palavra *experiência,* também considero importante mostrar que esse Ser Surdo não é o mesmo que as descrições sobre a falta de audição, o como educar, o como ensinar, as possibilidades de “cura” da surdez. Tudo isso são informações que são atribuídas aos surdos diariamente. Mas, é aquilo que eles falam de si, é aquilo que toca e transforma dentro de uma comunidade surda. Por isso que a experiência é entendida no sentido atribuído por Larossa (2002). O Ser Surdo é um sujeito da experiência.

> [...] Esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. [...] o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura (LAROSSA, 2002, p. 19).

Quando o sujeito da experiência se revela é porque encontrou um momento de calma. Esse momento de calma é quando ele está confortável e é assim como funciona na comunidade surda. A comunidade é o encontro em que há confiança e liberdade para conversar na língua de sinais, é quando os surdos estão com a cabeça aberta para receber e para expressar o Ser Surdo.

A constituição da subjetividade é algo inerente ao humano, sendo um processo que se estende desde o nascimento até a morte. Durante toda a vida, todos nós entramos em relações com as pessoas, instituições, formas de organização, signos, culturas, etc., que deixam em nós marcas. Uma criança começa a ser subjetivada, até mesmo antes do nascimento, quando a família começa a vislumbrar seu futuro, sua profissão, seu comportamento. Um jovem é subjetivado nas relações que estabelece com a escola, com a família, com os amigos. Um adulto, em relação ao trabalho, à universidade. Uma pessoa idosa é subjetivada em função dos espaços sociais por onde circula, a saúde, a vida financeira na aposentadoria, etc.

O estudo dessas características e como elas afetam o processo de construção da subjetividade pode ser analisado de diferentes modos, através dos produtos da cultura. Para a comunidade surda isso se materializou através de um produto linguístico e de identidade, a partir de experiências comunicacionais e uma união entre sujeitos com experiências de isolamento social. Os surdos, segundo relatos dos membros dessa comunidade, agora tomam posse de tudo que forma sua subjetividade, como voz ativa na sociedade, movimentação política, sexualidade, entre outros (WITCHS; LOPES, 2018).

É preciso ponderar que há momentos, no decorrer da vida, em que as pessoas experimentam mudanças significativas que alteram seu modo de ser sujeito ou de se tornar sujeito. Um exemplo disso é quando a criança inicia a idade escolar. Até então, a criança vivenciou somente o cotidiano familiar, a brincadeira com vizinhos, a influência dos produtos culturais com que teve contato. Porém, quando a criança ingressa na escola, passa a responder a outras regras, outras organizações do tempo e outras formas de ocupar o espaço. Se antes a criança brincava de maneira mais livre, a partir da escolarização ela vai iniciar um ciclo de adaptação de sua vontade de brincar e os horários e regras estabelecidos pela escola, segundo a organização dessa instituição.

Esse tipo de transição ocorre em vários momentos do decorrer da vida, mas alguns são mais determinantes do que outros. Quando o jovem conclui sua escolarização, passar pela vida adulta, irá conhecer outras restrições que a vida escolar não apresentava, bem como responsabilidades que até então eram apenas observadas nos adultos.

Da mesma maneira, a velhice traz várias mudanças na vida das pessoas, já que há uma série de atividades que são interrompidas ou progressivamente abandonadas. A velhice traz outras formas de vivenciar o tempo, uma vez que a interrupção da atividade laboral permite aos idosos outra organização do cotidiano. Essas mudanças na forma de se relacionar com os outros, com o tempo e espaço, com as instituições e símbolos, demonstra o caráter mutável da subjetividade, uma vez que em cada momento da vida as pessoas dispõem de limites, restrições, liberdades e possibilidades de reinvenção da própria vida que se afinam aos contextos vivenciados.

Mudar o contexto da própria vida é muito importante, porque mostra que os seres humanos não são sempre uma coisa só, mesmo quando estão em uma situação difícil, são capazes de encontrar formas de resistir e de serem felizes. Para Foucault, foi isso que aconteceu na sociedade grega antiga, quando as pessoas começaram a inventar maneiras de viver como uma estética dentro do cotidiano, aproveitando as belezas e fazendo uma vida bonita para si. “As portas do asilo, os muros da prisão desaparecem, dando lugar a falas livres em que gregos e romanos discutiam as melhores maneiras de conduzir suas vidas (...). A paisagem do confinamento cede lugar à liberdade luminosa do sujeito” (EWALD, 1984, p. 71-73).

Segundo McGushin (2018, p. 166-167) a teoria foucaultiana possui momentos diferentes que enfatizam um ou outro modo de constituição da subjetividade. Em relação ao que Foucault (2004) chamou de “cuidado de si”, há uma ênfase nos modos de expressão da subjetividade, ou seja, a forma como o sujeito se expressa e produz enunciados sobre si e é criativo na forma de viver. Segundo o autor, existem “modos de formar um relacionamento consigo” (FOUCAULT, 2004, p. 167) em razão de a expressão ser em si uma forma de estabelecer relação.

Assim, quando há expressão, o sujeito busca meios de descrever a si mesmo, mas para isso é preciso que ele conheça a si, estabelecendo relação consigo. Seguindo as palavras do autor, “sou tanto o eu que está fazendo o expressar e o eu que está sendo expressado” (FOUCAULT, 2004, p. 167). O produto final daquilo que é expresso não é um mero conteúdo do meu pensamento, mas um tipo de aproximação, de “leitura de si” que estabelece comunicação entre o eu que expressa, o expressado e os outros com quem me comunico.

Vê-se que a comunicação é algo importantíssimo nesse processo de constituição e de expressão da subjetividade. Quando alguém olha para si, expressa a si mesmo, e o faz para que outras pessoas entrem em relação consigo. É preciso que exista signos reconhecíveis a si e aos outros, do contrário, a expressão não ocorre.

Sendo assim, quando o sujeito expressa algo sobre si mesmo ele está trazendo à linguagem uma leitura que já foi, anteriormente, traduzida a si mesmo. Para tanto, é necessário que certas ferramentas estejam disponíveis. Essas ferramentas são a linguagem, as palavras, as frases, os sinais, etc. No entanto, é interessante perceber que tais ferramentas serão adquiridas exatamente nos momentos em que os sujeitos forem inquiridos a se expressar, ou seja, nos momentos em que eles forem convocados a falar sobre si, a dizer coisas sobre si. Em família, na escola, no trabalho, entre amigos, somos sempre convocados a nos expressar e a dizer coisas sobre nós mesmos.

Levando em conta que há momentos determinantes de passagem entre um modo de ser sujeito e outro, ou seja, de mudanças na forma como os sujeitos se expressam, pode-se dizer que a cada mudança vivenciada durante a vida, aprende-se a dialogar consigo mesmo de uma maneira diferente, e, portanto, a constituição da subjetividade é mutável.

É preciso pensar sobre a forma como os sujeitos acessam essa leitura de si, e, consequentemente, expressam a si mesmos de maneira diversa. Como dissemos acima, uma criança que entra na idade escolar passa a constituir-se de forma diferente daquela que era vivenciada no seio familiar. Porém, caso o ambiente familiar tenha fornecido aos sujeitos ferramentas simbólicas suficientes, é possível que a escolarização seja uma experiência relativamente fácil. Se a família instrumentalizar a criança com conhecimentos, com regras e com signos que sejam comunicáveis, esta fará essa transição de forma aparentemente natural. Se, ao contrário, a criança não dispuser de signos para que possa expressar o seu lugar nessa relação com a instituição escolar, será mais difícil que consiga reconhecer-se neste espaço. Aqui vemos a importância da linguagem na constituição da subjetividade.

3.2 SUBJETIVIDADE SURDA

Como foi dito acima, a inspiração para tratar daquilo que se entende por subjetividade tem base em Foucault e seus leitores. Por isso, não posso afirmar que esta seja uma tese foucaultiana, embora alguns elementos de sua teoria sejam importantes para a discussão que é levantada aqui. A preocupação sobre como os vínculos entre os surdos são construídos e mantidos através dos encontros comunitários leva à necessidade de lidar com as muitas diferenças entre os sujeitos, muitos atravessamentos que constituem os indivíduos, a partir de lugares que são extremamente variáveis.

Como sustenta Lopes (2007, p. 15) “as representações culturais inscrevem-se em campos discursivos distintos, muitas vezes vistos como contraditórios”. Ou seja, são muitas as posições assumidas socialmente pelos sujeitos e muitas as representações de surdez que a eles são dirigidas. Lopes (2007) explica as representações da surdez que se inscrevem em políticas, abordagens filosóficas, pedagógicas, imaginários sociais, etc. Esses campos já apresentam, certamente, uma grande diversidade, porém, caso levemos em conta outros marcadores sociais como gênero, classe, raça, e, como no caso da presente investigação, a idade, vemos que a complexidade da discussão se amplia.

Isso porque as formas de representar a surdez e os surdos vêm não apenas se deslocando desde as abordagens clínicas até as perspectivas culturais, mas, também, vêm se multiplicando na medida em que os sujeitos surdos ascendem às posições sociais de maior prestígio, bem como a visibilidade dos surdos e da língua de sinais na academia e na mídia o que promove novos enquadramentos desses sujeitos em termos de participação social. Um exemplo disso seria o fato de que, até algumas décadas atrás, os surdos não eram considerados como capazes de gerir suas próprias vidas, ter cargos de maior relevância, etc. À medida que as mudanças sociais incentivaram os surdos a ocupar novos lugares, outros campos discursivos começaram a se deparar com a diferença surda e tematizar o que a envolve.

É por isso que, ao perguntar sobre a forma como os surdos idosos se relacionam uns com os outros e mantêm vínculos culturais, a preocupação passa pela forma como esses idosos participaram e participam de tais mudanças. E, talvez, sejam eles uma fonte interessante de avaliação dessas mudanças sociais, uma vez que presenciaram, em um espaço de tempo relativamente curto – haja vista que as mudanças legais, as inovações pedagógicas e tecnológicas e as formas de representação da surdez foram alteradas significativamente nas últimas décadas, no Brasil –, novidades que praticamente os colocam em um lugar novo nessa ascensão social dos surdos, que vem sendo observada.

Para Lopes e Veiga-Neto (2010, p. 116) a noção de alteridade é algo pertinente às discussões sobre a surdez. Alteridade se relaciona com a percepção e aceitação do outro, nas dimensões psicológicas, conceituais, cognitivas, em que se entende a experiência do outro como relevante para os Estudos Surdos. Historicamente sempre houve um apagamento da cultura e da língua dos surdos. A centralidade das línguas orais se deu em função da falta de entendimento sobre os sujeitos surdos a partir de sua diferença. A partir da percepção dos surdos como sujeitos culturais, houve uma modificação conceitual que levou a uma maior visibilidade da língua de sinais.

Surdos, tanto os que utilizavam ou não a língua de sinais, começaram a ser percebidos a partir de suas necessidades comunicacionais, mesmo sendo um grupo com necessidades diversificadas. Os estudos realizados em universidades impulsionaram essa mudança de perspectiva sobre os surdos. O exemplo brasileiro mais relevante para os Estudos Surdos é da UFRGS, onde houve um núcleo, o

NUPPES – Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos[20] – em que se desenvolveram pesquisas que tinham como premissa o entendimento da surdez a partir da cultura e da identidade – em suas manifestações artísticas, literárias, políticas e de atuação junto à comunidade surda.

Esse olhar diferenciado sobre os sujeitos surdos marcou uma modificação na maneira de representar esse grupo social. Olhando esses aspectos culturais e identitários, passou-se a valorizar suas falas, suas manifestações públicas enquanto sujeitos políticos e enquanto pessoas que se reúnem em torno de aspectos comuns. É nesse sentido que a noção de alteridade nos ajuda a refletir e a vislumbrar esse novo status social dos surdos.

É importante frisar, mais uma vez, que não se defende aqui um essencialismo, ou seja, um modelo de ser surdo que seja válido para todos os sujeitos. Porém, é preciso reconhecer que existem marcas sociais, experiências de mundo e aspectos culturais que definem um campo de lutas, que pertencem a uma maneira de existir e que são próprias desse grupo. Entre os surdos, existem muitas diferenças e tais diferenças definem muitos lugares e lutas diversas. Há surdos negros, mulheres surdas idosas, surdos homossexuais, enfim, classes diversas que impossibilitam a definição de uma categoria universal.

3.3 COMUNIDADES SURDAS

Como lugar de cultivo da língua, da cultura, de formas visuais de entender o mundo, a associação de surdos tem um sentido de preservação, mas, por outro lado, há mudanças sociais que atingem os seus frequentadores. Essas mudanças se refletem nos sujeitos para além dos binômios surdo/ouvinte, patologia/cultura, língua oral/língua de sinais. É claro que essas tensões entre formas tradicionais de conceber os surdos e o reconhecimento do surdo como sujeito cultural são as balizas para todas

[20] NUPPES: núcleo criado pelo Professor Carlos Skliar, que a partir do final dos anos 90, na UFRGS. Coordenou discussões sobre alteridade, educação bilíngue e políticas da educação de surdos. O grupo era formado por vários pesquisadores, entre eles: Adriana Thoma, Lodenir Becker Karnopp, Liliane Ferrari Giordani, Madalena Klein, Maura Corcini Lopes, Márcia Lise Lunardi e a primeira pessoa surda a defender uma tese de doutorado no país, a professora Gladis Perlin. Na sequência, outros surdos se uniram a esse grupo em sua formação acadêmica como Wilson Miranda e Gisele Maciel Rangel.

as mudanças vivenciadas por eles. Mas, o que me parece ser também uma aproximação com as teorizações foucaultianas, existem campos discursivos que passam a também dizer coisas sobre os surdos em virtude dessas mudanças de concepção.

Os surdos começam a “passear” por outros lugares que eram inimagináveis há alguns anos. Desde questões de sexualidade, de atuação política, de formação acadêmica, até a temática que envolve esta pesquisa, passa-se a perceber mais um tipo, o surdo, que até então ocupava um lugar de aparência dócil, passiva, que era “ajudado” pelos familiares, políticos, professores e médicos, passa a ser alguém que expressa vontades, sexualidades, posições políticas, opiniões sobre a própria cultura em que se insere. Enfim, destaco que o lugar do surdo idoso é também uma novidade recente. Para explicar essa novidade é preciso compreender a diferença entre “idoso surdo” e “surdo idoso”, o que já pode ter sido evidenciado nas páginas anteriores desta tese, mas que considero oportuno salientar.

O idoso surdo faz parte do imaginário popular sobre a velhice e a degradação do corpo. Trata-se daqueles sujeitos que, na velhice, passam a experienciar a perda gradual da audição e necessitam adaptar-se a ela. Mesmo que alguém tenha sido surdo por toda a vida, a figura estereotipada do velho que não escuta é algo esperado, pressuposto, não surpreende ninguém.

De outra parte, fala-se aqui do surdo idoso, aquele que tem como traço diferencial primordial o fato de ser surdo e que chegou ao período da vida entendido como velhice. É sobre esse sujeito que a tese se interessa, esse surdo que chegou à velhice. Em outro aspecto, a tese se interessa, também, pela maneira como esses sujeitos se reconhecem segundo a sua experiência como surdos, em suas diferentes etapas da vida. Pessoas que cultivam uma língua, uma cultura e que partilham de vivências em comum segundo a língua, a cultura e a velhice.

Dois atributos são entendidos como os principais: o fato de os sujeitos serem surdos e o de serem idosos. Muitas são as verdades que circulam na sociedade em relação aos surdos e aos idosos. Verdades são aqui entendidas a partir da perspectiva de Michel Foucault, para quem a produção de enunciados verdadeiros não se desvincula de condições históricas que produzem a verdade.

Conforme salienta Candiotto (2006, p. 66), dentro da analítica foucaultiana, trata-se de “tomar distância dos privilégios do sujeito de conhecimento para debruçar-se na produção histórica da verdade”. Isso significa que a verdade não é considerada

como algo imutável, algo que seria alcançado por um sujeito cognoscente. Ao contrário, para o filósofo francês a verdade estaria ligada às práticas de produção do verdadeiro, conforme condições históricas que se modificam ao longo do tempo.

Nesse viés de pensamento, falar em verdades que circulam socialmente em relação aos surdos, aos idosos e aos surdos idosos significa entender que esses tipos de sujeitos são produzidos a partir de discursos aceitos como verdadeiros em determinada época e local. Passo agora a distinguir cada um desses atributos que são abordados na pesquisa, conforme esses discursos verdadeiros e o que é produzido de verdade em relação a cada uma dessas posições de sujeito.

Primeiro, em relação aos surdos, temos que identificar quais as verdades que circulam sobre eles, elegendo quais discursos atravessam o lugar da surdez. Os surdos foram percebidos e narrados, ao longo da história, conforme diferentes lugares na sociedade. Se pensarmos na Antiguidade, no contexto europeu, chegou-se a pensar que os surdos não seriam nem mesmo seres humanos, que não possuíam alma e que seriam incapazes de aprender qualquer forma de linguagem.

Ao longo da Idade Média, prevaleceu ainda a noção de que os surdos teriam nascido com essa condição como um castigo pelos pecados dos pais. A Modernidade científica localizou os surdos dentro do domínio da medicina, considerando-os como desviantes, e, em uma linguagem mais contemporânea, deficientes, logo, seriam pessoas que careceriam de correção, de cura, para que pudessem se parecer o máximo possível com os ouvintes.

A partir disso, as práticas de correção da audição foram sendo criadas e impostas a esses sujeitos, como condição para que pudessem viver em sociedade. A partir dessas práticas de correção, desenhou-se uma maneira de pensar sobre esses sujeitos e agir sobre seus corpos para que “deixassem” de ser surdos ou, pelo menos, para que pudessem aparentar ao máximo as características da maioria ouvinte. Esse conjunto de ações sobre os corpos dos surdos, compartilhadas pela clínica e pela pedagogia, recebe o nome genérico de oralismo.

O oralismo é um conjunto de práticas que se fundam na verdade produzida, principalmente pelas áreas médicas e biológicas, de que a surdez é uma patologia e que deve ser solucionada, corrigida, superada, apagada, dando lugar a uma vida que se pareça com a dos ouvintes. Essa maneira de entender a surdez e combater tudo aquilo que diga respeito às diferenças decorrentes da surdez não foi algo deliberado de uma hora para outra. Ela advém de concepções mais antigas e se soma às

condições históricas e práticas sociais da Modernidade científica, produzindo verdades que dentro dos discursos clínicos passam a ser aceitos por muitas pessoas.

Vale destacar que não somente os médicos disseram que a surdez deveria ser corrigida, mas essa verdade foi aceita praticamente no conjunto da sociedade ocidental, inclusive pelas pessoas surdas, com algumas exceções. Portanto, o oralismo não pode ser entendido simplesmente como algo que foi imposto aos surdos, haja vista que muitos surdos, até os dias de hoje, ainda concebem a surdez como um problema a ser superado.

Porém, a visão clínica da surdez não é a única maneira de produzir verdades sobre os surdos. Desde o século XIX, várias organizações foram criadas com o intuito de reunir surdos e familiares, principalmente na Europa e Estados Unidos. Ao contrário do que se possa pensar, o Congresso de Milão[21], apesar de ter exercido grande impacto na educação dos surdos mundialmente, não extinguiu a língua de sinais.

Ao longo do século XX, vários “clubs” foram criados nos Estados Unidos e na Inglaterra, onde os surdos se reuniam e conversavam em língua de sinais ou sistemas combinados de comunicação, o que se chama atualmente de bimodalismo, que é uma mistura de estruturas da língua oral e dos sinais. Isso também ocorreu no Brasil, sendo que a partir da década de 50[22] foram criadas várias associações nas maiores cidades, o que proporcionava aos surdos a oportunidade de encontrar seus pares.

Essa capacidade de organização dos surdos em associações, ou mesmo em encontros realizados em determinados locais da cidade[23], levou-os a perceberem que a língua de sinais era uma característica fundamental para o seu modo de viver e não algo a ser apagado e superado através das práticas oralistas.

> [...] a cultura surda se tornou um imperativo conceitual que tem sido significado de diferentes formas. Em narrativas de surdos, o conceito é sinônimo de “língua, diferença, marcador identitário, essência, artefato fundamental de lutas e característica inata do sujeito surdo, propriedade privada ou concedida (WITCHS; LOPES, 2018, s/p).

---

[21] Congresso de Milão de 1888 foi um encontro internacional de professores de surdos ocorrido na Itália. Marcou a Educação de Surdos por ter deliberado pelo banimento das línguas de sinais no ensino de surdos. A opção, que foi acordada pela grande maioria das representações, foi pelo método oral.

[22] Há registros de que a primeira associação de surdos no Brasil foi a Associação Brasileira de Surdos-Mudos, criada entre as décadas de 1920-30, no Rio de Janeiro, mas que logo foi desativada (KLEIN, 1999, p. 44).

[23] Como foi descrito no capítulo anterior, os surdos de Porto Alegre e região se encontravam na frente de uma loja, no centro da cidade, antes de possuírem uma sede para a sua associação.

Eis que essa capacidade de congregação, unida ao sentimento de comunidade que era progressivamente selado entre os surdos, acabou levando à contestação daquilo que os médicos – e, a partir do início do século XX, os fonoaudiólogos – diziam sobre a língua de sinais e da forma de experimentar a linguagem entre as pessoas surdas. Essa contestação encontrou apoio e fundamentação discursiva dentro dos Estudos Linguísticos, primeiramente nos Estados Unidos, na década de 60, nos Estudos Culturais, na Antropologia e na Psicologia. A língua de sinais passou, também, a identificar o indivíduo surdo mais claramente perante a sociedade. Conforme Witchs, Lopes e Coelho (2019, s/p):

> A constituição dos modos de ser surdo na Contemporaneidade não acontece de uma única forma: os aspectos que formam o ethos surdo transitam entre a anormalidade, a diferença, a deficiência, a expressão cultural, entre outros que podem constituir um mesmo indivíduo.

Estudiosos ouvintes e, mais tarde, também surdos, passaram a produzir outros enunciados sobre a vida dos surdos, sobre a língua de sinais e sobre o próprio oralismo. Sendo assim, outros campos, além da medicina e da fonoaudiologia, passaram a dizer e escrever coisas sobre a surdez. Os surdos que se organizavam politicamente, que se encontravam em associações e que passaram a valorizar a língua de sinais encontraram nos pesquisadores, aliados no sentido de inverter afirmações que antes eram sustentadas pela área da saúde.

A partir desses outros campos de investigação, outras verdades foram produzidas sobre os surdos. É importante lembrar que essas verdades não suplantaram o que era dito pela área médica, mas passaram a coexistir. Assim, os surdos são definidos de muitas maneiras, muitas verdades são produzidas a seu respeito e isso faz com que eles vivenciem a linguagem, a educação e a comunicação de muitas formas. Eles se entendem a partir de muitas verdades que concorrem no corpo da sociedade.

O que se pode depreender de relevante do ponto de vista conceitual dessa discussão sobre a alteridade nas comunidades surdas (LOPES e VEIGA-NETO, 2010, p. 119) é que as marcas culturais dos surdos produzem significados que orientam o vínculo comunitário existente entre tais sujeitos. As marcas são impressas nos corpos e nas almas dos sujeitos, por isso, dentro da grande diversidade existente entre os

surdos, há experiências que fazem com que as diferenças sejam interpretadas como sendo pertencentes à comunidade. Assim, os surdos idosos mostram que há uma maneira surda de ser idoso, haja vista que as experiências que marcam esses sujeitos apontam para um conjunto de significados partilhados, que são reconhecíveis a partir do encontro, da convivência, da luta política, etc.

Lopes e Veiga-Neto (2010, p. 119) demonstram que as fronteiras entre os diferentes, sejam surdos e ouvintes, sejam surdos jovens e surdos velhos, etc., não são fixas, logo, as comunidades, por mais uniformes que possam parecer à primeira vista, estão sempre reorganizando a forma como se organizam e como significam suas experiências enquanto surdos. Pode-se pensar em outros conflitos entre grupos sociais, como surdos e ouvintes, brancos e negros, ricos e pobres. As divisões sociais entre categorias são marcadas por afastamentos e aproximações que variam conforme a época histórica. Em relação aos surdos idosos, podemos pensar na maneira como se relacionam com os surdos mais jovens, logo, existem vivências da condição de ser surdo que não se afinam em muitos aspectos.

3.4 COMUNIDADE E POLÍTICA SURDA

Miranda (2001), em sua dissertação de mestrado, salienta as aproximações entre comunidade surda e os espaços da educação de surdos. A partir de um olhar social, afirma que a língua de sinais possui uma centralidade na vida dos surdos, devendo ser por isso incluída no currículo escolar e pensada pedagogicamente. Isso possibilita a transformação social, afetiva e cognitiva em função do poder de mobilização que a língua possui. Isso é o que constrói a comunidade surda. A aproximação entre os sujeitos surdos – seja através das comunidades, seja em contatos eventuais – é capaz de despertar aquilo que possibilita a cultura surda, ou seja, a cultura visual.

> A partir do ensino da Língua de Sinais os sujeitos surdos se desenvolvem social e simbolicamente, sendo trabalhados com o currículo e a pedagogia dos surdos voltados à transformação sócio-cognitiva-afetiva; esses sujeitos, então, começaram a constituir uma comunidade surda solidária e a influenciar comunidades surdas dos arredores, que se encontravam nas mesmas condições, formando a Rede das comunidades surdas. Esses sujeitos

> necessitam essencialmente da “cultura visual”, ou seja, necessitam da cultura surda e do professor surdo como um intelectual nativo. Essas transformações, certamente, necessitam de um longo processo de investimento na Língua e na Cultura surda (MIRANDA, 2001, p. 6).

Pensando nessa cultura visual como sendo despertada através do encontro entre surdos, pode-se afirmar que a presença de professores surdos nas escolas é fundamental. Esses professores – participantes das comunidades surdas – são modelos para os alunos, e, com eles, as crianças e jovens podem construir naturalmente sua intelectualidade e vivenciar a cultura. Esse contato deve ser estimulado para que a língua possa servir de canal para o florescimento da cultura surda, da política e da pedagogia surda.

> Há comunidades surdas que não se sentem comunidades, não se relacionam, há outras que são o espaço onde se vive: o lugar onde se constituem as identidades, a cultura, a arte, a história. Sempre pensei um surdo “vivedor” de comunidades, que vive na subjetividade revolucionária do ser surdo, na luta intencional no seio da comunidade surda, daí fazendo evidenciar a política surda ou movimento surdo (MIRANDA, 2001, p. 11).

Aqui, o autor expressa que o surdo “vivedor” de comunidades é aquele que irá cultivar os elementos que as compõem. Por isso, a cultura, a arte, a história, entre outros, depende dessa formação e consolidação das comunidades. Essa interação comunitária produz subjetividades, fazendo com que elementos entrem em relação em função do encontro: isto é o Ser Surdo. Sendo um fundamento e um espírito de luta, o Ser Surdo é social e político. A política abrange vários aspectos da vida comunitária, principalmente a luta pelo direito à língua de sinais, mas também se relaciona à educação, ao esporte, à acessibilidade, entre outros.

Estar em contato com uma comunidade faz com que os surdos despertem para o seu direito à diferença, algo que é muito difícil de acontecer se não há proximidade com outros surdos. A experiência dos surdos tende a ser apagada quando eles convivem somente com ouvintes, ou seja, há um tipo de representação que os surdos fazem de si mesmos que é pautado não na experiência visual, mas na falta de audição. A partir disso, os surdos que estão afastados dos seus pares não conseguem perceber que existe o DIREITO à diferença surda e representam a si mesmos e a

própria surdez como um problema a ser corrigido. Isso corresponde àquilo que Skliar (1998) chamou de *ouvintismo*[24]*.*

Quando, ao contrário, os surdos têm a possibilidade de integrar uma comunidade surda, algo que ocorre principalmente nas grandes cidades, há todo um envolvimento que produz uma experiência subjetiva, ou melhor, há uma entrada em processos –políticas – de constituição do surdo como sujeito. Witchs e Lopes (2015) argumentam que a história produziu discursos e práticas relacionados à surdez, fazendo com que não se possa falar dos surdos como uma categoria uniforme no decorrer do tempo. Porém, se é fato que nos nossos dias os surdos possuem uma história repleta de conceitos, de representações e de posições na sociedade, é porque no decorrer das eras os surdos puderam se reconhecer como sujeitos. Se hoje um surdo pode lutar por seus direitos é porque ele teve a oportunidade de reconhecer a sua própria experiência, aproximar-se de outros surdos e constituir comunidades.

O Ser Surdo é um conjunto de experiências que se modificou e continua em transformação. Além disso, é algo que exige o reconhecimento de si, logo, é preciso aproximar-se de outros surdos, pois esses possuem experiências semelhantes. A SSRS, bem como as muitas associações de surdos existentes, são espaços que possibilitam essa aproximação. A partir do contato com surdos de diferentes idades, etnias, posições sociais, etc., há a descoberta de modelos de atuação comunitária, de luta política e de uso da língua de sinais.

Esse movimento só é possível em um lugar como a SSRS, em que surdos trazem suas narrativas, contam suas experiências uns aos outros, etc. É um lugar em que surdos chegam, outros vão embora, e, não raras vezes, as associações são mantidas durante décadas com os mesmos surdos.

A comunidade é um espaço de produção: de subjetividades, de cultura, de pautas políticas, de interação. Em razão de reunir pessoas provenientes de diversos contextos, várias faixas etárias e grupos sociais diversos, a comunidade constitui um encontro entre experiências que se aproximam, mas também são diversas. Muitas são as subjetividades que se produzem e que se encontram em uma comunidade

[24] Ouvintismo: é um conceito que se relaciona com representações e narrativas. Como funciona? É quando aquilo que circula de informação sobre os surdos tem como modelo o ouvinte. Assim, quando um surdo se narra, acaba incorporando esse modelo, fazendo com que se reafirmem mitos sobre os surdos. No ouvintismo há também uma resistência, já que o surdo se questiona se esse modelo ouvinte é adequado para ele. Quando o surdo consegue amparo na comunidade surda e passa a rejeitar esses conceitos, ou pelo menos lutar contra eles, ele está desconstruindo o ouvintismo.

surda. É preciso ter atenção ao que se passa na comunidade, pois ali se organizam as experiências da cultura surda e das muitas formas de vivenciar o Ser Surdo. É como um livro em que são escritas as experiências da cultura surda, em que cada página é a vivência de um surdo. Além disso, há o contato entre comunidades diferentes, quando ocorre a transmissão de narrativas entre contextos que podem ser semelhantes ou muito diversos.

> A comunidade surda constrói uma cultura e produz identidades em espaços geográficos, no sentido de nascerem dentro desses, mas em espaços possibilitados ou conquistados para que ocorra, intencionalmente ou não, a organização e a produção surda (MIRANDA, 2001, p. 20).

Muito daquilo que é vivenciado por surdos de uma comunidade foi transmitido por outras comunidades, cuja história é de difícil identificação. Todavia, é preciso olhar com cautela para o que ocorre de transformação em uma comunidade para que se possa compreender também as outras comunidades do entorno, uma vez que, assim como um surdo serve de modelo para outro, as comunidades também são modelos entre si. Assim, as lutas e movimentos em busca de acessibilidade, educação, saúde, etc, são um reflexo do contato entre surdos e entre comunidades.

Há uma descrença da sociedade em relação aos espaços comunitários dos surdos. Estes são vistos a partir de olhares generalistas, que tendem a localizar os surdos na mesma categoria das pessoas com deficiência. Não se percebe a singularidade dessa comunidade em razão do olhar estereotipado sobre as diferenças. Segundo Miranda (2001, p. 22),

> a comunidade surda não pode ser lida do ponto de vista dos discursos do politicamente correto, nem dos discursos inerentes aos ouvintes ou aos outros deficientes. A comunidade surda pode ser lida a partir dos discursos culturais próprios. É aí, dentro da sua esfera cultural, onde ela revela sua diferença, seu texto limite, suas estratégias e sua definição.

O olhar externo à comunidade geralmente não leva em consideração o que os surdos vivenciam em sua diferença. Há também o problema da invisibilidade das pessoas surdas. Muitas pessoas não entendem o que significa ser surdo, possuir uma cultura, ser usuário de uma língua de sinais. Embora o entendimento sobre as comunidades surdas seja muito mais difundido hoje em dia, ainda há muitos estereótipos que circulam na sociedade. Por outro lado, o olhar dos surdos sobre si mesmos é completamente diferente.

Fazer parte de uma comunidade surda – sendo surdo, CODA[25] ou ouvinte – faz com que se tenha contato direto com os anseios e as visões que circulam entre os surdos. Para os sujeitos surdos esse ambiente repleto de riqueza cultural fortalece uma visão positiva sobre si mesmo.

> Foram mais de cem anos de práticas enceguecidas pela tentativa de correção, normalização e pela violência institucional; instituições especiais que foram reguladas tanto pela caridade e pela beneficência, quanto pela cultura social vigente que requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos (SKLIAR,1998a, p. 7).

A formação das comunidades surdas significa uma apropriação de um espaço social, em que os surdos podem falar sobre si mesmos a partir de suas concepções. As experiências visuais são o nó que aproxima os sujeitos. A partir dessas experiências, as marcas do discurso ouvintista são pulverizadas, uma vez que é preciso compreender a forma visual de conhecer, pensar e agir. Se os ouvintes atribuíram aos surdos atributos como deficiência, incapacidade, anormalidade, etc., os surdos respondem a esses discursos criando uma cultura a partir da convivência.

> Dentro da comunidade dos surdos, o mundo é visto como sendo dividido em mundo dos surdos e mundo dos ouvintes. No mundo dos surdos, os surdos não são incapazes, mas simplesmente usam uma linguagem diferente que é visual/gestual. A comunidade dos surdos quer ser vista como uma comunidade lingüística e cultural diferente, e não ser vista como diferente por causa da incapacidade. A visão de mundo dominante dos surdos continua a ser o mundo como uma dicotomia de pessoas ouvintes e surdos. Isto é necessário para construir uma comunidade de surdos coesiva, autoconsciente e orgulhosa (GARCIA, 1999, p. 155).

A citação acima traz uma fala que se repete entre os surdos: há um mundo surdo e um mundo ouvinte. Essa oposição existe, é inegável. Porém, são mundos que se atravessam. Há um histórico de exclusão, menosprezo e violência que impõe aos surdos a necessidade de inverter muitas das ideias que os ouvintes carregam. Um exemplo seria a suposta “incapacidade” dos surdos de trabalhar, de se sustentar, de gerir a própria existência. Provou-se que os surdos são capazes de fazer tudo o que os ouvintes fazem. E, mais do que “provar” aos ouvintes que os surdos têm

[25] CODA é a sigla para *Children of Deaf Adults*, ou seja, filhos de surdos. São crianças que estão em contato com a língua de sinais desde o nascimento. Os ouvintes filhos de surdos são também considerados como falantes nativos da língua de sinais.

capacidades como qualquer pessoa, foi preciso criar formas que expressem essa positividade para os próprios membros da comunidade, pois muitos surdos continuam sendo tratados como incapazes em vários espaços sociais.

A marca de oposição em relação aos ouvintes existe. Mas, não enquanto “resposta” aos ouvintes. As comunidades desejam atribuir a si mesmas valores construídos sobre concepções positivas do Ser Surdo. É em função do orgulho e da consciência de si mesmos que os surdos precisam se diferenciar dos ouvintes para deixar de representar o Ser Surdo, a partir do olhar dos ouvintes. É necessário difundir entre os pares surdos, modos de vida surda positiva, para que falem de si e para si, que os surdos fortalecem as comunidades.

Na SSRS, como espaço da comunidade surda de Porto Alegre, foi possível inverter muitas das ideias reinantes sobre os surdos. A suposta incapacidade acabou sendo desconstruída, uma vez que a união entre escolas e a SSRS fortaleceu a comunidade, incentivando que os surdos estudassem e passassem a ocupar espaços como as universidades, em cursos de graduação, mestrado e doutorado. Com isso, percebe-se que o mundo surdo é necessário para que os sujeitos estudem, apropriem-se de conceitos e leiam em língua portuguesa, exatamente para que o mundo surdo e o mundo ouvinte possam se encontrar em práticas de interculturalidade.

Enfim, vê-se que a comunidade surda, que é concretizada nas associações e nas escolas de surdos, é uma forma social necessária e que deve ser preservada. Nesses espaços, a história e os valores precisam ser transmitidos, por isso a narrativa dos surdos, principalmente dos surdos idosos, precisa ser contada. Mas, é preciso também que a comunidade como um todo preste atenção no que dizem esses surdos.

> Notamos que a comunidade surda é uma questão presente e atual e isso se evidencia pela pergunta: Existe a comunidade surda? A resposta é sim. Trata-se, então, de distinguir e definir suas atividades e atributos atuais inerentes. Para isto, assume máxima importância o discurso antropológico sobre a surdez e a representação da identidade dos surdos, a língua e as experiências visuais (GARCIA, 1999, p. 156).

Os surdos de gerações passadas vivenciaram outros momentos da comunidade, outras representações sociais sobre os surdos, logo, eles dão testemunho da subjetividade como processo. Até poucas décadas atrás não havia toda a visibilidade que os surdos possuem hoje, pois os discursos eram radicalmente opostos ao que se vivencia. Hoje em dia há teorias que defendem o status linguístico

da Libras, há leis que defendem os direitos e há curiosidade sobre as formas de organização das comunidades.

Então, as narrativas dos surdos idosos não nos mostram apenas as diferenças em relação aos conflitos com as pessoas ouvintes nos dias de hoje, mas também revela como os próprios surdos percebem essas transformações. É preciso estar atento às narrativas para entender a amplitude das diferenças entre os surdos, e, assim, demonstrar que não há como universalizar a experiência surda.

3.5 CULTURAS, CULTURA SURDA: SER SURDO E SER ESTRANHO

Diversas pesquisas já evidenciaram que a cultura surda tem história, pois essa está em desenvolvimento e em constante movimento. Contudo, ainda há pessoas que não reconhecem essa história, por isso que se faz necessário o resgate do passado dessa comunidade. Para Pesavento (2005, p. 118), “[...] a subjetividade dos atores a resgatar no passado. Uma das características da História Cultural foi trazer à tona o indivíduo, como sujeito da História, recompondo histórias de vida, particularmente daqueles egressos das camadas populares”.

Esse resgate foi realizado através da metodologia de histórias narrativas, que tratarão sobre a experiência de vida dessas pessoas idosas. Faz parte da história esse resgate para o fortalecimento da cultura surda em que essas diferentes culturas, dentre elas a cultura surda seja:

> [...] o padrão de comportamento compartilhado por sujeitos surdos na experiência trocada com os seus semelhantes quer seja na escola, nas associações de surdos ou encontros informais. Isto origina a identificação de pertencer a um povo distinto, caracterizado por compartilhar Libras, valores culturais, hábitos e modos de socialização, e que, conforme reflete Hall (2004), é a representação que atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior (PERLIN; STROBEL, 2014, p. 25).

A cultura pode ser entendida com uma metáfora: em um primeiro momento não enxergamos nada, pois estamos vendo apenas uma parede vazia com uma janela fechada. Mas, ao abri-la, percebemos que existem várias culturas, várias interpretações e que, muitas vezes, podemos utilizar as pessoas surdas como referência.

Além disso, é preciso mostrar o valor, os costumes e os hábitos dos sinalizantes surdos a fim de dar continuidade às suas histórias. Muitas políticas públicas foram implementadas e trazem informações sobre esses hábitos. Outro ponto relevante é que não se trata de uma cultura homogênea, mas de várias partes e detalhes que constituem cada sujeito: o subjetivo. Esse subjetivo é constituído por cada indivíduo que olha e percebe o seu presente e interliga ao seu passado.

> A história cultural é uma nova interpretação de caminhos percorridos, para a deferência do povo surdo, dando lugar à sua cultura, valores, hábitos, leis, Libras, bem como à política que movimenta tais questões, e não mais a excessiva valorização da história registrada sob as visões do colonizador, uma história que dá lugar ao sujeito (PERLIN; STROBEL, 2014, p. 21).

Para Santos (2006), a cultura social é entendida como uma variedade de aspectos como, por exemplo, o artístico, o religioso, o cinematográfico, televisivo, etc, e, todos esses aspectos interligam-se à cultura. Outro exemplo que Santos traz é sobre o aspecto geográfico em que os indivíduos nascem, bem como suas práticas. Cada localidade tem suas particularidades e características próprias, além de variadas idades e escolaridades. Por isso, buscamos informações a respeito dessas culturas. Reitero que tudo isso são construções e resgates de histórias sobre famílias e outros grupos e de influências sociais que, a partir disso, estimulam a subjetividade e a interiorização dessa cultura no meu Eu.

Antes de ter contato com leituras do campo dos Estudos Culturais, acreditava que a cultura era algo único, inerte, visão que foi transformada a partir do momento em que eu iniciei os estudos sobre Cultura Surda. Passei inclusive a compreender que a Libras é também parte da cultura, que possui valor histórico e social. Atualmente, vejo a cultura surda com diferenças de vários tipos, mas ainda fazendo menção à identidade Surda como forma de representar a surdez: o que significa Ser Surda? Relaciona-se somente ao não ouvir? E isso é o que constrói a cultura surda? Não se pode reduzir apenas a isso. Precisamos pensar nas diferenças surdas.

A questão cultural surge a partir de uma discussão sobre a centralidade da cultura e isto é importante para que haja o reconhecimento das diferenças culturais. Para Klein e Lunardi (2006), a surdez vem se constituindo em um campo de conhecimento e práticas de significação em que a questão cultural emerge como um dos temas centrais. As autoras apresentam uma discussão quanto à centralidade da cultura e sua importância nas problematizações cotidianas de grupos culturais na

busca do reconhecimento de suas diferenças, pois “pretendemos abordar a constituição da “essencialidade” de uma cultura surda com a tentativa de apresentarmos um deslocamento dessa “pureza cultural” para um território hibrido e de fronteira” (KLEIN, LUNARDI, 2006, p. 15).

Ao analisarmos sob a ótica de Bauman, vemos que no eixo Cultura como Conceito hierárquico, os antigos gregos pautavam a questão da “natureza ideal” como modelo e referência de vida: “O ideal cultura-natureza dos antigos gregos não se subdividia nos domínios que hoje estamos acostumados a distinguir de modo tão meticuloso; o moralmente bom era ao mesmo tempo esteticamente belo e mais próximo da verdade da natureza” (BAUMAN, 2012, p. 94).

Esse conceito traz algumas questões pertinentes às marcas de uma Era e que de alguma forma parece cíclica. Na Grécia antiga os corpos eram cultuados, eram representantes de força e beleza. A Grécia espartana era territorialista e sem armas poderosas o corpo era arma fundamental para as invasões e manutenção das terras conquistadas. A fertilidade era a garantia de uma população maior e de um exército forte e vigoroso, a beleza era um item fundamental do hedonismo e esses elementos forjaram uma cultura higienista em que o corpo ‘que não era belo e saudável não tinha utilidade, não tinha valor’. Esse era um modelo de saúde, perfeição, modelo de corpos moldados para resistir, ir para a guerra, produzir força e disciplina. Desta forma tudo aquilo que saía fora do padrão disciplinador, regulador e natural se tornava “estranho”.

Então, na visão grega, a falta de audição criava um sujeito fora dos padrões, fora de serventia social e cultural, que seria preservar valores culturais e de bens materiais. E sem valor, fora da estética natural de parecer e do servir, então, também era cunhada a deficiência, a falta. Esse sujeito sem o elemento natural da audição, não se colocava próximo da perfeição natural e teve como definição a não serventia para “aumento” e preservação da espécie, criando, assim, o estereótipo da deficiência e não direito à herança dos bens e valores da sociedade em que vivia.

A comunidade surda luta para que os surdos não sejam mais dominados pelos preconceitos que existiam antigamente — e que vem se mantendo e atualizando em diferentes momentos da história — para que possam se reconhecer como sujeitos que têm funções no mundo, importância, e também para que expressem publicamente o seu desejo de Ser Surdo.

> [...] construir relações de solidariedade de grupo é um projeto político de construir e afirmar uma identidade de grupo positiva. Esses são passos cruciais para confrontar o imperialismo cultural e descobrir coisas sobre si mesmo e sobre os outros com quem se sente afinidade (WRIGLEY, 1996, p. 159) [tradução livre].

Diante dos conceitos plurais sobre a cultura, podemos refletir sobre as culturas “estranhas”. A cultura surda é vista como estranha, muitas vezes, pois a pessoa surda sinaliza, utiliza expressões faciais e corporais e há pessoas que acham que essa expressividade é um ato de violência ou de rigidez. Mas, não é isso! Ser estranho pode estar no modo de se vestir e de se comportar, ou no modo como usa o cabelo. Mas, o estranhamento é necessário para que se perceba que há outros tipos de experiência, além da que se está acostumado e adaptado.

Para Bauman (1998, p. 32) “a imagem do mundo diariamente gerada pelas preocupações da vida é destituída da genuína ou suposta solidez e continuidade que costumavam ser a marca registrada das estruturas modernas”. Os surdos são estranhos aos olhos dos ouvintes, mas nós surdos também precisamos nos estranhar, olhar para nós mesmos com atenção à pluralidade, para que seja possível ver as diferenças que nos compõem e nos enriquecem.

Diversas traduções e interpretações dessas formas de ser são produzidas e se mostram configuradas na diversidade cultural dentro da nossa sociedade, dentro dessa lógica social. Além disso, muitas pessoas e grupos têm jeitos de ser distintos e isso serve de apoio para outros estudos com o intuído de diminuir o preconceito e a vitimização de outros grupos. Por isso pergunto novamente: e o estranho?

De outra forma, a condição desses indivíduos “estranhos” que usam uma língua corporal, que os diferencia de outros grupos de maioria numérica e de “fala oral” vem fortalecer e alicerçar a “comunidade” e os padrões culturais próprios desse povo. O que é esse povo? Povo é a comunidade surda, a cultura surda. A princípio grupo de minoria linguística, não somente os diferencia, mas embala o conceito de identidade e cultura, distanciando-os de uma “natureza ideal”, conforme pensavam os gregos.

A diferença linguística encontra no conceito de Cultura Diferencial pontos de apoio quanto à constituição da identidade desse grupo. O uso de uma língua visual-gestual caracteriza-os, constituindo-os enquanto grupo de minoria, não somente pelo número de sinalizantes em comparação aos ouvintes, mas pelas relações de poder que envolvem o reconhecimento das línguas. Enquanto grupo minoritário, para os

surdos, haveria o risco de perder-se a essência da sua língua e cultura. Bauman me provoca:

> Pelo contrário, eles tratam o fato de as “culturas” resistirem à fusão e tenderem a manter suas características distintivas como um problema a ser explicado. Cada vez mais cônscios da unidade básica da espécie humana, presumem de forma tácita que, se as pessoas não sucumbem a um conjunto de padrões unificados, deve haver alguns fatores em operação impedindo-as de fazer isso, e que esses fatores deveriam ser apontados e devidamente analisados (BAUMAN, 2012, p. 74).

Surgem, então, os embates desta Comunidade Sinalizante, na qual encontramos argumentos no Conceito Genérico de preservar a sua língua e cultura sem perder sua essência, não se dissolvendo pela força externa de uma cultura, valores e hegemonia de valores da cultura oralizada. A ideia da Globalização, da hegemonia que acena com a perspectiva de inclusão no Mundo, ameaça a permanência de características tão peculiares das comunidades de minorias, criando forças de movimentos e lutas do povo sinalizante na preservação de sua língua e cultura. Por isso, é de extrema importância buscar nos surdos idosos elementos essenciais que preservam a história e a língua dessa comunidade.

A preservação dessa Comunidade, sua cultura linguística e inter-relação com o meio, colocaria uma ameaça, correndo-se o risco de perder a identidade e classificar o meio de “maioria linguística (oral)” como maléfico. E nessa abordagem, encontra-se na Libras, na Comunidade Surda e nos grupos dessa comunidade, elementos imprescindíveis para a preservação e permanência cultural e linguística através dos tempos.

O surdo idoso que adquiriu sua experiência linguística e cultural em época em que não havia um reconhecimento linguístico e, ao contrário, época em que sentiu nas próprias mãos o peso da cultura oral hegemônica, ao tentar amarrá-las e proibir o seu uso, é o protagonista consciente ou inconsciente dos avanços conquistados pela Comunidade surda. De acordo com a literatura sobre a história dos/as surdos/as e nas diferentes narrativas sobre a constituição da comunidade surda, são recorrentes a menção a um momento de descoberta, de desvelamento da identidade e da cultura surda[26]. Tal desvelamento é tematizado nos estudos sobre a Cultura Surda, a partir

[26] No livro autobiográfico “O voo da gaivota” (Le cri de La Mouette), Emmanuelle Laborit descreve o momento emblemático deste encontro com o ser surdo. Narrativas como essa são sinalizadas por muitos surdos, em encontros formais e informais, quando contam sobre seu encontro com outro surdo e a língua de sinais.

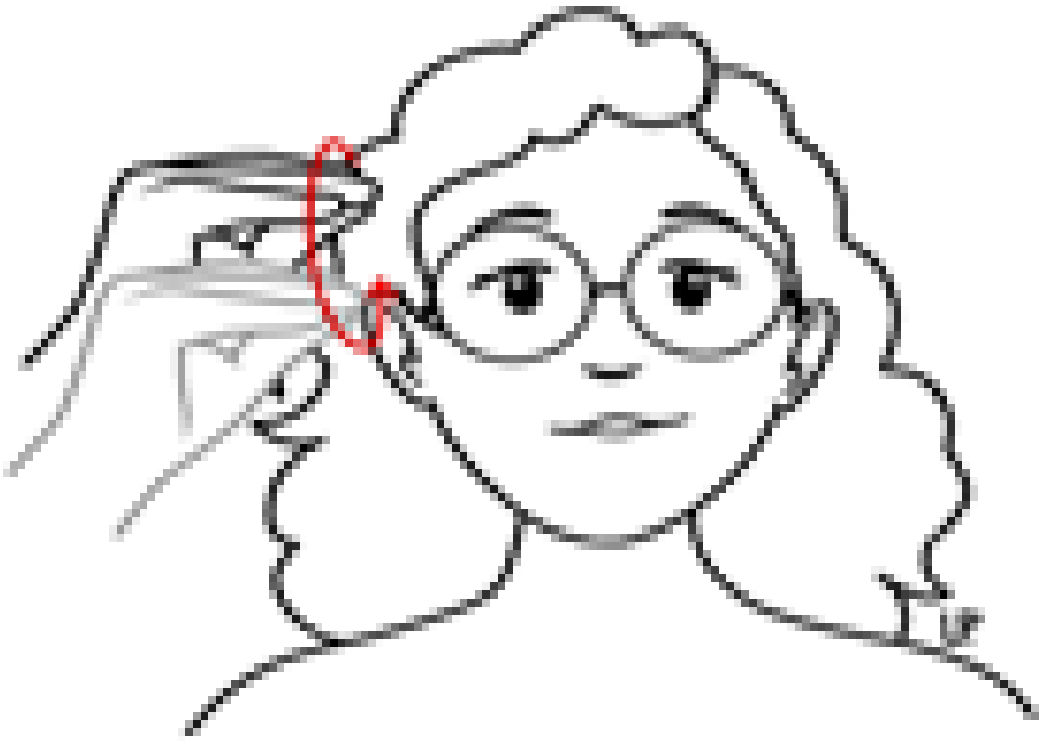
do momento em que as línguas de sinais, entre elas a Libras, passam a ser objeto de investigação científica, no campo da linguística.

A partir de estudos como os de Stokoe (1960) nos Estados Unidos, de Quadros (1997), Quadros e Karnopp (2004) no Brasil, passou-se a entender a língua de sinais como tendo um papel preponderante nas comunidades surdas, constituindo um traço cultural. Para os sujeitos surdos, segundo narrativas recorrentes nas comunidades, incluindo aí a minha própria pessoa como pessoa surda, o desvelamento da identidade se dá a partir do encontro com outros surdos. É nesse sentido que minha investigação se interessa por aquilo que os surdos idosos relatam sobre a sua identidade cultural, sua descoberta de si mesmos como sujeitos pertencentes a uma cultura.

> Tentar resgatar e, principalmente, entender como os surdos de outros tempos e dos tempos atuais dão sentido ao mundo e o transformam a fim de fazê-lo habitável, como o entendem, como se relacionam, como negociam a cultura nas relações de poder, como acontecem as intercorrências, como dão sentido ao mundo, é uma das lides do pesquisador e historiador (PERLIN, STROBEL, 2014, p. 23).

Assim, poderemos explorar as narrativas, trazendo a história de vida e as experiências com surdos idosos. Bauman (1998, p. 38) destaca que “é característica muito difundida dos homens e mulheres contemporâneos, no nosso tipo de sociedade, eles viverem permanentemente com o “problema da identidade” não resolvido” e, por isso que aqui nessa Tese trago o resgate das identidades e das subjetividades da cultura surda e, principalmente, do surdo idoso.

Figura 9 – Sinal de EXPERIÊNCIA



Contamos histórias porque afinal de contas as vidas humanas precisam e merecem ser contadas (RICCOEUR apud ARFUCH, 2010, p. 119).

4 NARRATIVAS COMO POTENCIALIZADORAS DE APROXIMAÇÕES ÀS EXPERIÊNCIAS DOS SURDOS IDOSOS

Neste capítulo, detenho-me nas aproximações teórico-metodológicas que conduziram a pesquisa. Para atender aos objetivos propostos, considerei oportuno capturar experiências dos surdos idosos a partir de narrativas sinalizadas em que suas histórias e da comunidade surda pudessem emergir.

A narrativa é a arte da sabedoria. Benjamin (1994, p. 198) afirma que "a experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores", permitindo que as histórias orais passem de pessoa para pessoa, de geração a geração. Aqui, reitero que não utilizo a narrativa 'oral' no sentido literal do termo, pois esse termo pertence à cultura ouvinte; eu utilizo narrativa em sinais, narrativa sinalizada, pois essa pertence à cultura surda, à comunidade surda. De qualquer forma, pode-se dizer que as narrativas em Libras são consideradas do ponto de vista da oralidade, se a considerarmos como (corp)oralidade.

Levando em conta que a oralidade pode ser entendida como uma prática social que coloca a língua em uso, em situações variadas de produção (MARCUSCHI, 1997), entendo que a Libras também pode ser analisada a partir dessa noção. Remeto, aqui, ao material produzido pelo Professor Dr. Tarcício de Arantes Leite para o curso de Licenciatura Letras-Libras, em que ele efetua uma torção importante no conceito de oralidade e torna explícita a possibilidade de utilizar o termo oralidade nas pesquisas que envolvem a Libras:

> Oralidade, no sentido que é discutido neste curso, está relacionada a toda a forma de comunicação viva, face-a-face, em tempo real, que existe entre as pessoas, inclusive nas comunidades surdas. Você pode pensar no conceito de oralidade como significando (corp)oralidade, pois, na verdade, a oralidade envolve não apenas o uso do aparato vocal e auditivo, mas também os gestos, as expressões faciais e corporais (LEITE, 2010, p. 3).

Para compreender a (corp)oralidade dos surdos idosos, é preciso distinguir as maneiras como esses sujeitos utilizam a língua, como interagem entre si, como recebem as informações e quais conteúdos circulam em suas narrativas. Sendo assim, é preciso compreender a narrativa como a possibilidade de envolvimento

cultural entre os surdos idosos, no sentido de como são produzidos vínculos a partir da produção e da recepção de narrativas.

A ideia central foi fazer o registro das Narrativas para que não se percam essas histórias, pessoas e língua que se construem dentro e fora da escola e associações. O registro significa vivificar essas lembranças, sendo essas verdadeiras ou fictícias, o que importa é a relevância que se dá às pessoas dentro da Cultura Surda, na produção de sinais e significados. Assim como Perlin e Strobel (2014, p. 23) afirmam:

> tais narrativas vêm de inúmeras práticas surdas na luta pelo poder, antes silenciadas, de novos sujeitos surdos e novos perfis para serem incluídos no discurso histórico. Partiram inicialmente das narrações de pesquisadores surdos, militantes e líderes, para incluir, em seguida, as dos trabalhadores, dos desempregados surdos, entre outras. Com a vinda do direito a contribuir para a sociedade em que vivemos, o direito à história e à presença da memória passou a ser integrado ao discurso do processo de produção do conhecimento.

Entendo as narrativas como expressões da luta surda pelo poder, sendo a Libras o elemento que agrega os sujeitos surdos e a mesma que interditada e até, por vezes, proíbe de conquistar o direito de estarem juntos e conviverem. É uma luta social. A existência de espaços como a SSRS e as escolas de surdos bilíngues indicam que a língua não é apenas um meio de comunicação, ou seja, os surdos não querem apenas ter o direito de conversar, mas querem ser educados – compreender e narrar o mundo – na sua própria língua. É por isso que entendo a importância do conceito de narrativa e como a habilidade de narrar é constituinte da subjetividade humana.

A seguir, exponho o conceito de narrativa de Walter Benjamin (1994), para poder definir aquilo que chamo de narrativa e como isso se relaciona com a construção da história dos surdos, uma vez que a aquisição da Libras, como foi dito, é determinante para o próprio reconhecimento dos sujeitos surdos, como sujeitos culturais.

4.1 CONCEITO DE NARRATIVA E A PRESENÇA DO NARRADOR

Para Benjamin (1994) o Narrador é uma figura que está em vias de fragmentação em função da tecnicização da sociedade e do processo histórico que levou o homem a perder a habilidade narrativa ao longo da história. Considero importante trazer essa concepção pelo fato de que o autor desenvolve uma reflexão que abrange um longo período de tempo, desde a Antiguidade até o período posterior à Primeira Guerra Mundial, trazendo elementos que nos ajudam a localizar o narrador em meio às transformações políticas e sociais. Sendo assim, os próximos parágrafos se dedicam a percorrer os movimentos que a história imputou a habilidade narrativa e como podemos abordar essa temática nos dias de hoje.

No texto *O Narrador*, Benjamin (1994), tem como ponto de referência a obra do escritor russo Leskov, e o aponta como um exemplo modelar da capacidade narrativa que vem se fragmentando ao longo do tempo. Sobre Leskov é dito que foi um narrador exímio, exatamente em decorrência do tipo de temática e de procedimento de escrita que utilizou. Leskov foi um escritor que se aproximou da simplicidade herdada dos antigos, pois tinha proximidade com a Igreja Ortodoxa, mas discordava da burocracia eclesiástica. Ocupou cargos em uma firma inglesa, onde pode desenvolver melhor suas aptidões narrativas. Viajou muito, conheceu seitas rurais, camponeses, modos de vida comuns da Rússia. Sempre escrevia sobre a santidade do homem comum, mas também sobre lendas russas, sobre o alcoolismo, sobre classe operária, enfim, sobre o povo.

Há na narração um tipo de senso prático, seja moral, ensinamentos do trabalho, normas de vida, etc. Aconselhamento: o homem precisa estar aberto, falar sobre sua situação para receber um conselho. Nos tempos de hoje, os de Benjamin e os nossos também? Em que medida? É difícil aconselhar porque a experiência está deixando de ser comunicável. A sabedoria está deixando de ser verbalizável.

Estamos em uma era que é muito instrumental e pouco ligada à vida cotidiana e à prática, distante da experiência. Mas, não pensemos que isso é algo moderno, pois essa fragmentação da narrativa é algo que atravessa vários séculos e acompanha a evolução das forças produtivas. Vemos que Benjamin tem uma ligação forte com o sentido histórico do trabalho. As relações de trabalho, exploração, produção, são marcas da análise benjaminiana da narrativa. Benjamin era um

marxista e não podemos esquecer, por isso, as formas de produção sempre terão destaque em sua teoria.

Benjamin relaciona a morte da narrativa com o surgimento do romance. Não se trata de algo causal, não é uma ligação de causa e efeito, mas um processo que envolve fatores diversos da vida no final da idade média e início da modernidade. Mas em que sentido o romance contribui para a dissolução da narrativa? Benjamin diz que é porque o romance está muito ligado ao livro e pouco ligado à tradição oral. Aqui, faz-se crucial compreender a invenção da imprensa como uma marca na cultura que irá modificar a relação das pessoas com o saber. O livro se populariza a partir dessa invenção.

Na idade média era muito caro ter um livro, por isso havia uma outra relação com esse objeto. Os livros pertenciam somente à Igreja, pois eram muito poucos os exemplares e muito caro possuir uma biblioteca. Com Gutemberg, inventor da prensa móvel, máquina que possibilitou a impressão de livros, isso se altera.

É nesse sentido que se estabelece uma relação diferente com a escrita, já que a partir daí há um distanciamento entre o escritor e a tradição oral. O escritor passa a ser solitário e é por isso que o Romance se distingue da tradição oral, não tem origem na tradição oral, não alimenta a tradição oral. Dois tipos devem ser distinguidos, segundo Benjamin: o Narrador – retira da oralidade a sua narrativa, dos encontros, da experiência, sabe dar conselhos e o Romancista é o contrário, pois ele se isola, não ouve conselhos e nem sabe dar conselhos.

Segundo Benjamin (1994) é preciso “levar o incomensurável aos seus próprios limites”. O que significa essa frase? Quer dizer que o romance inventa os próprios meios e fins. Dom Quixote, o primeiro romance, não está aberto a conselhos nem à sabedoria. O Romance de formação como, por exemplo: *Candido*, de Voltaire; *O vermelho e o Negro*, de Stendhal, *Emílio*, de Rousseau; *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, entre outros, trazem elementos sociais e históricos para desenvolver a vida de um personagem, mas ainda assim de maneira muito frágil e diversa da experiência radical da narrativa épica.

É essa fragilidade dos contextos históricos e sociais em relação à construção da personagem que são os pilares da construção de um romance de formação e é aí que o autor expande o incomensurável, o impossível, o desacordo com aquilo que é real, que é vivenciado em uma época e trama um romance. Essa trama, essa fusão

de elementos distantes, impossíveis, sem exemplo no mundo real, é chamada de *romanesco*.

Benjamin considera que a fragmentação da habilidade narrativa se dá em função do aparecimento do livro. Mas, em que medida podemos entrever os traços de um narrador nos nossos dias, quando tematizamos uma narrativa oral, e, ainda, quando nos detemos nas produções de (corp)oralidade, como a que é produzida pelos surdos idosos?

4.1.1 O tédio como característica da narração

Benjamin (1994) afirma que a habilidade de narrar é favorecida em momentos de tédio, limite entre o estar desperto e o sono. Não significa que as narrativas devam ser monótonas e chatas. Ele afirma isso porque a internalização do aprendizado e fluidez da narrativa dependem de um estado de relaxamento, de conforto, que só pode ser comparado aos momentos de profunda intimidade, proximidade entre os interlocutores, em que o narrador atinge o coração daquele que escuta e que, futuramente, será o transmissor dos saberes adquiridos. Tais momentos de tédio proporcionados pela narração são descritos por Benjamin como uma arte de narrar, profundamente ligados aos fazeres manuais, as rodas de conversa, contações de histórias entre colegas de trabalho. Ele dá como exemplo as oficinas medievais. Lobo (2015), ao comentar a obra de Benjamin, afirma que:

> [...] é por meio desse artesão que as palavras presentificam e atualizam, em certa medida, os saberes, os costumes e as tradições que acabam por preservar e manter a coerência social do grupo. Em algumas sociedades de cultura predominantemente oral, a figura do narrador tradicional assumiu um papel quase místico, tal seu poder diante da comunidade (LOBO, 2015, p. 90).

A narrativa, muitas vezes, é vista como a arte de dar conselhos, pois nossas experiências vêm à tona diariamente. Precisamos saber narrar essa história. “o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (BENJAMIN, 1994, p. 200). É preciso, além de saber narrar, saber compreender a narrativa e isso deve perseguir metodicamente, uma vez que nossas experiências de

comunicação profunda e atenta são cada vez mais raras devido à quantidade de informações que nos rodeia diariamente.

Uma pesquisa de narrativa deve estar atenta ao fato de que em nossa vida contemporânea há excessos de informações e a tecnologia, apesar de facilitar nosso cotidiano, em muitos aspectos, também acaba dificultando as experiências de comunicação narrativa, as trocas, os conselhos dos sábios, a tranquilidade de uma conversa em roda, etc.

Eu penso: o que é narrativa? O que tem por dentro dessa palavra? Que discurso que essa palavra carrega? Seria uma forma de “consertar” a nossa memória? A nossa prática é formada por inúmeras culturas, identidades e representações sociais. Por isso digo que a narrativa é produção, é sabedoria. Sabedoria, essa, que se distingue da simples troca de informações.

Informação, segundo Benjamin (1994), é a forma mais baixa de comunicação, já que não promove o encontro, não valoriza os saberes essenciais à vida. Muitas vezes as informações mais superficiais ganham primazia em relação aos conhecimentos espirituais, culturais, as tradições, etc. A pesquisa deve, portanto, filtrar aquilo que é informacional, superficial, provisório e se deter naquilo que os narradores produzem de sabedoria.

Um ambiente propício para esse tipo de comunicação é, por exemplo, um encontro sem muitos protocolos, que não exija dos participantes muito preparo, mas que seja um momento em que os narradores possam estar à vontade, em estado de maior recepção. Para pensar isso, escolhi a noção de tédio que é sugerida por Benjamin. Porém, é preciso lembrar que esse estado de relaxamento da narrativa não é o mesmo que não ter método. É o contrário, pois essa habilidade só pode ser alcançada com método.

Vivemos em um mundo cheio de compromissos, envolto em informações superficiais. Lembrando que a ideia de Walter Benjamin é de que a informação é uma forma menos importante e menos consistente de comunicação. Por isso, quando queremos analisar uma narrativa, é preciso ter atenção àquilo que os surdos pensam, sentem, gostam, vivenciam, e não somente informações resumidas e traduzidas. Quando os surdos sinalizam, eles não contam somente informações de suas vidas, eles mostram sua história enquanto pessoas surdas.

> Entendemos narrativas como um discurso conectado com a invenção, criação e manutenção das práticas culturais e das identidades e representações que elas produzem. Essas práticas são lugares em que se pode esperar que ocorram diferentes coisas, em que se produzem intersecções de diferentes possibilidades (KARNOPP e KLEIN, 2016, p. 96).

Essas autoras falam em um discurso *conectado* com certas atividades, portanto, é possível pensar esse discurso como um tipo de *ação.* A narrativa é um tipo de uso da linguagem que precisa passear entre vários pensamentos e ideias. Isso me faz lembrar de quando eu passei a estudar na Escola Especial Concórdia.

Nessa escola eu via os outros surdos interagindo com brincadeiras, aprendizagens e esportes e estavam sempre refletindo em Libras. Depois de um tempo eu também passei a fazer isso. Eu via as coisas acontecendo e falávamos sobre isso. Para conseguir narrar coisas sobre essa época, muitas coisas relevantes só fariam sentido em língua de sinais. Essas não são “informações”, são os momentos em que a vida se expressa na língua.

O tédio, como estado de abertura à narrativa é, certamente, um estado psicológico difícil de ser alcançado em uma pesquisa. Porém, acredito que existam meios de possibilitar aos participantes, os surdos idosos, uma situação em que eles se sintam confiantes e tranquilos para que narrem suas experiências, para que a narrativa seja de fato uma experiência comunicativa em que a sabedoria desses sujeitos seja expressa. Para tanto, a própria pesquisadora deve estar, também, aberta e receptiva aos informantes.

4.1.2 A Narrativa em Libras

Outro ponto que se faz necessário destacar é que nem sempre essa narrativa estará firme, pois é natural que, com o envelhecimento, a perda de memória ou de detalhes de vida vividos se desfaçam. Por isso, essa tese valoriza a narrativa e o que realmente é levado em consideração é a linguagem, os movimentos da comunidade surda, as mãos sinalizantes. Portanto, a ênfase está muito mais sobre aquilo que os surdos idosos produzem como valor de suas experiências do que propriamente na veracidade do conteúdo daquilo que dizem.

Toda produção cultural deve ser valorizada, referenciada e registrada. Aqui, estão registradas as sinalizações de idosos surdos, a diversidade linguística e as suas experiências visuais dessa comunidade surda. E, por que não fazer o uso das tecnologias e das redes sociais para auxílio e divulgação? Ou das mídias digitais?

As narrativas sempre estiveram com o ser humano como formas de expressão, de diálogo e de manutenção do imaginário social e cultural. Muitas vezes, mesmo sendo ações do dia a dia, é preciso marcar essa narrativa para não nos distanciarmos dessa arte e, por isso, reitero a necessidade dessa pesquisa, pois as narrativas desses surdos idosos podem se extinguir muito em breve.

O campo das experiências históricas surdas vem ao encontro da produção, circulação e consumo da cultura surda, pois a narrativa é o intermédio entre a cultura e a fala, de forma a destacar os valores de cada um durante essa narrativa. Perlin e Strobel (2014) afirmam que:

> [...] os sujeitos marginalizados, de fronteira, de periferia conseguem reverter a história e esta vir à tona, não como um incômodo, mas como necessidade para sua presença social. A partir desta afirmativa podemos olhar para o que temos: as narrativas históricas dos surdos. Estas se descortinam como um campo aberto. E para registrar a nossa história cultural sentimos a necessidade de adentrar os feitos culturais e linguísticos dos povos surdos para capturar o ritmo histórico das comunidades surdas existentes hoje (PERLIN; STROBEL, 2014, p. 20-21).

Há diversos gêneros textuais como, por exemplo, conto, fábula, jornal, poesia, literatura surda, etc. Entre eles, o que cada um tem em comum é a forma de registro impresso. Quando há o registro escrito, a nossa memória fica preservada com mais força. É lastimável que existam tão poucos livros em Libras – gravados em vídeo –, o que vem se consolidando nos últimos anos, mas com produções das novas gerações de surdos.

Para Peluso (2014), o registro em vídeo dos textos sinalizados funciona para os surdos como *escritura.* Esse autor uruguaio, que estuda a LSU – Língua de Sinais do Uruguai –, argumenta que em seu país é difícil para os surdos consolidar uma cultura letrada. Apesar de no Brasil as videogravações serem muito utilizadas pelos surdos diariamente como em videochamadas, literatura surda, etc.

Ainda se está longe de existir textos variados em Libras que contemplem ciência, literatura, escritos técnicos, textos jurídicos, entre outros. Essa variedade de textos em língua de sinais seria algo positivo, pois daria acesso à leitura de maneira

mais efetiva. Mas, infelizmente, há poucos textos traduzidos e/ou “escritos” –filmados – em Libras, o que dificulta a formação de surdos leitores.

A língua de sinais pode ser registrada em vídeo ou em Escrita de Sinais. O vídeo tem sido a preferência dos surdos em razão de a Escrita de Sinais, que é um sistema ainda em estudo e pouco conhecido entre os surdos, não ser ainda algo prático, pois ainda falta contato com esse sistema[27]. Talvez seja preciso esperar muitos anos até que os surdos consigam incorporar essa escrita em seu cotidiano.

Porém, por enquanto, os vídeos têm sido amplamente utilizados para fins de comunicação e de registro de vocabulário, conceitos, discussões políticas, literatura e narrativas[28]. Por isso que uma pesquisa com surdos precisa considerar a gravação em vídeo como um recurso metodológico, porque a expressividade, as crenças, as opiniões, as formas de entender são produzidas na língua de sinais. Observar a sinalização dos surdos gera muitas informações que a escrita em português não consegue captar.

> A história cultural é uma nova interpretação de caminhos percorridos, para a deferência do povo surdo, dando lugar à sua cultura, valores, hábitos, leis, Libras, bem como à política que movimenta tais questões, e não mais a excessiva valorização da história registrada sob as visões do colonizador, uma história que dá lugar ao sujeito (PERLIN e STROBEL, 2014, p. 21).

Assim, defendo a produção histórica através das narrativas, pois essas mãos que narram contarão o passado vivido de uma forma singular. É preciso mostrar essa vivência a outras pessoas participantes da comunidade surda. Contextualizar sobre valores, locais, culturas e vivências, tudo isso constitui novos significados ao outro. Além disso, também pode acarretar que outros queiram contar a sua história também.

Benjamin (1994) destaca a incapacidade de pessoas que viveram algo serem incapazes de narrar alguma coisa e de não conseguir intercambiar experiências. Ele afirma que “arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as

---

27 Pesquisas sobre a escrita em sinais (*SignWriting),* no Brasil, iniciaram há aproximadamente duas décadas. Podemos citar, entre os primeiros estudos, a dissertação de LOUREIRO (2004) e a tese de STUMPF (2005). Nos anos seguintes, encontramos trabalhos sobre o tema e suas contribuições para a educação bilíngue dos surdos.

28 Considero interessante registrar que no período em que esta Tese foi escrita, estamos acometidos pela pandemia da COVID-19, o que implicou no isolamento social. Nesse período, a comunidade surda envolveu-se intensamente na produção de *lives* em que a comunicação em Libras proliferou, resultando em um conjunto de materiais em vídeo em que temas diversos foram abordados, resultando em um interessante acervo de produções que retratam os interesses da comunidade surda.

pessoas que sabem narrar devidamente" (BENJAMIN, 1994, p. 197). Por saber disso, destaco a urgência da manutenção e registro das narrativas, justificando novamente a relevância da minha pesquisa acadêmica.

Anos de lutas já se passaram, inúmeras experiências aconteceram entre essas pessoas e hoje os jovens surdos desconhecem os protagonistas de outras épocas. Onde estão os elementos visuais que garantirão essa memória? Onde estão as traduções dessas histórias que resgatam esse movimento social e linguístico? Onde estão esses recortes e essas costuras?

Para investigar os surdos idosos é preciso ter o cuidado de não os considerar meros objetos de uma análise, mas como sujeitos culturais, que constroem a própria história. É preciso respeitar suas formas de sinalizar em Libras, pois ela expressa o pensamento original de um povo surdo. Assim, sendo sujeitos usuários de uma língua visual, é preciso prestar atenção nos mínimos detalhes daquilo que seus corpos expressam, e, para isso, realizei filmagens de suas narrativas[29], estando atenta àquilo que conversavam naturalmente e também questionando e propondo discussões.

Tais filmagens foram capazes de registrar os sinais dos surdos idosos que estão envolvidos por laços de amizade, compartilhamento de uma língua e de uma cultura e, também, devido à faixa etária. Isso significa que a pesquisa teve critérios para enfocar um grupo específico e não todos os surdos e, com isso, é preciso ter em mente a maneira como eles vivenciam a surdez de forma singular.

Sendo os sujeitos da pesquisa pertencentes a uma geração mais antiga de surdos, há diferença na maneira como sinalizam, já que antigamente a Libras era muito mais marginalizada. Era uma língua que não tinha projeção social, pois os surdos eram tratados como inferiores, como deficientes. A escola, há cerca de 50 ou 60 anos atrás, não estimulava nem acreditava na Libras.

Portanto, pode-se dizer que os surdos idosos, que são os sujeitos da investigação, foram marginalizados e hoje vivenciam uma grande diferença em relação aos surdos mais jovens. Enquanto os jovens se desenvolvem em um tempo em que há legislação específica para a Libras e que podem compartilhar da língua em diferentes espaços, inclusive virtuais, os mais idosos guardam na lembrança histórias de sofrimento e de exclusão e, muitas vezes, ainda carregam o sentimento de inferioridade.

---

[29] Detalhes sobre a realização das entrevistas estão explicitadas na seção 4.2.2.

Narrar é uma ação inerente ao ser humano. É desde o interior da cultura que os sujeitos narram suas experiências e as transmitem aos outros, sempre mediados pelos esquemas disponíveis culturalmente, efetuando interpretações sempre que expressam suas ideias (BRUNER, 1990).

Para os surdos em geral, pode-se dizer que os sentidos produzidos estão sempre ligados a um lugar de diferença em relação à cultura majoritária ouvinte. Quando tratamos especificamente de surdos que utilizam a Libras, há diversos elementos que podem ser destacados como esquemas, arranjos culturais que circulam entre os falantes dessa língua, ou seja, tradições, histórias, poesias, experiências escolares, a incomunicabilidade com a maioria dos ouvintes, o sentimento de pertencimento a uma comunidade, etc.

Caso sejamos mais precisos, olhando para os surdos idosos usuários de Libras, existem ainda outros elementos que devemos levar em conta para compreender sua maneira de narrar e significar as próprias experiências. Isso porque a própria Libras desses surdos idosos têm marcas de tempos antigos, tanto no vocabulário, como na maneira de construir sentenças.

Há sinais antigos que eles ainda preservam, e, por outro lado, há formas diversas de utilizar as estruturas da Libras. Em uma das entrevistas, por exemplo, nota-se a forte influência da língua oral na narrativa da participante, quando ela interrompe a sinalização para dizer em português alguma coisa que ela considera importante de destacar ou dar mais relevância.

Caso o pesquisador que queira coletar narrativas conheça – ou se esforce em conhecer – a forma como os participantes se expressam, ao ponto de conhecer as variações linguísticas que utilizam, é provável que ele tenha a ideia de quais são os valores, a história, as lutas daquelas pessoas. Em geral, quem conhece a língua de sinais tem essas noções, por isso têm mais possibilidades de perceber relações entre os fatos que foram contados.

As comunidades surdas têm suas características próprias, têm sua história. A língua de sinais foi sempre uma marca das comunidades surdas, mas é preciso lembrar que ela nem sempre foi aceita, sendo utilizada somente pelos surdos e, eventualmente, um familiar ouvinte que sabia se comunicar nessa língua.

Com o acesso à leitura e às informações cotidianas do trabalho, da família e da política somente seria garantido caso o surdo tivesse contato com uma forma de comunicação que fosse clara para ele, muitos surdos ficaram adultos e envelheceram

sem saber detalhes das informações que os ouvintes têm através da audição. Esses detalhes acabavam sendo compreendidos pelos surdos somente no encontro com outros surdos. Aqueles que tinham mais informações passavam esses detalhes para os outros surdos.

Se pensarmos que antigamente a escolarização não aceitava a Libras como forma legítima de comunicação, então muitos assuntos acadêmicos não eram debatidos em Libras. Isso ocasionou um processo de exclusão em relação ao conhecimento científico. A maneira como os surdos se comunicaram durante toda a vida foi limitada, pois não havia intérpretes de Libras, quando muito, em algumas situações, algumas pessoas que tinham contato com surdos realizavam intermediações de comunicação, mas longe de serem comparadas aos procedimentos de alguém que assume, atualmente, a função de intérprete de Libras.

As características apontadas acima devem ser localizadas no tempo e no espaço, uma vez que a investigação que tenha como foco a narrativa como produção de sentido dos sujeitos participantes deve estar atenta às mudanças históricas que marcam as gerações. Para os surdos idosos dos nossos dias é evidente que há diferenças em relação às gerações mais recentes de surdos. Diferenças que são relativas aos direitos, visibilidade social, escolarização, acesso aos bens culturais, status, engajamento político, identidade cultural, entre outros.

Todas essas diferenças enumeradas levam-nos a pensar que as condições de vida que os surdos idosos tiveram ao longo de suas histórias fazem com que aquilo que eles narram, aquilo que para eles é significativo e a maneira como eles expressam tais narrativas será muito diferente daquilo que narra um jovem de 18 anos. Em nossos dias há uma série de condições, decorrentes de legislações, valorização social e estudos que fazem com que os jovens encontrem outros tipos de problemas, outras formas de agregação comunitária, outras condições subjetivas para que narrem as suas experiências enquanto surdos.

A narrativa é produção cultural, assim como a sinalização em Libras. A narrativa também tem um significado cultural, pois sua linguagem põe em prática uma subjetividade, mas relaciona-se com outros indivíduos e, por isso, essas histórias e experiências de vida precisam ser registradas. Esse registro é a narrativa e é a cultura viva em transformação.

Para Bauman (2012, p. 118), “o tipo básico de personalidade para qualquer sociedade é aquela configuração de personalidade compartilhada pela maior parte de

seus membros em consequência de experiências anteriores que eles têm em comum". Ou seja, para conhecer essa "personalidade", como diz o autor, é preciso saber o que é compartilhado entre os sujeitos.

4. 2 DESDOBRAMENTOS METODOLÓGICOS

Figura 10 – Sinal da reflexão: Desdobramentos metodológicos

Nessa seção, a proposta é apresentar alguns aspectos que foram importantes para o desenvolvimento da pesquisa: método de pesquisa, justificativa da escolha do estudo da narrativa do surdo idoso e critérios de escolha dos sujeitos entrevistados.

A entrevista é entendida por Silveira (2007) como método importante no campo da Educação por possibilitar o recurso a vários aspectos da comunicação. A autora defende que a entrevista não pode ser entendida como um "recolhimento de dados", uma vez que os dados serão produzidos no momento da entrevista. A autora fala das entrevistas

> [...] como eventos discursivos complexos (1), forjados não só pela dupla entrevistador/ entrevistado, mas também pelas imagens, representações, expectativas que circulam - de parte a parte – no momento e situação de realização das mesmas e, posteriormente, de sua escuta e análise (SILVEIRA, 2007, p. 118).

Isso significa que o entrevistado não irá simplesmente responder às perguntas. Haverá uma troca entre o pesquisador e o participante e essa troca depende de como a conversa se estabelece. Como o foco não é sobre as “informações” trazidas pelos surdos idosos, mas a forma como esses sujeitos falam de si mesmos, a entrevista deve ter o foco na narrativa, o que me levou a optar pela Entrevista Narrativa. Segundo Andrade (2012), esse tipo de entrevista faz com que os sujeitos reconstruam o passado em função daquilo que estão vivenciando hoje.

Ainda, segundo Andrade (2012, p. 187),

> essa foi uma aprendizagem imprescindível, embora nunca satisfatória. E, com a transcrição das coisas ditas, compreendi a impossibilidade de reconstrução ou reintegração da narrativa ao modo mesmo como foi enunciada. Isso porque, ao ser dito e tornar-se público, o enunciado coloca-se fora daquele que enuncia fazendo parte de outro contexto e outro tempo, podendo ser (re)inventado na análise da pesquisadora.

A autora está relatando como foi o processo de aprendizagem da transcrição e análise das entrevistas realizadas em sua pesquisa. A minha experiência com isso foi de estranhamento, porque as transcrições das entrevistas em Libras foram realizadas por tradutores. Ler o que os idosos disseram em Libras, traduzido para o português escrito, fez-me pensar no valor do registro em vídeo.

A Entrevista Narrativa (EN) precisou ser colocada em prática a partir de algum procedimento mais detalhado. Por isso a escolha foi por autores que explicam como realizar esse tipo de entrevista. Conforme Jovchelovitch e Bauer (2002), Schutze (1977, 1983, 1992) é um autor muito importante na construção da EN como metodologia de pesquisa e como técnica de coleta de dados de forma sistemática, definindo a narração como possibilidade de autogeração de dados. Ao ser aplicada em vários tipos de pesquisa, a EN se consolidou como uma forma de produção de dados de pesquisa que levanta questões epistemológicas importantes, quando colocada em prática.

A narrativa coloca em ação elementos da vida social, valores, crenças, e referem-se à linguagem estratificada. Ela diz respeito a dois domínios: o do âmbito privado e o social. Para ser analisada é preciso levar em conta seus elementos de

organização temporal, sequenciações, interpretações, explicações e os modos de vida.

Os detalhamentos das narrativas variam para cada sujeito. No caso dos surdos idosos, é preciso considerar a língua que utilizam, a Libras, os significados, a experiência enquanto sujeitos surdos e as vivências enquanto pessoas da terceira idade. Por isso, nas entrevistas com os surdos idosos foi preciso ter cuidado com a linguagem utilizada pela entrevistadora e a forma como as narrativas seriam produzidas e analisadas de maneira sensível a sua diferença linguística e ao modo como foram expressas.

As histórias que foram contadas têm relação com a vivência comunitária dos surdos, principalmente sobre como ocorreu a aproximação dos sujeitos em relação a outros surdos e em relação à Libras. No quadro metodológico definido por Jovchelovitch e Bauer (2002), as competências linguísticas e a narrativas são interdependentes, isto é, não importa o nível linguístico de um sujeito, ele sempre será capaz de produzir narrativas.

A língua é essencial para compreender a experiência dos surdos e sua diferença linguística é determinante para sua inserção social, formação, identidade, etc. De qualquer modo, é importante frisar que o enfoque da pesquisa não é linguístico, já que o interesse é pelo modo como os surdos idosos narram suas experiências e interpretam suas próprias histórias.

O olhar para as narrativas se debruçou sobre aquilo que os informantes vivenciaram enquanto surdos e como narram suas experiências enquanto pessoas idosas. Por isso, o que foi estimulado foi o reconhecimento daquilo que é contado do ponto de vista da experiência.

Entendo experiência como aquilo que toca o sujeito e o modifica, assim como disse Larrosa (2002). A experiência que produz significados e interpretações relevantes para os sujeitos, para além da sequenciação cronológica de acontecimentos. É por isso que a noção de episódio é importante para compreender a narrativa. Episódio não diz respeito apenas aos fatos isolados, mas acontecimentos contextualizados no decorrer das falas, o que nos remete a uma segunda noção, que é a de enredo.

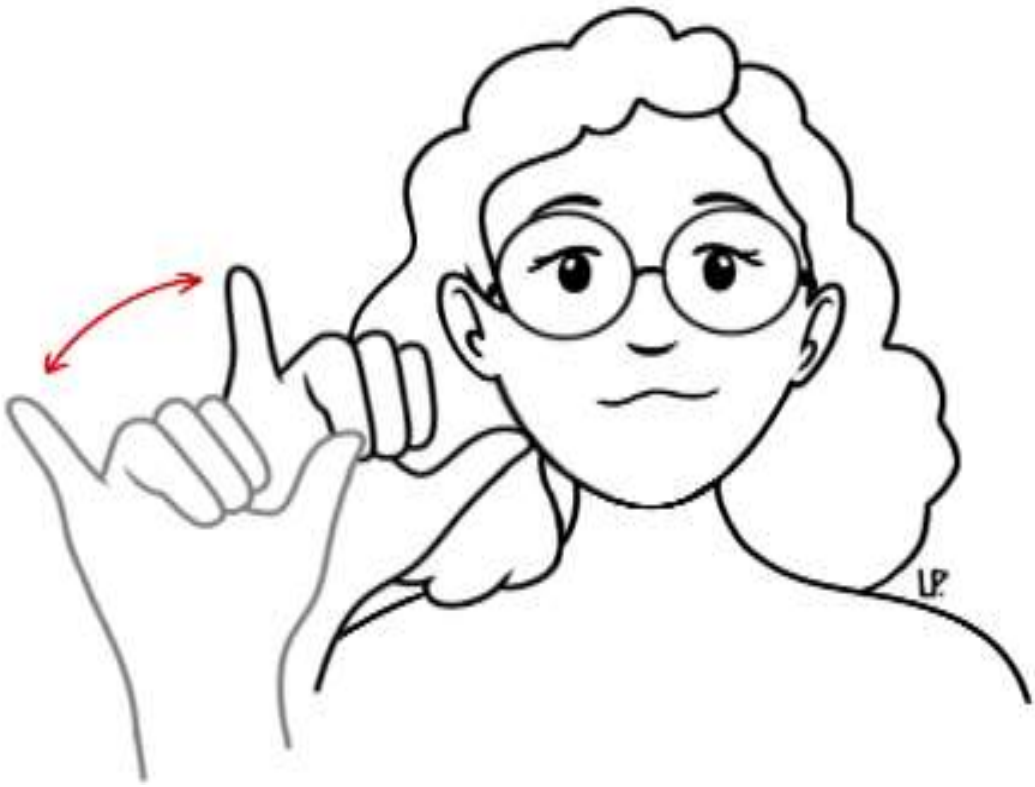
Enredo é a construção lógica individual dotada de sentido, consistindo na essência da narrativa. É a partir do enredo que a pesquisadora constrói as análises, recolhendo aquilo que é relevante para a história pessoal de cada informante. O

enredo de uma narrativa, conforme Jovchelovitch e Bauer (2002), não é uma lista de acontecimentos, mas, o que é bem diferente, consiste na trama de sentido que os sujeitos atribuem àquilo que vivenciam. Os elementos na narrativa, como fatos, datas, atores, lugares, etc., contribuem para essa trama, dando consistência e coesão àquilo que é narrado.

O enredo vincula-se a ideias, concepções, moralidades, ações e lugares, tendo a organização composta por início, meio e fim. A partir desse conceito, foi observado como os surdos idosos definem critérios de seleção daquilo que é dito: o que tem relevância e o que não tem. Por esse motivo, a narrativa em si não está completamente disposta no nível do enunciado, isto é, não são apenas as frases ditas pelos sujeitos que devem ser interpretadas, mas a própria seleção, omissão, desvios de determinados assuntos, etc., que se definem como um conjunto significativo para fins de análise de uma narrativa. É todo o processo de construção da narrativa que dá à pesquisa os dados para a análise.

4.2.1 Narrativa como autogeradora de dados

Figura 11 – Sinal de Narrativas



Para fins de organização dos passos trilhados no decorrer da produção de dados, foi preciso definir o que seria executado pela pesquisadora para alcançar uma narrativa que fosse autogeradora (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002):

1. Foi preciso estimular os sujeitos a falar de suas experiências, tendo em vista que existem muitos modos de significar uma comunidade. Considero que as narrativas de surdos idosos devem ser registradas por trazerem informações e interpretações de outras épocas, ou seja, modos de entender a diferença surda que constituíram os povos surdos de maneiras diversas das que se verificam hoje. Conforme Karnopp e Klein (2016, p. 96),

> [...] as narrativas em textos escritos quanto as traduzidas ou produzidas em Libras constroem imagens de ser surdo/ouvinte/implantado/deficiente auditivo, constituindo imagens da diferença, enfatizando alguns contornos identitários e borrando outros, fixando personagens, pondo em relevo algumas representações, borrando fronteiras, definindo grupos; enfim, estabelecendo práticas e traçando perfis.

A comunidade surda constitui-se de uma grande variedade de narrativas que acompanham os diferentes espaços sociais ocupados por esses sujeitos. O contato entre os sujeitos surdos se estabelece de maneira não uniforme, conforme a época. Logo, uma maneira de fomentar uma análise das condições de construção de identidades e das culturas surdas é lançar um olhar sobre a maneira como os surdos idosos narram a si próprios, como contam suas experiências comunitárias passadas e atuais.

Há anos atrás, eu tinha o entendimento de que a comunidade seria um grupo de pessoas que dividem objetivos comuns. Mas, depende de grande parte desses objetivos serem momentos marcantes nas vidas dessas pessoas, de diferentes maneiras. E, assim, passei a compreender o sentido de comunidade surda de outra forma: ela é praticada por um grupo de pessoas, independente dos objetivos que tenham em comum. É como se o mais importante fosse aquilo que os surdos fazem juntos, ou seja, os surdos praticam a comunicação.

A comunidade acontece no momento em que os surdos se reúnem para compartilhar, entre outras coisas, a língua de sinais.

> A comunidade surda é praticada por pessoas surdas, mas também por pessoas que se movimentam dentro e fora da vida surda de forma importante – intérpretes, pessoas que trabalham em geral de educação de surdos, professores, outros profissionais, amigos ouvintes trabalham muito próximo de pessoa surda (PADDEN, 1993, p. 5).

Um aspecto fundamental na comunidade surda brasileira é o uso da Libras, que é o meio de comunicação entre os sujeitos e o principal elemento de identificação cultural. A Libras possui variados dialetos regionais no Brasil, além disso, os próprios dialetos regionais possuem variações conforme a idade, gênero, escolarização, entre outros traços que diferenciam as comunidades surdas. É importante lembrar que, recentemente, com as conquistas sociais alcançadas, os surdos acadêmicos passaram a ter grande notoriedade nas comunidades, trazendo para a Libras elementos que antigamente eram distantes e inacessíveis.

É possível perceber que esse grupo trouxe para as comunidades surdas sinais e conteúdos acadêmicos que se diferenciam daqueles utilizados pelos surdos, que não tiveram a oportunidade de frequentar um curso superior. Em um espaço como a SSRS é possível ver que os surdos mais idosos e os surdos acadêmicos demonstram

formas diferentes de utilizar a língua e os assuntos que circulam nas conversas são diferentes, o que não impede que os dois grupos compartilhem a mesma cultura.

No contato com os surdos da SSRS é possível percebe a influência exercida por esses novos perfis de sujeitos e a Libras que utilizam. Certamente existem situações conflitantes como, por exemplo, quando surdos idosos não reconhecem os novos sinais pelo fato de os surdos acadêmicos estarem em contato com conhecimentos, conceitos e teorias, que os levam a criar novos sinais.

Porém, como os surdos idosos e os surdos mais jovens, que estão na academia, estão em contato, há um enriquecimento da língua. Nessas oportunidades de trocas há a criação de novos sinais, possibilidades de busca por crescimento intelectual e reinterpretação da cultura, tanto de um como de outro grupo.

Na SSRS, observa-se uma prática natural de comunicação. A comunidade surda ainda estabelece vínculos com outras associações, através dos esportes, por exemplo, e se constitui, também, como um espaço de troca de informações sobre acontecimentos. É preciso lembrar, também, que atualmente há expansão da tecnologia: celular, *WhatsApp*, vídeos*, notebook, Facebook*, etc. em que são consolidados o uso de Libras e, também, torna-se possível conhecer por meio dessas tecnologias, novos sinais, inclusive, de outros países.

Assim, a observação das narrativas dos surdos idosos depende do olhar sobre o que é compartilhado com a comunidade de maneira mais ampla, ou seja, suas aproximações e afastamentos, suas singularidades, suas histórias rememoradas. Para tanto, foi preciso lançar mão da técnica da EN no sentido atribuído por Schutze (1977, *apud* JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002), que é o de estimular narrativas como geradoras de dados. O informante deve ser visto como aquele que (re)constrói sua história, a partir daquilo que ele narra.

Como ato de expressão de sua própria história, a narrativa deve ser capaz de gerar dados por si só com o mínimo de interferência do entrevistador. O informante deve se sentir livre e confiante para expor livremente suas ideias e construir seu discurso dentro daquilo que o entrevistador deseja compreender. Para tanto, é necessário ter habilidade para disparar uma narrativa que não provoque constrangimento, nem seja explicitamente direcionado pelo entrevistador.

2. A narrativa sempre leva em conta o interlocutor. Por isso, a entrevistadora buscou provocar falas que tenham sequência lógica e plausível. Mesmo sendo entrevistas que possuem a característica de ser minimamente

direcionada, a provocação inicial das narrativas, como geradoras de dados, possibilitou que os informantes produzissem uma narração consistente e coesa, bem como apta para a análise pretendida. As tramas produzidas pelos sujeitos compuseram um arranjo de elementos próprios às narrativas como, por exemplo, espaços, tempos, ações, visões de mundo, estruturados conforme as escolhas do narrador. Assim, foi possível produzir dados relevantes para a pesquisa.

3. Outra dimensão observada nas entrevistas foi a maneira como os informantes organizam suas falas, no sentido do fluxo da narração. Isso é chamado de fechamento da *Gestalt*. Significa que os informantes devem ser estimulados a contar uma história que tenha começo, meio e fim, a partir de um acontecimento central, que foi definido pelo interesse de pesquisa, qual seja: como se deu o encontro com a comunidade surda e como isso afetou a vida do informante? Nisso, foi observado como o informante organiza sua fala, o que prioriza como conteúdo, como seleciona os assuntos e como finaliza a construção da sua narrativa.

4.2.2 Quem são os participantes da pesquisa?

A EN é uma metodologia que funciona com mais eficácia quando é realizada individualmente. Para isso, foram definidos os espaços de encontro com os informantes, sempre pensando na melhor maneira de fazer com que se sentissem confortáveis para contar suas histórias. Como se trata de pessoas idosas, acredito que a casa dos sujeitos tenha sido o espaço mais apropriado para realizar as entrevistas. Abaixo, trago os critérios específicos conforme o meu interesse de pesquisa, quais sejam:

– Foram escolhidos surdos sócios da Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul – SSRS. Esse critério se deve fato de que o interesse é pelos sujeitos que têm uma vivência com a comunidade surda que seja permanente. Os surdos da SSRS são pessoas que mantém um vínculo cultural e social entre si e com surdos mais jovens. Um fato importante que iniciou o meu contato com os possíveis informantes ocorreu em uma festa de despedida do atual prédio da SSRS, que será demolido para que seja construído um novo espaço. Nesta festa estavam presentes muitos surdos idosos e pude fazer contato com alguns deles, perguntando se, porventura, aceitariam ser

entrevistados para fins de pesquisa. Considero que esses sujeitos carregam consigo informações muito importantes sobre a história da SSRS e que vivenciaram muitos momentos que precisam ser registrados.

– Levando em conta que a EN consiste em uma metodologia que se opõe ao esquema pergunta-resposta, sendo uma entrevista não-estruturada e que exige habilidade do pesquisador em não se alongar em suas falas, evitando que possam influenciar nas narrativas, foi preciso ter como critério a minha própria postura como pesquisadora. Sendo eu, uma surda, que frequento a SSRS e conheço os informantes, constatei que minhas perguntas deram origem a falas sobre acontecimentos que eu mesma já conheço ou já presenciei. Por isso, a pergunta disparadora buscou possibilitar que os informantes produzissem narrativas coesas, que não sofressem tanta influência da minha pré-concepção sobre o que foi narrado. Para tanto, elaborou-se questões abertas, gerais, que estimulassem o informante a narrar conforme a sua própria vontade, sentindo-se livre para falar sobre a sua experiência sem que a pesquisadora fosse uma interlocutora direta, sem que fossem depositadas em mim expectativas sobre o que eles queriam falar, sem que eles levassem em conta a minha possível ciência sobre os fatos narrados.

– Para que uma entrevista se configure como EN, é preciso definir o que será perguntado, mas há uma diferença conceitual importante a ser considerada. Primeiro é a noção de perguntas exmanentes, que consistem nas formulações anteriores à entrevista propriamente dita. As perguntas exmanentes dizem respeito aos meus interesses de pesquisa e surgem a partir dos dados que são recolhidos previamente. Para mim, definiu-se a partir de interesses pela experiência dos surdos idosos em relação aos vínculos que foram construídos entre eles, nos espaços de convivência que compartilharam. Questões exmanentes devem ser formuladas em minha própria linguagem, com as formulações conceituais pertinentes ao campo teórico ao qual eu me filio e devem ser, posteriormente, nas entrevistas realizadas, traduzidas para a linguagem dos informantes. Tais questões traduzidas para a linguagem dos informantes são chamadas de questões imanentes.

Foram entrevistadas cinco pessoas, sendo três mulheres e dois homens. São sócios da SSRS há pelo menos 30 anos.

4.3 MOMENTOS DA PESQUISA

Os momentos ou etapas da pesquisa tiveram como guia permanente os objetivos mobilizadores da investigação, quais sejam:

Objetivo Geral:

- Analisar como o espaço da SSRS se constitui como ambiente propício para o estabelecimento de vínculos comunitários e da experiência de Ser Surdo.

Objetivos Específicos:

- Registrar narrativas dos surdos idosos, para que o ponto de vista dos surdos seja visto;
- Compreender como os surdos idosos estabelecem vínculos em uma comunidade surda;
- Relacionar vínculos culturais e a subjetividade dos surdos idosos;
- Entender o que há de específico na experiência dos surdos idosos com uma comunidade surda.

Conforme o que foi definido conceitualmente acima, passo agora a descrever os passos da investigação, sempre amparada pelas definições de Jovchelovitch e Bauer (2002) sobre a EN e seguindo a problemática de pesquisa.

1. Contato com os surdos idosos que aceitaram participar da pesquisa. O contato com os informantes foi através de mensagem de celular. Combinamos o melhor dia e horário para conversar. Lembrando que eu visitei a casa desses sujeitos, então foi preciso informar a eles o tempo médio da minha permanência em suas residências. A entrevista não poderia ser exaustiva para os participantes, porém o tempo dependeu das condições de narrativa de cada um. É importante salientar que junto comigo esteve uma pessoa que conduziu a gravação em vídeo das entrevistas e isso foi informado aos sujeitos no momento do contato.

Formulação de questões exmanentes: trata-se de surdos idosos frequentadores da SSRS, portanto, são surdos que tiveram uma experiência diversa da minha em muitos pontos como, por exemplo, a exposição à Libras e o tipo de escolarização que tiveram. Como delimitação, escolhi fazer entrevistas com surdos a partir de 60 anos, independentemente do gênero e que saibam se comunicar em Libras. Outro ponto importante como critério de seleção é relativo à experiência do informante com a comunidade surda a fim de compreender a narrativa, a partir de

situações e de modos de vida dos surdos, no passados e atualmente. Inicialmente, as entrevistas tiveram quatro perguntas base, mas cada uma acabou desencadeando outras e esses desencadeamentos foram alterados de resposta em resposta. As perguntas-base foram:

- Como foi o seu primeiro contato com outros surdos?
- Onde e como você aprendeu Libras?
- Como foi o seu processo de escolarização?
- Como você percebeu o processo de envelhecimento?

2. Início da entrevista. No dia da entrevista, anunciei que a conversa estava sendo gravada/filmada. Logo após, formulei o tópico inicial da narração de maneira acessível à linguagem do informante. A EN, segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), possibilita que sejam empregados recursos visuais. No caso específico desse tipo de entrevista com surdos, acredito que o recurso visual mais relevante é a própria Libras, que deveria ser compreensível, objetiva e demarcar o meu interesse central, que é a aproximação do sujeito em relação à comunidade surda e de como foi a experiência de vinculação a esse grupo. As perguntas disparadoras foram: “Conte como foi o teu encontro com a comunidade surda?”, assim como “A SSRS teve que papel na tua caminhada como surdo(a)?”.

3. Narração. Nesse momento em que o informante explorou sua vivência junto à comunidade, foi importante deixar que a narração fluísse sem interrupções. Apenas sinais de encorajamento não verbais foram utilizados como, por exemplo: “Sim”, “Concordo”, além das marcas não verbais que se expressam através de expressões faciais como, por exemplo: arqueamento de sobrancelhas e acenos com a cabeça.

4. Perguntas. Após a conclusão das narrativas foram feitas perguntas do tipo: “e então, o que aconteceu?”. Apesar de evitar emitir opiniões e apontar contradições no que foi dito pelo entrevistado, em alguns momentos eu acabei manifestando minhas ideias porque a situação estava parecida com uma conversa informal. Aproveitei o momento para lançar mão das perguntas imanentes, no sentido de traduzir meus interesses anteriores, conforme o que foi narrado pelo informante. As questões imanentes devem ser formuladas de maneira oportuna e tirando proveito daquilo que foi narrado, não trazendo questões novas ou que sejam de difícil compreensão para o informante.

5. Conclusão. Ao parar de gravar poderiam ser realizadas perguntas do tipo: “por que?”. Esse momento é muito importante para as futuras análises, já que, conforme relatado nas pesquisas que utilizam a EN, os informantes tendem a trazer informações novas. Ao encerrar a gravação/filmagem, é possível que os informantes se sintam mais livres para levantar questões diversas que podem ser úteis para a análise.

Conforme Jovchelovitch e Bauer (2002), há aspectos incontroláveis na EN que devem ser levados em conta no sentido da validade dessa metodologia. Para mim que assumi essa metodologia, foi importante que tais aspectos fossem considerados no momento da análise. Um desses aspectos é o das expectativas dos informantes em relação àquilo que o entrevistador já sabe sobre o que é perguntado ou àquilo que o informante imagina que o entrevistador quer saber.

Como mencionado, conheço os participantes e já tinha conhecimento de alguns elementos que foram explorados nas narrativas. Isso poderia ser considerado como um empecilho ou mesmo como uma influência sobre a fala dos entrevistados, mas creio ser algo de difícil solução, uma vez que há uma convivência anterior com os sujeitos que não poderia ser anulada.

Acredito que esse aspecto incontrolável na metodologia que utilizei foi minimizado com a minha postura durante a entrevista, no sentido de não interromper, não opinar, não demonstrar que eu já conhecia o que estava sendo dito. Percebi que, apesar de ser a primeira vez que eu realizei entrevistas desse tipo, demonstrei certa habilidade de fazer a pergunta disparadora inicial de maneira ampla, o que possibilitou uma narração mais livre da minha interferência.

Por outro lado, acredito ser inevitável que de alguma maneira eu estivesse presente nas narrativas, por exemplo, houve momentos em que o entrevistado me falou “você lembra?”, referindo-se a algum evento que ele ou ela sabia que eu estive presente. Tentei levar isso em conta no momento da exploração analítica das entrevistas, pontuando tais ocorrências e me esforçando para me eximir de concordâncias ou discordâncias em relação ao que foi dito. Acredito que seja possível realizar a EN mesmo que esse tipo de interferência apareça, mantendo uma postura analítica, mesmo que alguns fatos narrados envolvam de alguma maneira a minha pessoa ou que os informantes confiem a mim um papel de participante naquilo que estava sendo dito.

De qualquer forma, acredito que mesmo que eu não conhecesse os informantes, o simples fato de eu me dirigir a eles em Libras já poderia ser suficiente para que eu me tornasse próxima a eles, no sentido de conhecer a cultura e ter a vivência da surdez. Aí está a prova da importância da língua como elemento de vínculo entre as pessoas surdas.

Foram realizadas 5 entrevistas, sendo 3 mulheres e 2 homens. O tempo médio de cada entrevista foi de 1 hora. Foi realizada uma gravação em vídeo das conversas. Essas gravações focaram a entrevistadora e o entrevistado. Depois desse registro, foi realizada a tradução/transcrição dessas conversas para o português escrito. A tradução foi feita por dois tradutores de Libras/português e revisadas por mim. Em vários momentos eu precisei ajudar os tradutores a entender a sinalização dos entrevistados, em razão de esses utilizarem um vocabulário que não era familiar aos profissionais.

Para a análise, foram utilizadas tanto as imagens gravadas como a versão transcrita em português. Isso foi importante porque em alguns momentos foi preciso explicar o que os entrevistados sinalizaram, por se tratar de informações muito específicas da comunidade surda que poderiam não ficar claras em português.

Para preservar o anonimato dos entrevistados, as análises a seguir irão utilizar pseudônimos. Decidi que os pseudônimos seriam nomes de escritores importantes. Ao longo das análises, trechos das narrativas, traduzidas para o português, aparecem em caixas de texto, contendo o nome do entrevistado. Abaixo, os pseudônimos escolhidos foram os seguintes: Érico Veríssimo; Mário Quintana; Cora Coralina; Clarice Lispector e Lia Luft.

No capítulo a seguir, trago o resultado dos cruzamentos entre as entrevistas, procurando aproximar as narrativas dos cinco surdos idosos, naquilo que elas mostram das experiências que constituíram estes sujeitos.

Figura 12 – Sinal da reflexão: Análise de dados

5 A EXPERIÊNCIA DA EXPERIÊNCIA: REFLEXÕES ANALÍTICAS

Para analisar as narrativas eu desenvolvo reflexões sobre a subjetividade surda, com o amparo de alguns autores como Foucault (1979), Lopes e Veiga-Neto (2010), Skliar (1998). Porém, o que conduz meus pensamentos nesse campo é o estudo de dois autores surdos que contribuem muito para o entendimento da experiência surda, política surda, cultura surda, são eles Gladis Perlin (2003) e Paddy Ladd (2003). A partir do encontro, busco promover esses dois modelos intelectuais dos Estudos Surdos, entendo que há a possibilidade de resgatar uma ética surda, que ganha forma no conceito de Ser Surdo (PERLIN, 2003) e Deafhood (LADD, 2003).

Sendo esses dois autores expressivas vozes nos estudos que envolvem os surdos – Paddy Ladd sendo conhecido mundialmente e Gladis Perlin sendo conhecida em todo o Brasil –, considero que são figuras importantes não apenas por serem surdos, mas por terem mostrado como é possível resgatar uma positividade da experiência surda, transformando suas teorizações em verdadeiros modelos éticos.

Há, ainda, o fato de que esses dois autores são, eles próprios, idosos e por isso possuem vasta caminhada entre experiências clínicas e pedagógicas, que nos levaram aos dias de hoje. Por isso, suas narrativas teóricas nos permitem refletir sobre como os surdos são representados hoje, a partir de experiências reais.

Para falar sobre a subjetividade a partir da experiência surda do mundo, é preciso pensar sobre o que significa ser surdo. Ser Surdo como uma forma diversa de estar no mundo e na história, no espaço e no tempo. Mas diverso em relação a quê? É verdade que os surdos ganharam muitos nomes ao longo da história, muitos sofrimentos foram experimentados, muitas formas de descrever e de se relacionar com eles. Mas, quem são os que inventaram os nomes dos surdos? Quem são os que disseram como deveria ser a normalidade? Quais padrões de normalidade foram ainda inventados e como os surdos foram encaixados nesses lugares?

Mas, se é verdade que os surdos sofreram as consequências daquilo que outros disseram e fizeram com eles, também é verdade que outras formas de se revelar ao mundo foram criadas pelos surdos, apesar de os ouvintes terem uma posição de privilégio e poder. Então, acredito que não seria suficiente pensar no conceito de “diversidade”, uma vez que diversidade implica a existência de um parâmetro.

As pessoas são diversas, umas em relação às outras. Mas não penso que isso esteja próximo do Ser Surdo (PERLIN, 2003). É preciso se afastar das comparações, dos padrões, enfim, é preciso pensar o Surdo como uma experiência de mundo em si, que nada deve aos ouvintes.

Perlin (2003) explica a diferença entre as propostas surda e ouvinte. Entendo essas propostas como maneiras de ser e estar no mundo, que se deseja preservar ou levar adiante entre os povos. Quando queremos que nossa maneira de existir seja conhecida e reconhecida, nós propomos isso aos outros. Essa proposição pode aparecer aos outros de uma maneira pacífica ou, ao contrário, como algo que é imposto, como uma obrigação. Os surdos enfrentam a proposta ouvinte como se lhes fosse dito “Sejam como nós!” Como uma obrigação.

> Entre a proposta do “ouvinte” e a proposta do surdo surge esta diferença de ser, esta diferença que é perpassada pela experiência única e intransferível de casa de sujeito. Experiências vividas em cada tempo, em cada realidade, em casa situação, nunca repetidas por outros, nunca iguais. Eis as experiências surdas no estar sendo surdos (PERLIN, 2003, p. 91).

O resultado da diferença entre as propostas não é somente a percepção da diferença entre surdos e ouvintes. Existe a alternativa em relação ao ouvinte, à audição, à língua da modalidade oral, mas também existe o reconhecimento de que os surdos também são diferentes entre si, nunca iguais, e que os próprios ouvintes são diferentes entre si. É preciso sempre reconhecer a diferença. Sempre que nos é imposto a homogeneidade, precisamos marcar a diferença. Assim como outros grupos sociais marginalizados mostram ao mundo que existe a diferença, os surdos também assumem essa voz que grita e contesta a mesmidade.

É contra a falsa homogeneidade que Paddy Ladd (2003) criou o conceito de *Deafhood*. Esse autor surdo procurou, através de seus estudos, entender a sua própria história e tudo aquilo que o aproximava de outros surdos. O objetivo principal dessa noção, a qual prefiro traduzir por Ser Surdo, é fazer com que os surdos revivam a sua experiência como diferentes e encontrem a positividade dessa diferença.

Segundo Gladis Perlin (2003), Ser Surdo expressa não necessariamente uma forma de tornar os surdos um grupo homogêneo. Para a autora, dependendo de *quem* fala sobre o ser, este se torna algo que contém o outro e coloniza o outro. Do ponto de vista dos surdos, falar no Ser Surdo é falar sobre uma história de DIFERENÇA não de igualdade. O ser da filosofia clássica falou sempre em nome de grupos minoritários,

mas o Ser Surdo não quer representar a todos, pois só é falado desde um lugar de diferença, assim como outros grupos: negros, estrangeiros, indígenas, mulheres, LGBTs, crianças, idosos, etc.

O Ser Surdo é como uma ética, uma forma de se constituir a partir do resgate da história, das tradições, da cultura e das condições de enfrentamento que os surdos vivenciaram. Segundo Ladd (2003), existem discursos dominantes sobre os surdos e também sobre outros grupos, sendo esses grupos colonizados e entendidos como sendo “Outros”. Para que os Surdos ultrapassem esses discursos e deixem de olhar para si mesmos a partir das representações ouvintistas, é preciso identificar como esses discursos influenciam em suas vidas. Conforme os estudos de Ladd (2003, p. 83):

> a maioria das sociedades ocidentais, ao lidar com as pessoas às quais quiseram governar embora não houvesse interação pessoal (entendidos como “Os Outros”), delegaram essa responsabilidade a setores específicos dessas sociedades. A partir disso, esses setores desenvolveram seus próprios discursos para tornar seus atos plausíveis e justificáveis [*tradução livre*].

A partir desse argumento, pode-se entender a ideia defendida por Perlin (2003) de que há uma “proposta” ouvintista a qual os surdos contrapõem com outras propostas. É por esse motivo que a convivência comunitária dos surdos não se resume a um encontro para fins de comunicação, como se poderia pensar. Não é apenas a língua que é vivenciada, é toda a história de superação do discurso e das propostas ouvintes. Como discurso ouvintista, tem-se claramente a padronização, tendo como modelo a audição. Como proposta, vê-se que existem vários setores que contribuem para que esse modelo seja conservado.

Na educação, na medicina, na mídia, na psicologia, enfim, vários setores da sociedade, cria-se formas de perpetuar a proposta ouvintista. Ao promover encontros, como nas associações de surdos, vive-se formas de vida que não correspondem àquilo que foi proposto pelos ouvintes. Então, pode-se dizer que o encontro comunitário é uma maneira de fazer política. Mesmo que os surdos muitas vezes não tenham consciência disso, a política é parte da forma de organização, das conversas, das festas, dos esportes. Como diz Perlin (2003, p. 92),

> neste ser e estar sendo entra a maioria dos surdos e envolve a temporalidade e a espacialidade como política. O estar sendo surdo entre nós é considerado

> um estar na experiência surda componente ativo que se agencia nas dinâmicas de poder constitutivas do povo surdo. É a experiência na convivência do ser na diferença, no espaço de uma cultura, de um povo.

A partir da citação acima, pode-se perceber que o encontro comunitário, as conversas, as festas das associações, a convivência nas escolas de surdos são elementos de uma forma de fazer política. O povo surdo organiza suas próprias noções, hierarquias, poderes, histórias, tradições. Para estar na experiência surda é preciso que esses encontros sejam organizados e promovidos, ou seja, são propostas pelos próprios sujeitos surdos. Aprende-se a ser surdo nesse meio de convivência.

Ladd (2003) entende que o uso da língua de sinais é um importante marcador para definir se alguém faz parte ou não da comunidade surda. Porém, o autor destaca também a aceitação, por parte da pessoa surda, do “S” maiúsculo. Isso significa aceitar a experiência Surda como algo positivo e desejado. Outros subgrupos também possuem participação parcial na comunidade surda, como os filhos ouvintes de pais surdos, os pais de crianças surdas, algumas pessoas ouvintes que se casam com surdos e os intérpretes de língua de sinais.

Essa entrada na comunidade depende de alguns fatores como: participação em associações, vínculos afetivos, compromisso político, sentimento de familiaridade, preocupação com as gerações mais novas de surdos, participação em eventos festivos, entre outros. Todos esses fatores são permeados pela experiência visual, que é uma maneira de estar no mundo, diferente dos ouvintes que possuem a visão junto à audição.

> Experiência de ser surdo ou experiência visual significa mais que a utilização de visão, como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo de diferente de ser, de ser povo surdo, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico (PERLIN, 2003, p. 94).

Para os surdos, “entrar” no mundo é uma tarefa difícil pelo fato de que a maioria ouvinte parece ditar as normas. Ou seja, a cultura humana depende muito dos sons, das palavras faladas, dos barulhos da natureza, assim como todos os filósofos mais famosos são conhecidos pelas suas habilidades de falar e convencer muitas pessoas. Até mesmo as artes visuais, como a pintura, quando são discutidas entre os apreciadores, carregam muitos significados que são pertencentes ao mundo dos ouvintes. Por isso, entrar nas artes através da experiência visual surda carrega uma

profunda diferença, já que os surdos somente têm contato com os significados visuais[30].

Os ouvintes se apropriam de significados a partir de significantes sonoros e visuais. Já os surdos entendem o mundo quase que exclusivamente a partir de significantes visuais. Os sons possuem significados que varia conforme aquilo que cada surdo vivencia em relação à audição. Alguns surdos sentem a necessidade de estimular a audição, desenvolver a fala oral e estabelecer comunicação a partir desse canal.

Já, outros surdos não se voltam para essas práticas, satisfazendo-se com a experiência visual. No entanto, apesar de os sons não fazerem parte de suas experiências, há, certamente, hipóteses sobre o que são e como funciona a comunicação nesse meio. Ou seja, os surdos também imaginam, refletem, têm noções incompletas de como a comunicação funciona por meio dos sons.

Há um tipo de experiência que é vivida. Os surdos vivenciam o que? Trata-se de viver a narração daquilo que se vive. O encontro na SSRS é como um exercício de ser um narrador de si e de sua história. O que é possibilitado pelo acesso à Libras é o poder de falar aquilo que se vive. Falando sobre o que se vive, os sujeitos podem também avaliar e criticar o que é melhor para si.

> Skliar (2002) dá ênfase a essas duas experiências: a experiência vivida e a experiência pensada. Deduzindo de sua reflexão percebo que as formas de viver a experiência surgem de dentro e como a diferença entre ambas delineia os fatos. Assim tempos que a experiência que é pensada e que se refere aos líderes, ativistas, militantes, surdos, os mais adentrados na cultura surda, que implicam com as experiências vividas (PERLIN, 2003, p. 100).

Essa vivência através da língua ressignifica elementos que já faziam parte da vida dos surdos, mesmo antes da entrada na comunidade. A diferença é que agora é possível refletir e expressar as ideias e não somente esperar que outros, no caso os ouvintes façam isso. Nesse sentido, tomando as narrativas dos cinco surdos idosos participantes da pesquisa, organizei a análise em categorias que refletem os pontos mais recorrentes nas entrevistas. São eles: infância, família, escola, Libras, associação de surdos e velhice. Elas contam das experiências vividas e que foram produzindo jeitos de ser no mundo.

---

[30] Em minha Dissertação de Mestrado (CALDAS, 2006), cheguei à conclusão que as experiências estéticas necessitam de formas consistentes de comunicação de impressões filosofares e criações. Por isso a cultura visual também depende da língua de sinais dos surdos.

Em cada um desses aspectos analisados são trazidos trechos das entrevistas e é apresentada uma discussão. Os trechos das entrevistas são colocados em caixas de texto, diferenciando da apresentação dos excertos de autores utilizados na tese. A identidade dos sujeitos foi preservada e não há preocupação em fazer uma separação rigorosa das narrativas de cada sujeito.

5.1 “EU NÃO CONHECIA NADA”: INFÂNCIAS E ISOLAMENTO

Para todos os entrevistados, a infância foi um período definido com as palavras como falta, são saber, silêncio, não entender, etc. A ênfase nas limitações não é acompanhada de um movimento de reação por parte dos sujeitos, mas demonstram uma passividade em função de eles afirmarem não entender o que se passava à sua volta. A família tomava todas as decisões e tinha também o poder de delegar esse poder aos professores, que eram figuras que “surgiam” em dado momento e passavam a assumir o controle de suas vidas. O convívio maior é com os membros mais próximos da família.

> Eu não conhecia nada. Lembro que eu brincava com meu irmão e quando me chamavam, eu não escutava. Era surda, ficava sempre quieta (C. Lispector).

A impressão que as narrativas passam é de que os surdos estão “esperando” que algo faça sentido, já que as decisões sobre suas vidas nunca lhes são comunicadas. Elas simplesmente acontecem. Um dia se é levada para um lugar – a escola – onde se deverá respeitar e obedecer aos professores. Um dia se é levada ao médico, depois muda-se de cidade e os surdos continuam alheios às decisões e a qualquer explicação do porquê se está sendo levado a viver dessa forma.

> Quando eu era criança, eu frequentava uma escola “misturada”, uma escola com surdos e ouvintes [...]
>
> [...] eu não me percebia como surda.

> Eu não lembro de muita coisa, eu era pequena.
>
> Eu oralizava um pouco, sinalizava um pouco... eu era pequena, tinha apenas cinco anos, era inteligente, sabia das coisas, eu era visual, mas ficava calada (Lya Luft).

> [...] quando eu questionava sobre a minha surdez, minha mãe falava que eu era surdo, porque quando ela estava grávida teve muita febre. Minha mãe ficou doente. Na época as doenças não eram conhecidas, hoje sim (Mário Quintana).

Outro aspecto ligado à infância é a motivação da surdez. O viés clínico é uma constante nas narrativas. A infância dos surdos sempre esteve ligada ao assunto com o amparo discursivo dos médicos. Eles definiam o que era melhor para os surdos e quais limites deveriam ser impostos a eles.

Em geral, percebe-se que as recomendações dos médicos eram no sentido de recorrer a terapias de oralização e com o auxílio de fonoaudiólogos. Além de a convivência com outros surdos ser limitada, ser proibida ou de simplesmente não haver locais propícios para esses encontros. No relato abaixo, o sujeito fala em “identidade” ao dizer que não convivia com outros surdos. Havia uma sensação de deslocamento, de que algo deveria ser reparado.

> Não convivia com surdos até mais ou menos 11 anos. Frequentava fonoaudiólogo. Sentia que faltava algo, uma identidade (Érico Veríssimo).

> [...] eu falo bem, porque eu ouço um pouco...
>
> [...] eu compreendia o que a minha mãe falava, observando a sua boca... Eles diziam: “ela compreendeu.” Eu era a única que conseguia compreender. Minha irmã não entendia nada (Cora Coralina).

Percebe-se nos dois trechos acima que a infância traz lembranças relacionadas à comunicação, tanto na falta, como na presença dela. As lembranças de infância desses dois entrevistados mostram duas formas diferentes de autopercepção dos

sujeitos. Enquanto E. Veríssimo sentia uma falta de identidade por não ter contato com outros surdos, C. Coralina relata ter tido um contexto familiar em que ela se comunicava com a mãe melhor do que a própria irmã, que não é surda. Ela ainda relata que “falava bem”, demonstrando uma valorização da fala oral. Para ela, ouvir um pouco é importante.

A infância é descrita por vários surdos como um período de vazio, falta de comunicação, isolamento, etc. A aproximação com a família ouvinte é, às vezes, possibilitada pelo tipo de entendimento dos pais em relação ao surdo. Em geral, todavia, o modelo ouvinte prevalece como a única referência que os surdos possuem, sendo comum o desejo de “se parecer” com os ouvintes. Perlin (2003, p. 128) diz que

> esta posição de não permitir aos surdos frequentar seu par tem provocado o surgimento das identidades flutuantes. É avaliando a violência com que os surdos impuseram o signo da cultura e suas lutas contra a ameaça de violação política que podemos compreender seus atuais espaços e poderes que a constituem como cultura e os seus direitos de vir a ser cultura em sua alteridade de narrar-se.

Entendo esta colocação da autora como a contextualização da política surda, do Ser Surdo e como ele vem se constituindo. Essa política é marcada pela violência, como uma perseguição à cultura surda. Quando os entrevistados dizem que foram impedidos de ter contato com outros surdos, eles estão narrando um fato triste das suas infâncias. Também estão mostrando como a política surda foi afetada por essas interdições.

Se hoje temos falas como a de E. Veríssimo, que destaca a “falta de identidade”, é porque isso é um assunto grave para os surdos, que foi determinante para o que as comunidades assumiram enquanto opiniões, lutas e pela busca de superação daquilo a que foram submetidos. A percepção de si como sem comunicação e em isolamento é resultado de valores socialmente aceitos sobre a saúde audiológica dos surdos.

Quando o surdo não se comunica bem, como nos eventuais sucessos na comunicação oral, há uma idealização de que somente uma forma de comunicação é legítima. Esse mecanismo se desenvolveu ao ponto de considerar o contato com outros surdos como “prejudicial”, como alguns profissionais da saúde até hoje sustentam.

Perlin (2003) atribui a constituição do “poder surdo” como resistência a esse tipo de ideia. Se os espaços de contato entre pessoas surdas se constituem como espaços de “refúgio” é porque oferecem aos surdos a força da língua de sinais. As informações que os surdos procuram, seja informações triviais, seja a busca de comunicação plena, são pedaços da resistência surda. Os surdos recolhem esses pedaços de resistência quando estão junto com outros surdos.

5.2 “ERA O SONHO DA MINHA MÃE EU PODER OUVIR”: LAÇOS FAMILIARES

Ao falar da família, percebe-se que há uma contradição. Ao mesmo tempo em que os familiares são praticamente a única referência que os surdos tinham, os únicos com quem podiam ter alguma interação, também foi relatado que não havia comunicação de fato com os pais e irmãos. É como se as conversas fossem resumidas, limitadas a ordens e indicações superficiais dos acontecimentos.

Um dos sujeitos relatou que havia um surdo na família, um tio. Mas, esse fato foi guardado em segredo, sendo vedado ao sujeito o contato com esse tio. Os pais, segundo sugere o entrevistado, não queriam que ele tivesse contato com outros surdos para evitar que se acostumasse a usar gestos. O sujeito ainda relata que, ao ficar sabendo da existência desse tio, que, aliás, ele já havia visto em festas da família, embora não tivesse interagido com ele, foi tomado de fúria e brigou com os pais. Ele acusou os pais de não permitir que ele se identificasse com um familiar por ser surdo, a mesma experiência de vida que ele.

Ele relata:

> Minha prima começou me ensinar sinais; eu oralizava e ela fazia datilologia. Observando a família, descobri quem era o tio surdo porque ele não conversava como os outros. Fui até ele e perguntei se ele era surdo. Ele ficou sem jeito e eu fiquei irritado porque esconderam isso de mim. Falei com minha avó por parte de mãe e ela sabia os sinais. Até a esposa do meu tio sabia sinais. Deu briga porque ela disse que meu pai foi responsável por esconder. Mas, o tempo passou e eu aprendi muito com meu tio porque ele me explicava. Ele escrevia muito bem,

> ensinava-me as palavras (Érico Veríssimo).

A crença no suposto prejuízo que o contato com outros surdos poderia trazer para o sujeito fez com que ele fosse impedido de conviver com o tio surdo. Entendo que aquilo que Ladd (2003) chama de Deafhood, e que eu chamo de Ser Surdo, é o que moveu o entrevistado a buscar a identificação com outra pessoa surda e, por consequência, ter uma briga com os pais. É algo que movia o sujeito mesmo sem que ele soubesse nomear essa sensação. O olho do sujeito buscou e descobriu alguém que se parecia com ele.

Segundo o relato, o tio ficava sentado à mesa, junto com os outros familiares, mas somente algumas vezes ele conversava e, quando o fazia, ele somente respondia ao que sua esposa ou sua filha lhe perguntava, ou seja, ele não propunha assuntos. E. Veríssimo também explica como era o olhar do tio. Era, segundo ele, um olhar distraído, o que lhe despertou uma curiosidade.

Outra entrevistada diz:

> A comunicação era somente através da oralização. Era uma comunicação muito rudimentar, simples, parecido com o que a oralização se tornou depois. Alguns gestos eram usados para brincar com os familiares, mas nada que permitisse uma real comunicação. Após algum tempo, nasceu a filha de uma amiga da minha mãe, também surda. Acabamos sendo colegas no Frei Pacífico (Clarice Lispector).

A entrevistada acima compara a comunicação com os familiares com a própria oralização a que foi submetida. A diferença entre a vida em família e o convívio com os outros surdos frequentadores da SSRS é no sentido das possibilidades de comunicação e, logo, em relação à proximidade entre os sujeitos. A família de origem acaba sendo um lugar em que os surdos sentem dificuldade de comunicar o que sentem, suas opiniões, suas dúvidas.

Para a família, o surdo é visto de forma estereotipada, como se fosse realmente alguém que não tem opiniões de fato, ou que não é necessário saber muitas coisas sobre ele. O surdo acaba sendo aquele que “tem dificuldade” para entender e comunicar, sobre quem se sabe pouco e não parece haver a percepção disso pelos familiares. Talvez seja porque os familiares não compreendam tudo que envolve ser

surdo em uma família, majoritariamente, ouvinte. Eles pensam estar fazendo bem para o surdo, mas, na verdade, não sabem o que o surdo pensa.

> Era o sonho da minha mãe eu poder ouvir, só que eu não conseguia ouvir nada. Isso, lá no Frei Pacífico, eu ficava brava, tirava o aparelho e jogava no chão! Que vergonha na frente do médico. Eu era pequena, não entendia, só ficava brava.
>
> Antigamente eu não tinha conhecimento da Libras. Falava oralmente o português com alguns familiares. Minha prima disse que iria aprender a Libras e até aprendeu, mas, muito pouco, porque não tinha tempo. Crescemos e mudamos muito, afastamo-nos. Triste, mas me isolei (Lya Luft).

O sofrimento da privação linguística parece não ser percebido pelos familiares. Os surdos acabavam sendo vistos como aqueles que tinham um temperamento explosivo, que eram nervosos ou desconfiados. As relações familiares parecem ser frágeis no caso de L. Luft.

Além disso, a família parece compreender pouco a importância de estabelecer comunicação com os surdos. Há um tipo de alienação familiar em que os surdos, quando passam a frequentar uma comunidade surda, passam a dar preferência aos amigos surdos em detrimento à família.

Esse lugar de “estranho”, que o surdo ocupa entre os familiares teve, historicamente, descrições clínicas. A Psicologia das décadas de 50 e 60 realizou testagens e chegou a conclusões que visavam explicar o comportamento do surdo. Segundo Pereira (2007, p. 26),

> Atualmente, os estudiosos da área são unânimes em considerar a chamada psicologia da surdez – fruto de pesquisas psicométricas e comportamentais realizadas principalmente nas décadas e 50 e 60, mas com ecos até os dias de hoje – instrumento importante na tentativa de “legitimação científica” do ouvintismo e, portanto, ferramenta para a manutenção das relações de poder ouvinte/surdo.

Era comum até a década de 90 que os cursos de formação de professores de surdos como, por exemplo, o curso de Educação Especial: deficientes da Audiocomunicação, da UFSM tivessem em seus currículos temas como “Psicologia da Surdez”, em que se afirmava que o surdo era, por natureza, agitado, desconfiado, explosivo, etc. Essa visão se perpetuou por muitas décadas e marcou várias

gerações, principalmente aqueles surdos que tinham acesso ao atendimento profissional em função do que se considerava o “problema da surdez”.

O surdo era visto pelos profissionais da saúde como doente, e os professores que estavam atuando na Educação Especial reproduziam essa ideia. Em um artigo de Soares (2004) há a descrição das práticas da educação de surdos, antes da década de 90. A autora, que tinha uma orientação mais clínica na época, afirma que os problemas do ensino devem ser resolvidos em conjunto, envolvendo professores, especialistas e famílias. No entanto, a autora diz que há uma ruptura entre as concepções dos professores da escola regular e dos professores de surdos. Por outro lado, há dificuldade das famílias em se engajar na vida escolar dos surdos.

A mesma autora, em sua dissertação de mestrado, que foi defendida em 1990, afirmou categoricamente que “o deficiente auditivo é, antes de estudante, doente. Só pode ser estudante depois que deixar de ser doente…” (SOARES, *apud* BUENO, 1993, p. 29). Só essa frase já demonstra o preconceito linguístico.

Em seu texto mais recente, após todas as discussões entre métodos de ensino dos surdos, a autora chega à conclusão de que nem os professores estão conseguindo trabalhar, segundo preceitos educacionais legítimos, nem os familiares conseguem ajudar os surdos (SOARES, 2004). Essa responsabilização das famílias, que por problemas financeiros ou pela falta de entendimento do que significa ter um filho surdo, não é justa. Se levarmos em consideração tudo o que foi dito aos pais dos surdos em décadas passadas, como se poderia esperar que as famílias aprendessem a lidar com a diferença surda?

5.3 “MEU PAI DESCOBRIU QUE EU OUVIA POUCO: ESCOLARIZAÇÃO ENTRE DIFERENTES ABORDAGENS

Desde que as políticas da Educação começaram a se preocupar com a Educação de Surdos, a escola tem sido um espaço muito importante para nós surdos. Na escola nós começamos a ter contato não somente com outras pessoas, mas começamos a nos perceber como diferentes.

Atualmente, para muitos surdos, o contato com outros surdos é dificultado em função das políticas de inclusão. Porém, a escola não é menos marcante para eles

devido às limitações encontradas. Para aqueles que têm a oportunidade de ter uma escolarização em escola bilíngue, a escola acaba se tornando um lugar de encontro com a Libras e com amigos surdos.

Em geral, as relações com colegas surdos tendem a se manter após a escolarização. Em Porto Alegre, as escolas de surdos são comunidades que se formam envolvendo alunos, professores e alguns familiares. Vimos recentemente uma escola portoalegrense reconhecida como uma referência na Educação de Surdos fechar por problemas de gestão da mantenedora. Com esse fechamento, não é só a instituição de ensino que encerra suas atividades, é toda a história de uma comunidade de alunos e ex-alunos que é apagada.

No passado os surdos sempre se animavam quando encontravam outros surdos. Era a possibilidade de se comunicar através da língua de sinais, mesmo quando as instituições tinham uma orientação oralista. Um dos entrevistados diz o seguinte:

> [...] Nossa, era uma turma grande, uma escola grande, a aula era falada (em português oralizado), os alunos todos surdos. [...]
>
> [...] eram muitos, eu acho que em torno de uns 50 surdos.
>
> Era uma satisfação! As salas eram separadas por ensino fundamental e médio, e eu frequentava o primeiro ano do ensino fundamental; cada aluno na sua turma; foi ano a ano progredindo e o número de alunos aumentando. Quando terminamos o quinto ano, queríamos dar continuidade, ou seja, ir para o sexto ano, mas ainda não existia. Isso foi uma tristeza para nós: nos dispersar. Foi um para cada lado, voltando para nossos lares, para casa de nossos pais, enfim. A escola era só para crianças. Quando adultos, não poderíamos permanecer, quem dirá chegar à faculdade (Mário Quintana).

Por não haver políticas para organizar a Educação de Surdos de forma completa, era recorrente a situação relatada acima. Por muitos anos as escolas de surdos, ou turmas de surdos em escolas regulares, não ofereciam todo o ensino fundamental, nem o ensino médio. Pode-se perceber que o entrevistado tinha muita satisfação em frequentar a escola, mesmo que o método fosse oral.

A interrupção dos estudos se somou à tristeza de se separar dos amigos surdos. O que fica evidente é que o entrevistado não via possibilidade de continuar os

estudos, citando o ensino superior como algo impossível de alcançar. Muitos desistiram da escola. Mesmo quando as escolas começaram a oferecer o ensino médio, principalmente a partir da década de 90, poucos foram os que puderam retomar os estudos.

Há uma convivência muito intensa nas escolas e é possível pensar que a função da escola como “lugar de aprender” é tão importante, quanto o aspecto de interação social. Nosso tempo permite esse tipo de contato entre surdos, que passam a poder construir comunidades e inventar a norma surda (MELLO, 2011). Entendo essa norma surda como o resultado da resistência às imposições dos ouvintes. Porém, essa resistência foi possível após a incompreensão a que os surdos são expostos.

> Ainda em Santa Maria, um médico falou para minha mãe sobre a Escola Frei Pacífico, em Porto Alegre. Era uma escola de freiras, similar a um internato. Regras estritas sobre horário de dormir, cortes de cabelos obrigatórios para todas as meninas e também só saíamos de lá durante as férias. Passávamos, inclusive, os finais de semana lá. Quando fui para casa, mostrava o pouco que tinha aprendido. Minha avó e minha mãe ficavam emocionadas dizendo que eu estava falando tão bem (Clarice Lispector).

A expectativa pelo desenvolvimento da fala oral era o principal. Os familiares desejavam ver os surdos se parecer com eles. Mas, nem todos correspondiam a essas expectativas. Depende muito do investimento em treinar a fala e, principalmente, do desejo do surdo de desenvolver essa habilidade. Muitos surdos não se sentem confortáveis com a fala oral, e preferem a língua de sinais. A seguir, outra entrevistada conta como foi sua mudança de escola.

> Logo fui para outra escola, pois eu morava, M-O-R-A-V-A[31] no I-A-P-I, perto da escola, E-S-C-O-L-A A-L-E-G-R-I-A D-E R-E-C-A-N-T-O. Esse era o nome dela. A escola recebia crianças surdas e crianças com Síndrome de Down. Era bem legal

[31] A escrita em caixa alta, durante as transcrições/traduções das narrativas surdas representam a estratégia de datilologia – utilização do alfabeto manual, para soletrar palavras.

> e eu não percebia que essas crianças tinham alguma deficiência. Nós andávamos em grupos: o grupo dos surdos e o grupo dos alunos com Síndrome de Down (Lya Luft).

O entendimento de que os surdos são pessoas comprometidas intelectualmente, em função da linguagem oral não ser facilmente desenvolvida, ainda perdura no imaginário de muitos. Os surdos eram colocados em espaços junto a alunos com deficiência intelectual e mental. Não entendo isso como um problema em si, mas o problema é o porquê de os ouvintes organizarem dessa maneira a educação dos surdos. A concepção de que a surdez *causa* comprometimentos cognitivos foi explicada, como já posto, por diferentes áreas da saúde. Mas, os argumentos partem sempre da ideia de que a fala oral é superior à língua de sinais.

O convívio entre surdos e crianças com Síndrome de Down relatado por Lya Luft demonstra a capacidade dessas crianças conviverem sem julgamentos. As ideias dos professores e demais profissionais sobre essas crianças poderiam ser no sentido de classificá-las em um mesmo grupo. Mas, a própria entrevistada entendia que eles eram diferentes, o que não a impedia de gostar da companhia dos colegas. Essa visão de acolhimento pode ser entendida como sendo algo que escapa às práticas da escola, mas para a criança surda tinha outra representação.

> […] não ouvia, mas observava, e era fácil. Nunca tive problemas na escola, mas a professora percebeu, quando ela fazia ditado.
>
> Então, chamou meu pai e disse a ele: “tua filha tem problemas de audição, porque algumas palavras ela troca. Palavras de pronúncia igual”. Então, meu pai descobriu que eu ouvia pouco.
>
> Usava mímica (Cora Coralina).

Percebo que muitas vezes os problemas escolares têm outra dimensão para os surdos que os estão vivenciando. Por um lado, coisas que são consideradas problemáticas pelos professores não são sequer percebidas pelos alunos. Por outro, situações invisíveis aos olhos da escola são lembrados como marcantes pelos sujeitos surdos. Tudo depende do quanto o surdo é afetado, como ele é capaz de receber as informações, etc.

No trecho acima vemos que a surda se sentia tranquila com as atividades escolares, mas mesmo assim a escola via a surdez como problema. Eu reflito: se a escolarização está sendo positiva para o aluno, qual a necessidade de apontar o "problema" da surdez?

> Até os três anos fiz terapia da fala em uma escola particular de inclusão; só oralista. A professora percebeu que eu tinha que trocar de escola. Sabia que tinha escola de surdos. Já tinha visto surdos sinalizando.
>
> A segunda escola… o nome da escola era Jurema Badaueu, mas continuava oralista. Era proibido usar língua de sinais. A professora trabalhava no INES. Naquela época no INES usava muita datilologia. Todos oralizavam, mesmo nas brincadeiras. Minha mãe preferia a escola da professora Jurema porque acreditava que no INES estimulava pouco a fala (Érico Veríssimo).

Esse entrevistado estudou no Instituto Nacional de Surdos – INES –, no Rio de Janeiro. A mãe dele rejeitou a língua de sinais e preferiu buscar uma escola que fosse mais profícua no desenvolvimento da fala. Mesmo que a professora da primeira escola tenha sugerido que a mãe procurasse uma escola de surdos, citando que já tinha visto surdos sinalizando, a opção foi por uma escola mais focada no treino da fala.

Os surdos tiveram experiências escolares muito semelhantes. O foco do ensino era principalmente o desenvolvimento da oralidade. Mesmo assim, a escola foi a possibilidade de ampliar o círculo de relações dos surdos e, certamente, despertar para o fato de que havia neles algo de diferente em relação aos ouvintes.

Muitas vezes é difícil para a criança surda entender o que exatamente a difere da maioria ouvinte[32]. Padden (1989) entende que as crianças surdas devem ter o direito de conviver com surdos adultos, já que a necessidade desse contato não é apenas para aprender a língua de sinais, mas compartilhar experiências, valores e formas de entender o mundo.

---

[32] Essa situação já serviu de roteiro de muitos livros de literatura surda infantil e que trazem as experiências da infância surda, como, por exemplo, *Tibi e Joca - Uma História De Dois Mundos,* de Cláudia Bisol, publicada em 2001, ou *Um mistério a resolver: O mundo das* bocas mexedeiras, livro publicado em 2008 por Maria Aparecida Amin de Oliveira, Maria Lúcia Mansur Bomfim de Oliveira e Ozana Vera Giorgini de Carvalho.

Em função dos limites impostos pelo contexto familiar, onde a diferença linguística dificulta a criação de laços culturais com a própria família (DALCIN, 2005), a escola é a primeira possibilidade de os surdos se encontrarem uns com os outros. Mesmo que o problema da língua esteja também presente na escola, já que os surdos entrevistados relatam terem sido submetidos a práticas oralistas, o encontro com outros surdos é decisivo para que os surdos consigam se identificar uns com os outros. A escola se constitui como a primeira comunidade da qual o surdo participa.

5.4 “ELA ME ENSINAVA NO DORMITÓRIO”: A PROCURA PELA LÍNGUA DE SINAIS

Para todos os entrevistados, a aquisição da língua de sinais se deu tardiamente, na adolescência. É preciso entender o surdo, pois sua diferença é muito evidente. Mas, como a maioria dos pais não conhecem e não imaginam como é a experiência de ser um sujeito visual, eles acabam forçando algo que não é bom para o surdo, que ele não consegue se adaptar. Infelizmente a Libras entra na vida dos surdos, na maioria das vezes, de forma tardia.

> Se os pais recebessem orientações adequadas quanto à importância da Libras para o desenvolvimento da criança, sobre as possibilidades que essa língua oferece para a criança se comunicar com eles de forma clara, contar-lhes sobre suas brincadeiras, aprender seus ensinamentos e adquirir conhecimento, com certeza seriam poupados dessa criança e de seus pais transtornos e prejuízos, e principalmente os problemas emocionais a que estes são submetidos (DIZEU e CAPORALI, 2005, p. 590).

Quando um surdo encontra a comunidade usuária da língua de sinais ele fica perplexo. É como se ele descobrisse que a sua vida pode ser diferente do que é. Infelizmente muitos surdos só encontram a língua de sinais depois de muitos conflitos com a família. Os familiares não foram ensinados a entender a cultura surda, por isso agem com o surdo como se ele fosse um ouvinte pela metade. Quer dizer, os pais, naturalmente, esperam coisas boas para o filho, como ter um bom emprego e constituir família, estudar, etc., mas eles não se apercebem[33] de que o filho surdo

[33] Aprendi a palavra “aperceber” depois que o tradutor da tese me sugeriu essa tradução. Pesquisando o seu significado, realmente ela se encaixa melhor naquilo que eu quis dizer nessa frase. A família

poderá alcançar essas coisas somente se tiver condições de se encaixar socialmente.

Para que se encaixe, ele precisa aprender, conversar, fazer amigos, ter opiniões, conhecer as opções que se pode ter na vida e que esse é o principal limite para os surdos. As famílias, em função das ideias que o campo da saúde divulgou e perpetuou como verdades, acreditam que estão ajudando o surdo quando limitam ou proíbem o acesso à língua de sinais, mas, na realidade, eles estão prejudicando.

No primeiro trecho apresentado na seção 5.2 há o relato de que os pais esconderam o fato de haver um outro surdo na família. Isso causou brigas pelo fato de que “E. Veríssimo” se sentiu manipulado e impedido de ter contato com alguém com quem ele teria identificação. De fato, quando ele teve contato com o tio, aprendeu muitas coisas com ele. Teve a oportunidade de conhecer outros surdos, professores ouvintes, que sabiam a língua de sinais. Além disso, entendeu que o desenvolvimento da fala tinha um lugar importante para muitos surdos e que os sinais podiam ser usados de várias maneiras. Penso que esse sujeito, ao entender esse contexto, essa comunidade de pessoas que estavam ligadas pelo fato de serem surdos ou trabalharem com surdos, descobriu um modelo e a partir daí construiu sua própria história como surdo. Abaixo, mais um trecho da narrativa:

> Conheci [a Libras] com outros surdos da minha idade. Meu tio era de outra geração e usava muita datilologia. O professor Barreto era um dos melhores do INES, sabia muitos sinais e também trabalhava na terapia da fala, mas não foi meu professor. Ele conhecia meu tio. O professor Geraldo também ensinava muito bem e foi meu professor até 18, 19 anos (Érico Veríssimo).

A língua de sinais é um artefato da cultura surda. Ao conhecer essa língua, passa-se a conhecer vários outros aspectos que envolvem o Ser Surdo. Mesmo com as diferenças entre as comunidades surdas e os contextos de formação das comunidades, o que é semelhante é a percepção comum que se tem sobre a língua de sinais, como algo importante e positivo a ser preservado.

---

consegue PERCEBER que seu filho é diferente, pois ele não escuta, não articula a fala como os ouvintes. Mas, eles não entendem que essa série de processos diferentes: de comunicação, de socialização, de aprendizagem, etc. condiciona uma experiência diferente, uma cultura diferente, ou seja, não se APERCEBEM do Surdo como diferente.

E. Veríssimo nasceu no Rio de Janeiro, portanto, conhece o contexto daquela cidade, que se diferencia bastante da história dos surdos em Porto Alegre. Porém, ele foi um surdo que se mudou para Porto Alegre e, aqui, ajudou a fortalecer a SSRS, a comunidade surda local. Antes de sua vinda, já havia uma comunidade surda em Porto Alegre e na década de 60 já havia encontros de surdos no centro da cidade. Esse foi um local de florescimento da língua de sinais.

> [Conheci a língua de sinais] nas Lojas Americanas. Encontravam-se diariamente ao término do trabalho para bater papo durante a semana, menos aos sábados e domingos.
>
> Alguns já se reuniam lá na outra casa. Outros, aqui no centro.
>
> Nas Americanas nos encontrávamos, tomávamos café, era ali sempre!! Nos reunimos para bater papo e nos finais de semana cada um voltava para sua casa. Sim, aprendizagem do grupo para o mundo.
>
> Eu lembro que podíamos ficar até umas 19h ou 20h nos locais e voltar. Naquele tempo era diferente... Hoje é perigoso do mesmo jeito. Mas, antes nos divertimos muito. Era muito bom (Mário Quintana).

Ao dizer “Lojas Americanas”, o entrevistado está se referindo aos encontros de surdos que ocorriam às sextas-feiras, em frente a uma unidade dessa loja, no centro de Porto Alegre. Como ainda não existia a SSRS, nem um local específico para que ocorressem os encontros entre surdos adultos, os surdos passaram a se encontrar em frente à loja, na rua mesmo, para conversar. Nessas conversas, em pleno centro da cidade, é possível que muitos surdos tenham “descoberto” a língua de sinais, simplesmente por estarem passando pelo local e vendo os surdos sinalizando.

Quando o entrevistado fala sobre o local, ele faz um sinal específico. Esse sinal, que significava aquele ponto no centro da cidade. É um sinal que lembra duas escadas. Essas escadas eram as escadas rolantes das Lojas Americanas, que na época era uma das únicas lojas que tinham essa tecnologia. Até hoje alguns surdos mais idosos utilizam esse sinal para se referir a essa região do centro de Porto Alegre. O entrevistado também fala em “lá na outra casa”, essa casa, era a residência do surdo Salomão Watnick, que abrigava alguns encontros de surdos até o seu falecimento, na metade da década de 60.

Esses encontros permitiram aos surdos desenvolver a língua de sinais na cidade e na região. A partir dali vários outros movimentos ocorreram. Mas é curioso pensar que as mulheres surdas entrevistadas não relatam sobre os encontros com surdos como muita frequência. Uma das entrevistadas disse:

> Fui aprendendo sinais isolados. Mostravam-me o sinal em um pequeno manual e eu repetia. Ela me ensinava no dormitório. A Alba aprendeu com os irmãos surdos: Luís Carlos e Nelson, lá no Rio de Janeiro. Estive no INES com minha mãe... tinha pouca gente. A gente sinalizava ... O momento que mais conversávamos em sinais era na hora da oração. Aproveitando que não havia irmãs olhando, conversávamos, e quando elas voltavam, nós dormíamos (Clarice Lispector).

C. Lispector foi interna de uma escola de surdas em Porto Alegre. Uma escola somente de meninas, que era uma instituição mantida por uma congregação religiosa. Vê-se aqui, da mesma forma que relatou E. Veríssimo, que o INES, mesmo localizado em outro estado, teve grande influência na língua de sinais regional, em razão de ser a instituição mais conhecida por seu trabalho com surdos no país. O uso da língua de sinais na escola, entretanto, não era permitido. As alunas conversavam usando sinais quando as irmãs não estavam olhando. O momento da oração era uma oportunidade de escapar do controle e sinalizar.

A escola, mesmo que os sinais não fossem estimulados, também serviam para manter a língua de sinais circulando. Ainda que de maneira disfarçada, os surdos se comunicavam e criavam muitas formas de se expressar. Muitos são os relatos sobre o uso da língua de sinais nos dormitórios das escolas de surdos, sendo entendidos como movimentos de resistência dos surdos às imposições do oralismo (Wrigley, 1996).

A mesma surda entrevistada acima relatou que ela só podia visitar a SSRS por poucas horas, em dias que seus pais ou seu tio podiam levar e buscar. Por isso, acredito que as mulheres surdas sofriam também por causa do machismo.

> Encontrei a língua com a minha irmã.
> ...eu tinha duas amigas que moravam perto, elas sinalizavam e eu também...

> são ouvintes... aprenderam comigo.
>
> ... o meu marido falava com os surdos. As reuniões eram sempre aqui, ficava fácil (aprender a língua).
>
> Já a minha irmã não sabia nada. Eu a ensinava, mas ela não aprendeu nada até hoje. Ela não tem gosto pela língua (Cora Coralina).

Essa entrevistada utiliza a língua de sinais combinada com a oralização[34]. Muitas coisas ela sinaliza fazendo a primeira letra uma palavra com o alfabeto datilológico, ao mesmo tempo em que move os lábios, oralizando. O marido dela foi um líder surdo importante, que também promovia reuniões de surdos em sua casa, assim como fazia o Salomão Watnick. Essa entrevistada, apesar de ser uma mulher muito conhecida na comunidade surda, preferiu não desenvolver a língua de sinais, pois essa foi a maneira que ela encontrou para se relacionar com seu marido, com os surdos e com a sua família ouvinte.

A busca pela comunicação em língua de sinais parece ser fácil para os surdos que tomaram a frente de toda a parte de administração da SSRS. Os homens se encontravam mais, logo, conversavam mais com outros surdos. Quando perguntei sobre a frequência de C. Lispector na SSRS, ela afirma que era levada pelos pais ou pelo tio.

Essa mesma entrevistada relatou ainda um acontecimento bastante grave de quando ela teve seu segundo filho. Procurarei, enquanto pesquisadora, ser o mais cuidadosa possível, haja vista que se trata de um tema sensível. Quando eu perguntei sobre os filhos, ela relatou:

> [...] na segunda gravidez que foi mais problemático. Fiquei 20 dias internada. Estourou a bolsa, fui para o hospital, aí me disseram que tinha que esperar, que não iria nascer ainda. Aí fui para casa. Levaram-me de carro. Tive as contrações de novo e voltei para o hospital. A enfermeira parecia fazer pouco caso, passava bem tranquila. Eu dizia que estava com dor e ela só me dizia para esperar. Vieram várias pessoas no quarto. Deram-me medicação e eu fiquei cuidando tudo, bem atenta. Aí

[34] Isso acontece com frequência entre os surdos, principalmente os mais idosos, que utilizam a língua de sinais. Apesar de a língua de sinais não ser, em sua estrutura gramatical, dependente da língua oral, os surdos utilizam referências às palavras em português, alguns mais e outros menos. Esse uso é reflexo do poder que as línguas orais exercem sobre a língua dos surdos.

> minha mãe veio, chegou de viagem, ela e meu pai. A mãe dizia para eu ter calma, mas eu estava com muita dor. As enfermeiras fizeram uma massagem para a criança descer, apertavam minha barriga e era muito dolorido. Isso levou horas. Aí me deram várias injeções porque a criança não descia (Clarice Lispector).

O restante desse trecho eu prefiro não apresentar aqui porque demandaria muito mais cuidados de minha parte para fazer uma análise adequada. Mas, em linhas gerais, o ocorrido parece se tratar de um caso sério de violência obstétrica. Sendo a paciente surda, a situação se agrava ainda mais pela falta de comunicação entre ela e os profissionais do hospital. Depois de muitos dias seguiu sem informações claras sobre o que estava acontecendo, quais problemas haviam ocorrido no parto, e, segundo ela, chegou ao ponto de ela se questionar se conseguiria voltar para casa.

A língua de sinais, para essa entrevistada, foi ao mesmo tempo uma conquista que a permitiu conhecer outros surdos, casar, ter amigos, mas também a levou a vivenciar novamente a privação linguística, já que os ouvintes a ignoravam enquanto usuária da língua de sinais.

5.5 “FOI LÁ QUE EU CONHECI A MINHA ESPOSA: A ASSOCIAÇÃO COMO TERRITÓRIO SURDO

Considero “associação de surdos” não somente entidades como a SSRS. Entendo que os encontros em frente às Lojas Americanas eram uma forma de associação, onde os surdos de Porto Alegre começaram a construir a comunidade local. Associar-se, para esses surdos, era mais do que fazer amigos, era também a oportunidade de se comunicar com outros que passaram por experiências semelhantes.

Os surdos nem sempre se entendem perfeitamente em língua de sinais. Uma vez que os níveis de aquisição e desenvolvimento de competências linguísticas variam muito para cada sujeito. Não se pode ter a ilusão de que dois surdos irão compreender um ao outro sem limitações. Porém, não é somente de informação linguística que se trata.

Larrosa (2002) faz uma crítica à noção de informação e como a nossa época se concentra em demasia no consumo massivo das informações em função das mídias atuais. Essa crítica se relaciona àquilo que Benjamin (1994) falou sobre a experiência e a capacidade de narrar.

> A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores, E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. [...] Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante (BENJAMIN, 1994, p. 198-199).

A citação acima me parece poder ser exemplificada com os surdos que se reuniam em frente às lojas Americanas, na década de 60. Se hoje os surdos podem narrar suas histórias, é porque eles buscaram uns aos outros. Nesses encontros, nessa ação de “associar-se”, os surdos eram como os marinheiros comerciantes, metáfora muito precisa que Benjamin (1994) criou para falar daqueles que precisaram sair de onde estavam para aprender coisas em outros lugares. Mas penso que os surdos também podem ser comparados ao modelo do camponês sedentário.

A busca pelos outros surdos precisou de um lugar fixo, onde eles saberiam com certeza que eventualmente iriam encontrar uns aos outros. Essa prática de haver “pontos de encontro” se perpetuou pelas décadas seguintes e somente hoje em dia parece ter sido esquecido. Mas, na época das Lojas Americanas, era uma necessidade que os surdos tivessem essa referência.

Lembre-se que a comunicação entre pessoas surdas via telefone dependia dos ouvintes e que não havia celular, muito menos computador. Para ter autonomia, era preciso que esses locais fossem conhecidos por todos os surdos, para que não houvesse desencontros.

Mas, ainda há outro motivo para a comparação com o modelo do camponês sedentário. É que, assim como Benjamin (1994) pensava nesse modelo em razão do contexto pré-capitalista, em que o trabalho era feito em casa, junto aos familiares, os surdos precisavam criar a sua moradia. Por isso, inventaram esses locais de encontro e, posteriormente, conquistaram um espaço, a SSRS. Conforme um dos entrevistados:

> Certa vez o N. O. [amigo surdo] me falou, quando eu era pequeno, eu tinha uns 11 anos... disse para irmos lá. Ele conhecia os surdos e eles sempre se reuniam lá na tal casa. Ele me disse: “você precisa ir lá!”. Eu não sabia. O N. O. me falou e completou: “sim, nos reunimos lá. O G. [outro amigo] também me ajudou. Fomos em bando até lá. Quando chegamos, achei o local estranho, era do Salomão (usou datilologia, mas não completa) uma sede provisória na casa do N. e da D. [casal proprietário da residência]. Subimos a escada e encontramos com Salomão, mas eu não o conhecia. Fomos apresentados e os surdos me explicaram: “ele é o presidente” e todos ficaram admirados. Nós não o conhecíamos. O clube dos surdos era uma novidade.
>
> Era um lugar legal, grande, tinha espaço para diversão, jogos etc., e ano a ano o clube foi melhorando. O Salomão frequentemente falava com a prefeitura para conseguir um local para o clube, incansável ele solicitava (Mário Quintana).

Os surdos precisavam se encontrar. A referência de um espaço onde todos se comunicavam era importante, bem como estar junto as pessoas surdas que ocupavam lugares de destaque na comunidade. A afirmação de que a associação “era do Salomão” talvez não seja algo exatamente relacionado à posse e ao poder sobre a entidade que estava nascendo. Parece mais que os surdos precisavam ser guiados por um surdo que sabia algo a mais, que proporcionava algo além, que eles não tinham com suas famílias ouvintes.

Ocupar esse lugar de presidência era um papel que não era usufruto somente do líder, mas era algo compartilhado. Em outras palavras, os surdos precisavam ver outros surdos ocupando lugares importantes. Isso os permitia narrar as suas próprias vidas tendo esse modelo surdo.

Outro entrevistado relata o seguinte:

> Primeiro contato com meu tio, ele conheceu o Levy lá no Rio de Janeiro, nas reuniões. O nome da associação era “Associação do Distrito Federal dos Surdos Mudos”. Naquela época era na capital. Agora é Associação do Rio de Janeiro dos Surdos – fez o sinal –. Meu tio me levava na associação. Conheço vários surdos mais velhos. A maioria somente sinaliza. Poucos sabem o português. Também, quando jovens, íamos em grupo lá para a Associação Alvorada. Íamos sempre lá.

> Lá era um lugar bom, mas só entrava quem sabia falar. E quem não soubesse falar, não podia ser sócio. O nome é Associação Congregadora dos Surdos-Falantes. E depois de alguns anos teve uma mudança total. Daí tiraram o “congregadora” e ficou só “dos surdos”. Então começou a poder entrar quem sabia falar e também quem não sabia. Aí o sinal mudou. O sinal antigo se referia ao sol, por isso esse sinal – mostra o sinal da associação –. Por ser a “alvorada”. Era algo poético, como se fosse o “despertar” dos surdos. Tem a associação dos surdos do Rio de Janeiro e a Alvorada. Foi lá que eu conheci minha esposa (Érico Veríssimo).

Vê-se que as associações de surdos do Rio de Janeiro ainda carregavam uma marca das práticas oralistas. Já em Porto Alegre, não havia formalmente uma divisão desse tipo, mas aqueles que tinham habilidades de falar e que eram alfabetizados, assumiram lugares de destaque. Com o passar dos anos, a língua de sinais ganhou mais visibilidade e passou a ser mais respeitada, logo, os surdos que somente sinalizavam foram progressivamente sendo mais valorizados.

Mas o fundador da SSRS, Levy Wengrover, comunicava-se bem em português e tinha boas relações com pessoas influentes. A construção da SSRS foi um passo que um surdo teve a coragem de lutar, até que conseguiu. Os surdos que sinalizam puderam ser valorizados graças às ações desse líder surdo.

> Eu mesmo fui lá, estava ficando muito bonito. Foi legal ver crescendo até chegar no telhado. Já havia rede de esgoto, eletricidade, etc. tudo graças ao Levy que, com sua persuasão, permitiu-nos ter uma boa infraestrutura. Está de parabéns!
>
> Ele conseguiu com os políticos, com os amigos, enfim, a construção terminou e chegamos no dia da inauguração. Como é o nome?... do governador…
>
> Ana: Ildo Meneguetti...?
>
> [com o gesto de positivo, confirma] Este mesmo (Mário Quintana).

Os surdos de Porto Alegre conquistaram o direito de se comunicar. A SSRS foi a consagração daquilo que os surdos faziam provisoriamente nos encontros do centro da cidade. Mas, fica evidente que vários surdos não puderam migrar para o espaço seguro que representava a SSRS, pois era uma Sociedade, tinha mensalidades, era distante do centro da cidade – localiza-se na avenida Salvador França, próxima ao

Jardim Botânico. Muitos surdos que não tinham condições financeiras continuaram se encontrando em espaços públicos.

Também, cabe sinalizar atravessamentos das relações de gênero que também perpassaram os espaços dos movimentos surdos em sua história e isso fica evidenciado em algumas das narrativas das surdas idosas que participaram desta pesquisa.

Uma entrevistada – Cora Coralina – relata sobre sua participação nos negócios da família. Conforme a entrevistada, ela e os irmãos administram a empresa, que foi fundada na década de 50 e é uma marca conhecida de produtos de limpeza. A família tem uma importância muito grande para ela e aparentemente a responsabilidade em relação à empresa da família fez com que ela precisasse se apropriar de muitos conceitos. Outra característica que a fez se afastar por um tempo da comunidade surda foi o fato de ela ter tido filhos. Segundo ela, isso limitou a participação dela na SSRS. Outra entrevistada diz algo semelhante:

> – A mãe perguntava se eu estava tomando o remédio. Mas logo depois eu engravidei. E foi rápido! Casamo-nos em maio e em setembro eu engravidei. Eu não gostava de tomar o remédio, deixava-me enjoada. Ele ia trabalhar e eu ficava em casa. Ele me perguntou se eu não deveria tomar, mas eu não quis. Aí engravidei. O meu sogro me levou ao médico porque a sogra não podia, trabalhava como cozinheira. O sogro, como não trabalhava, era aposentado, levou-me. Eu tive um pouco de vergonha. Marcaram horário e eu fui lá. Aí falamos sobre a gravidez. Ficou todo mundo muito feliz. A minha cunhada foi comigo também, fiz exames, estava tudo bem (Clarice Lispector).

Ela lembra que o marido era quem frequentava a associação e que quando mais jovem, ela não podia ir sozinha à SSRS. Percebi que as mulheres surdas participam menos da política da SSRS. Talvez seja porque elas tinham menos liberdade para ocupar espaços de luta, sendo necessário estar acompanhada do marido.

Essa sensação de “clausura” das mulheres surdas eu pude perceber na fala das três entrevistadas e os homens surdos não chegaram a mencionar nada a respeito. Eu penso que isso é comparável àquilo que os surdos relatam da infância, de quando eles não entendiam completamente o que se passava no ambiente familiar,

quando eram levados a lugares como a escola, o médico, ou mesmo a casa de um parente. O motivo da ida nunca era totalmente compreendido. A diferença é que, segundo o relato das entrevistadas, quem é mais exposto a esse tipo de limitação na vida adulta são as mulheres.

5.6 “AS COISAS FORAM MUDANDO: ENVELHECIMENTO SURDO E O RETORNO DO ISOLAMENTO

A escola, a mídia, a saúde, e mesmo alguns surdos, quando falam de surdez e de velhice, fazem-no a partir de um conceito de deficiência. Ou seja, os atributos que são lembrados são geralmente relativos à perda de audição, falta de capacidade de ouvir, concentrar-se, comunicar-se, etc. A SSRS permitiu que os surdos, durante suas vidas, relativizassem essas noções estereotipadas da surdez para experienciar outro tipo de vida surda.

No entanto, ao chegar na velhice, acabam enfrentando problemas que são recorrentes na vida de idosos ouvintes. O que se agrava é o problema da privação linguística, algo que é relativamente suprido caso exista um familiar ouvinte que saiba Libras ou se há outro surdo na família.

À primeira vista, pode-se entender algumas falas como lugares-comuns da velhice, como: o isolamento, a saudade da infância e da juventude, o declínio das capacidades físicas e cognitivas etc. Um exemplo seria o seguinte:

> Antigamente eu tinha muita energia. Quando não aceitava alguma coisa, eu insistia, discutia, mandava à merda, ficava com raiva...esforçava-me muito. Agora eu não quero fazer esforço. Dane-se. Eu não quero mais sofrer. Chega! Antes quando eu discutia no trabalho eu insistia. Se a pessoa tinha outro ponto de vista, eu me esforçava em mostrar o meu. Mas, agora, isso cansou. Parece que vão se constituindo limites. Também os mais jovens vão vendo o velho de outra forma. Às vezes falam que eu estou ficando velho. Dizem que eu esqueço, que não sei. Vou fazer o quê? Negar que eu estou ficando velho? (Érico Veríssimo).

Apesar de o entrevistado relatar resignação com relação ao que a velhice traz de consequências, ele claramente fala desde um lugar de alguém que já teve força, determinação para as discussões, energia para o trabalho e para as relações sociais. Esse pode parecer pouco vantajoso, uma vez que há uma tristeza relatada. Mas o fato de ele ter vivências diversas durante a vida e poder narrar esses fatos no presente, mostra que ele teve a oportunidade de refletir, avaliar, concatenar ideias.

Para a maior parte dos surdos em tempos passados e para grande parte deles nos dias de hoje, a realidade é o isolamento linguístico. As opiniões dos surdos não são valorizadas. As capacidades de elaborar e avaliar a trajetória de vida foram, pelo que se pode perceber em outros momentos da entrevista, construídas na experiência proporcionada pela comunidade surda.

Outra entrevistada expressou descontentamento com a vivência escolar, fazendo uma avaliação negativa do que poderia ter sido a sua vida e seu contato com os ouvintes.

> Sinto falta dos filhos. [...]
>
> Para a velhice não dou muita importância. Tive sofrimento. Mas, se não fosse pela escola, eu teria aproveitado muito mais. Sofri muito na escola. Teria me divertido muito mais com os ouvintes. Eu ia muito para uma Colônia de férias infantil.
>
> Eu era a única surda! Tinha clube em Cidreira e em Torres. Ia só com a A. [amiga]. Ela ia muito para a Colônia também (Clarice Lispector).

Ela manifesta o seu descontentamento com a escola, mesmo que tenha convivido com outras meninas surdas. Para ela, esse contato foi sobretudo traumatizante. As práticas oralistas da escola impuseram uma série de lembranças negativas. Não foi possível saber da entrevistada se a convivência posterior com surdos, na idade adulta, foi algo melhor ou que trouxe lembranças mais alegres. Durante toda a entrevista, ela falou praticamente só em relação aos filhos, marido e dos pais. Contando fatos marcantes, ela organiza sua narrativa a partir de acontecimentos que foram vividos junto aos familiares e com a eventual participação de alguns surdos.

Creio que há o fato de a língua de sinais permitir que a entrevistada elabore linguisticamente as suas experiências, mas ela também lamenta que os episódios de sofrimento tenham acontecido em função da falta de comunicação. Quando C.

Lispector relatou o acontecido no parto de seu segundo filho, como foi mostrado na seção anterior, apesar de saber que a falta de comunicação foi a causa de grande parte do trauma, ela não expressa grandes queixas sobre os ouvintes. Pelo contrário, ela desejava ter vivido mais ao lado dos ouvintes.

Apesar de ser uma surda que conhece a história das associações de surdos de Porto Alegre e de Pelotas, onde viveu por muitos anos com o marido, ela falou pouco sobre a convivência com surdos. Entre os motivos dessa pouca referência está o cuidado dos filhos e as atividades domésticas. Mas, também, é preciso considerar que o fato de ela ser uma mulher surda é relevante. Ficou claro que ela não tinha o controle da própria vida, como se vê abaixo sobre como ocorreu o seu casamento:

> [...] nos casamos em praticamente um ano. Começamos a namorar em outubro e em maio já estávamos nos casando.
>
> 1 – Que rápido! Por que tão rápido? Ele morava longe, né?
>
> 2 – Sim. A minha mãe foi até Rio Grande, conheceu a família dele, o lugar, e depois aprovou o casamento.
>
> 1 – Ah, a mãe foi verificar como era a família, para depois aprovar o casamento...
>
> 2 – Sim, fomos lá, fomos na casa de praia deles. A mãe organizou tudo, disse-me que eu poderia ir. Eu fiquei um pouco insegura no início. Pensei na distância. Mas daí aceitei ir para lá. Aí preparamos tudo. Mandamos fazer o vestido de noiva. A minha sogra fez o bolo, reservou a capela do Frei Pacífico, e foi assim (Clarice Lispector).

Vê-se que apesar das queixas em relação à escola, o casamento ocorreu na Paróquia Santo Antônio, que se localiza junto à escola Frei Pacífico. A relação com a comunidade surda, apesar de estar presente, não é narrada como algo fundamental para a entrevistada. A escola parece ter sido algo decisivo na vida dela, causando lembranças que ela não parece se sentir à vontade para comentar.

Por outro lado, a entrevistada L. Luft expressa outro lado da convivência com os surdos, trazendo um sentimento saudosista de outros tempos.

> Sinto-me um pouco triste, sim… sinto falta dos amigos, saudades dos amigos de antigamente. Eles foram se indo… eu continuo frequentando a Sociedade, o grupo da terceira idade surda… eu continuo… aquela convivência de grupo não tenho mais. Foi-se com o tempo, com a idade. As coisas foram mudando (Lya Luft).

A SSRS é, para ela, um lugar de saudade. Mesmo frequentando o grupo da terceira idade, já não há mais a ligação que tinha antes. Vejo que o isolamento linguístico no ambiente familiar é uma herança das ideias antigas sobre os surdos. Para que essa situação fosse modificada, seria preciso uma intervenção maior da SSRS, da FENEIS e de universidades. Para tanto, seria necessário criar políticas voltadas para o surdo idoso.

Doll (2016) fala das dimensões a serem trabalhadas na educação de idosos. Creio que é preciso levar em conta essas dimensões nas políticas de formação de profissionais e na criação de estratégias para atender a população surda idosa. A principal das dimensões é o que o autor chama de dimensão socioeducativa. Nessa categoria há o fato de que o trabalho em conjunto, a educação em diversos espaços e a comunicação são fatores a serem considerados. Para os surdos, a comunicação é o ponto mais importante. A partir do estabelecimento da comunicação, todas as outras dimensões podem ser desenvolvidas nas políticas voltadas ao surdo idoso.

Uma fala que me despertou a atenção, foi a do entrevistado M. Quintana, que relata que seus amigos estão, aos poucos, vindo a falecer. A comunicação, para esse entrevistado, parece estar indo embora junto com os amigos que morrem. Ele relata que não tem muito contato com jovens, apesar de esses frequentarem a SSRS. Caso existissem mais projetos voltados para os surdos idosos, seria possível, por exemplo, oportunizar o contato entre pessoas de regiões diferentes. A tecnologia permitiria isso, principalmente nesse contexto de pandemia que estamos vivendo em 2021.

Ao questionar o entrevistado o que ele espera quando estiver com 80, 90, ou mesmo 100 anos. Ele respondeu o seguinte:

> ... 80, 90 e deu! – faz expressão de dúvida – vai ver que o cara lá em cima, puxa uma ficha e diz: - este é bom, pode vir. Puxa outra e diz: - este é chato, fica aí embaixo e mesmo que você peça para vir, vais ficar. Um dia Deus diz: - [aponta

> para si mesmo], vem! E já se foram dez amigos, falta o décimo primeiro jogador, que sou eu! (Mário Quintana).

O entrevistado demonstra bom-humor ao falar sobre a morte. Ele lembra que 10 de seus amigos surdos da época de juventude já faleceram, e que, com ele, serão 11, número suficiente para formar um time de futebol. Os sinais que ele utiliza são muito expressivos e engraçados e transmitem a ideia de encerramento de ciclo, como se a vida tivesse um momento de exaustão e encerramento, prevendo também o início de um outro ciclo, no reencontro dos amigos após a morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passadas as análises, percebo que as entrevistas narrativas foram organizadas de uma forma mais ou menos cronológica, começando na infância e terminando na velhice. As perguntas que eu dirigi aos participantes tinham essa organização. Claro que eu entendo que as histórias misturam fatos passados e presentes, mas as minhas ideias anteriores à pesquisa me orientaram nesse sentido. As ideias anteriores tinham a ver com um processo de florescimento do Ser Surdo.

Com isso, eu quero dizer que, como pessoa surda, eu vi, ao longo da minha vida, com todas as experiências que acumulei, uma mudança gigantesca na vida de muitos surdos. Como uma história que é aparentemente um crescimento, uma sequência de melhores oportunidades para o povo surdo.

As últimas 5 ou 6 décadas foram um tipo de revolução para nós. Na década de 50, como foi mencionado nas análises, ainda havia uma perspectiva forte de que a surdez seria uma doença. Já a partir dos anos 90, no Brasil, muita coisa se transformou, principalmente no campo da educação. Mas percebo também que muitas coisas negativas se perpetuam.

Ainda hoje, permanecem vários mitos em relação aos surdos, que têm origem nas ideias difundidas pelos profissionais da área da saúde, como a dúvida sobre as capacidades cognitivas, sócio-afetivas e psicológicas dos surdos. Além desses mitos, é impressionante a quantidade de ideias estereotipadas que são, na realidade, muito mais antigas do que os discursos clínicos.

Acontece aos surdos idosos que eles testemunharam grandes mudanças, mesmo que muitos não tenham tido a oportunidade de experimentar um ensino bilíngue. Eles viram uma história acontecer, ou melhor, eles fizeram uma história acontecer. Entendo que as lutas dos surdos, desde a criação de uma associação até a defesa do ensino bilíngue, são atravessadas por muitos outros discursos, atores e diferentes conflitos.

Ser Surdo hoje é muitas coisas, por exemplo, ser Surdo e gay, Surdo e negro, Surdo e indígena, etc., e essas identidades enfrentam os conflitos decorrentes da privação linguística e de outros tipos de prejuízos. Ser Surdo idoso, nos nossos dias, tem esse significado, pelo menos para os que se inserem em comunidades surdas,

que é ter passado por práticas escolares e sociais, em geral, que ignoraram ou reconheceram a diferença surda.

As comunidades surdas, através da Libras, recebem a cultura mais geral de maneira não plenamente acessível, isto é, a presença de sua língua natural é escassa na mídia, nos artefatos culturais, etc. Por isso, é importante investigar e documentar as maneiras como os surdos interpretam a realidade, solucionam problemas, ou, em outras palavras, como os surdos vêm, historicamente, (re)interpretando a cultura majoritária e, de outra parte, construindo sua própria cultura, através do vínculo afetivo/pedagógico/cultural/social estabelecido nas comunidades de surdos usuários da Libras.

As entrevistas realizadas em minha pesquisa evidenciaram a importância da comunidade na vida dos sujeitos. Muitos aspectos da vida desses surdos idosos foram transformados quando eles passaram a conviver com outros surdos. O pertencimento a uma comunidade fez com que os sujeitos passassem a se reconhecer como parte de um ambiente fora do convívio familiar. Eles passaram a se entender como pessoas que são valorizadas por suas características individuais, já que passaram a poder expressar aquilo que sentiam e desejavam, assim como passaram a conhecer outras pessoas e também a valorizá-las.

É importante deixar claro que a participação em uma comunidade surda não significa que os problemas dos surdos são todos solucionados. Tendo contato com outros surdos, o que se observa é que os sujeitos passam a se constituir a partir de interações mais significativas, tendo a oportunidade de ter mais autonomia em relação a sua vida.

Todavia, não podemos pensar que as relações na SSRS sejam desprovidas de tensões. As relações de poder, os choques culturais, as desigualdades sociais, raciais, de gênero, etc., não deixam de existir e também não são atenuadas pelo fato de que os surdos se unem em torno da cultura surda. Eu argumento que a SSRS pode ser a possibilidade de os sujeitos *narrarem* esses conflitos, ao invés de serem representados por outros. As entrevistas mostraram que, para os surdos idosos, a SSRS teve duas funções:

1. É um espaço de fuga, de devir, alternativo à “prisão” familiar, onde os surdos conquistam um sentido de identidade. O vínculo estabelecido é caracterizado principalmente pela possibilidade de comunicação, que antes era interditada ou dificultada pelo preconceito linguístico ou pelo desconhecimento de que a língua de

sinais possibilita isso aos surdos. Possibilita uma relação consigo, que antes não era possível em função da falta de comunicação.

2. É um espaço onde os marcadores sociais como classe, gênero, raça, grupo etário são reencontrados. Com isso, o aspecto de devir é substituído por uma identidade, uma suposta “pureza” surda que só é possível cultivar no contato com esse grupo, que frequenta esse espaço. Por isso, é possível analisar a subjetivação como processo que repete os modos de subjetivação, que são encontrados em toda a sociedade. Em outras palavras, é preciso se parecer com o grupo para pertencer a ele.

Por conta dessas duas características da SSRS, as análises abordam situações contraditórias, em que, ao mesmo tempo, os surdos encontram autonomia e retorno a certos padrões estabelecidos. Entender-se como surdo, conviver com pares, ter a possibilidade de manter vínculos afetivos, às vezes amorosos, às vezes conflituosos, significa entrar em relações de interação que até poucos séculos era praticamente vedado aos surdos. Esses surdos idosos que frequentam a SSRS atualmente vivenciaram, provavelmente, as mudanças mais significativas na história do povo surdo, pelo fato de que a língua de sinais ganhou visibilidade ao longo da vida desses sujeitos, entre o final do século passado e início do atual

Entendo o Surdo idoso como um modelo de resistência, como pessoas que “sobreviveram” às concepções clínicas e a estereótipos, como o de que a linguagem somente é adquirida pelos sujeitos através da oralidade. A experiência dos Surdos na SSRS demonstrou que não há como pensar a educação de surdos sem olhar essa história. E, principalmente, não há como pensar uma educação de surdos que não reconheça que ser surdo foi e continua sendo uma questão de luta social. Mesmo com as conquistas acadêmicas e no mercado de trabalho, o sujeito surdo se depara com limitações em função da incompreensão sobre a diferença surda.

Ser Surdo idoso nos mostra, também, que a educação precisa lidar com esse tipo de experiência, e não idealizar uma identidade surda. Por isso, é preciso que se fale no envelhecimento, mostrando aos alunos como ser um Surdo idoso pode ser algo positivo. Isso deve ser divulgado na escola e também em outros meios, como no campo da saúde. É importante que as instituições estejam cientes de que Ser Surdo idoso tem características próprias.

Por fim, creio que a pesquisa, ao realizar análises das narrativas dos Surdos idosos, foi capaz de conectar aspectos da história da educação de surdos no Brasil,

demonstrar a importância da velhice surda para as discussões sobre língua de sinais e educação de surdos, evidenciando aspectos positivos da convivência entre esses sujeitos. Por outro lado, ficou evidenciado que os surdos frequentadores da SSRS constituem uma parte “privilegiada” dos surdos idosos. Ser frequentador desse espaço requer pagar – ser sócio – e ser capaz de se deslocar até os encontros, aspectos que limitam muitos surdos.

Somado a isso, o fato de todos os entrevistados serem brancos, de classe média e heterossexuais também foi um aspecto relevante que demonstra que a tese não abrange todos os surdos idosos. Percebo, assim, que a cada vez que um grupo tem a possibilidade de florescer historicamente, muitas outras portas se abrem, cabendo a nós mantê-las abertas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Andréa Moraes. *A dama e o cavalheiro:* um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2004.

ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. IN: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.) *Metodologias de Pesquisas Pós Críticas em Educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 173-194.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*: Dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução Paloma Vidal. Rio De Janeiro: EDUERJ, 2010. p. 111-131

BAUMAN, Zygmunt. *Ensaios sobre o conceito da cultura*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade.* Tradução Mauro Gama e Claúdia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In:____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Tradução do alemão Irene Aron; Tradução do francês Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ*. [online]. 2002, n. 19, p. 20-28. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003. Acesso em: 07 ago., 2018.

BRASIL. Congresso Nacional. *Lei n. 10.436 de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 abr., 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10436.pdf. Acesso em: 07 ago., 2018.

BRASIL. *Decreto Federal nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2005.

BRUNER, J. *Acts of meaning*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

BUENO, José Geraldo Silveira. A Educação do deficiente auditivo no Brasil: situação atual e perspectivas. *Em Aberto*, Brasília, ano 13, n. 60, out./dez., 1993. p. 25-36.

BURKE, Peter*. A arte de conversação*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

CALDAS, Ana Luiza Paganelli. Narrativas de professores de surdos sobre a EJA no município de Porto Alegre/RS. *Cadernos de Pesquisa*, v. 23, p. 46, 2016.

CALDAS, Ana Luiza Paganelli. *O filosofar na arte da criança surda:* construções e saberes. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

CANDIOTTO, Cesar. Foucault: uma história crítica da verdade. *Trans/Form/Ação* [online]. 2006, vol.29, n. 2, p. 65-78. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-31732006000200006. Acesso em: 07 ago., 2018.

CARDOSO, Deusa Priscila Resque. *Sentidos subjetivos relacionados à motivação de alunos surdos para participarem do Clube do Pesquisador Mirim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. 2014. 90f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática. Universidade Estadual do Pará. Pará, 2014.

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault* – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução Ingrid Müller Xavier. Revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 477p.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Envelhecimento e Subjetividade*: desafios para uma cultura de compromisso social / Conselho Federal de Psicologia, Brasília, DF, 2008.

CRESPI, Leonardo Peluso. Textualidad diferida y videograbaciones en LSU: un caso de política lingüística*. Revista Digital de Políticas Lingüísticas*. Año 6, v. 6 (16-37), 2014. p. 16-37.

DALCIN, Gladis. *Um Estranho No Ninho:* um estudo Psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do Sujeito Surdo. 2005. 145f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

DEBERT, Guita Grin. *A Reinvenção da Velhice:* Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp,1999.

DELORS, Jacques. Educação um tesouro a descobrir. *Relatório para a UNESCO da comissão Internacional sobre Educação para século XXI.* Disponível em: https://www.pucsp.br/ecopolitica/documentos/cultura_da_paz/docs/Dellors_alli_Relatorio_Unesco_Educacao_tesouro_descobrir_2008.pdf. Acesso em: 07 ago., 2018.

DIZEU, Liliane; CAPORALI, Sueli. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito*. Educação e Sociedade*, v. 26 n. 91. Campinas, 2005. p. 583-597

DOLL, Johannes. A educação no Processo de Envelhecimento. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia; CANÇADO, Flávio Aluzio Xavier; DOLL, Johannes; GORZONI, Milton Luiz (Orgs.): *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 4 Ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. p. 1598-1603.

DOLL, Johannes; RAMOS, Anne Caroline e BUAES, Caroline Stumpf. Educação e Envelhecimento. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 9-15, jan./mar., 2015. Disponível em: http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/52407/32225. Acesso em: 07 ago., 2018.

DOLL, Johannes. Educação e Envelhecimento - fundamentos e perspectivas. A Terceira Idade, SESC São Paulo, v. 19, p. 7-26, 2008.

EWALD, François. Michel Foucault. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de. (Org.). *Michel Foucault:* O dossier – últimas entrevistas. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.

FERRARI, Carla Cazelato. *Os agrupamentos espontâneos de jovens e adultos surdos:* um estudo de suas trajetórias e composição. 2010. 114f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

FOUCAULT, Michel. As regularidades discursivas. In:____. *Arqueologia do saber*. 6 Ed. Rio de janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 21-86.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004.

GARCIA, Eduardo de Campos. *Implante Coclear:* estudos concernentes à biopolítica, ao biopoder e ao biocapital em III volumes. 2015. 608f. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Educação, Arte e História da Cultura, Centro de Educação, Filosofia e Teologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2015.

GARCIA, Barbara Gemer. O multiculturalismo na educação dos surdos: a resistência e a relevância da diversidade para a educação. In: SKLIAR, Carlos (Org.) *Atualidade da educação bilíngüe para surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999. 2v.

GESUELI, Zilda Maria. Lingua(gem) e identidade: a surdez em questão. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 27, n. 94, p. 277-292, jan./abr., 2006.

GIACOMET, Alessandra. *Abrindo possibilidades de expressão:* como os surdos observam e interpretam o mundo? 2015. 214f Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2015.

GIRONDI JBR, Santos SMA. Deficiência física em idosos e acessibilidade na atenção básica em saúde: revisão integrativa da literatura*. Revista Gaúcha Enfermagem*, Porto Alegre (RS), 32(2):378-84, jun., 2011.

GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista*. São Paulo: Plexus. 1997.

HUMPHRIES, Tom. Avoiding Linguistic Neglect of Deaf Children. *Social Service Review* (December 2016). The University of Chicago.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. IN: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Orgs). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 90-113.

KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena. Narrativas e diferenças em língua brasileira de sinais. *Em Aberto,* Brasília, v. 29, n. 95, p. 95-108, jan./abr., 2016.

KARNOPP, Lodenir. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. *Revista Cadernos de Educação* (UFPel) v. 19, p. 155-174, 2010.

KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena. Narrativas de professoras sobre a(s) língua(s) na Educação de Surdos. *Revista Educação & Realidade*, n.32(2), jul./dez., 2007. p. 63-78.

KLEIN, Madalena. *A formação do surdo trabalhador*: discursos sobre a surdez, a educação e o trabalho. Porto Alegre: UFRGS, 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

KLEIN, Madalena.; LUNARDI, Márcia. Lise. Surdez: um território de fronteiras. ETD. *Educação Temática Digital*, Campinas/SP, v. 7, n. 2, p. 14-23, 2006.

KLEIN, Madalena, FORMOZO Daniele de Paula - Gênero e Surdez**.** In: *Reflexão e Ação*, v. 15, n. 1. Santa Cruz do Sul, 2007. Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/225/172. Acesso em: 07 ago., 2018.

KRAUSE, Keli. Feminismos surdos, deficiências e políticas públicas. *Anais V ENLAÇANDO*. Salvador: UNEB, 2017 Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA2_ID1181_16072017175840.pdf. Acesso em: 07 ago., 2018.

LACERDA, Cristina B.F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. *Cad. CEDES* [online]. 1998, v.19, n. 46, p. 68-80.

LADD, P. *Understanding Deaf Culture*: In Search of Deafhood Clevedon: Multilingual Matters, 2003.

LEITE, Tarcísio Arantes de. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Tarcísio de Arantes Leite. *Leitura e Produção de textos*. Florianópolis, 2010.

LOBO, Dalva de Souza. Oralidade, voz e memória nas reminiscências de Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra, de Mia Couto. *Impulso*, Piracicaba 25(62), 89-96, jan./abr., 2015.

LOPES, Maura Corcini e VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores Culturais Surdos. In: VIEIRA-MACHADO, Lucyenne Matos da Costa e LOPES, Maura Corcini (Orgs). *Educação de Surdos: Políticas, Língua de Sinais, Comunidade e Cultura Surda*. 1 Ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

LOPES, Maura Corcini. *Surdez & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOPES, Maura Corcini. *Foto & grafias:* possibilidades de leitura dos surdos e da surdez na escola de surdos. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2002.

LOUREIRO, C. B. C. *Processo de apropriação da escrita da língua de sinais e escrita da língua portuguesa: informática na educação de surdos*. Dissertação (Mestrado em Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2004

LUNARDI, Márcia Lise. *A produção da anormalidade surda nos discursos da Educação Especial.* Tese (Doutorado). Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS, 2003. 200f.

MACHADO, Vanessa Lima Vidal; WEININGER, Markus Johannes. As variantes da língua brasileira de sinais – LIBRAS. *Transversal – Revista em Tradução*, Fortaleza, v. 4, n. 7, p. 41-65, 2018.

MARCUSCHI, Luis Antonio. Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º. e 2º. Graus: uma visão crítica. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 30: 39-79, 1997.

MCGUSHIN, E. A teoria e a prática da subjetividade de Foucault. In: TAYLOR, D. (Org.). *Michel Foucault*: conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 165-184.

MELLO, Vanessa Scheid Santanna de. *A constituição da comunidade surda no espaço da escola: fronteiras nas formas de ser surdo*. 2011. 124f. Dissertação (Mestrado_. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2014.

MIRANDA, Wilson. *Comunidade dos Surdos:* olhares sobre os contatos culturais. Dissertação (Mestrado em Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2001.

PADDEN, Carol. Entrevista sobre ASL – Sign Language and the Deaf Comunity em conjunto com seu marido – no livro Deaf in America: Voices from Culture em WFD *News Maganize of the World Federation of the Deaf*, mar.,1993. p. 5-8. Tradução Sérgio Lulkin. Transcrição Madalena Klein. Porto Alegre,1993.

PADDEN, Carol. The deaf community and the culture of deaf people. In: Wilcox, Sherman (Ed.). *American deaf culture:* an anthology. Burtonsville: Lindtok Press, 1989.

PEREIRA, Mayane Carneiro Alves; SANTOS, Lúcia de Fátima da Silva; MOURA, Thais Norberta Bezerra de; PEREIRA, Layane Carneiro Alves; LANDIM, Maurício Batista Paes. Contribuições da socialização e das políticas públicas para a promoção do envelhecimento saudável: uma revisão de literatura. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, v. 29, n. 1, enero-marzo, 2016, p. 124-131.

PEREIRA, Priscila Frehse. *Psicanálise e Surdez:* metáforas conceituais da subjetividade em Libras. 2007. 132f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.

PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez:* um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, Gládis Teresinha Taschetto. *O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade.* Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2003.

PERLIN, Gladis Perlin; VILHALVA Shirley Vilhalva**.** Mulher Surda: elementos ao empoderamento na política afirmativa. In: *Revista Forum – INES*, 2016. Disponível em: https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=27&idart=453. Acesso em: 28 fev., 2019.

PERLIN, Gládis e STROBEL, Karin. História Cultural dos surdos: desafio contemporâneo. *Educar em revista*, Curitiba, v. 30, n. especial 2/2014. p. 11-16. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/37011/23089. Acesso em: 07 ago., 2018.

PERLIN, Gládis; STROBEL, Karin. *Fundamentos da Educação de Surdos.* Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PORTO ALEGRE. Secretaria Municipal de Educação. Em busca da unidade perdida: totalidades de conhecimento: um currículo em educação popular. *Cadernos Pedagógicos*, n. 8, Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação, 1997.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de. *Educação de surdos:* a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa* / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasília: MEC; SEESP, 2002. 94p.

QUADROS, Ronice Muller de; LEITE, Tarcísio Arantes. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M.; LEITE, T. A. (Orgs.). *Estudos da Língua Brasileira de Sinais II.* 1 Ed. Florianópolis: Insular, 2014. v. 1. 248p

RANGEL, Gisele Maciel Monteiro; KLEIN, Madalena. *Heróis/heroínas surdos/as brasileiros/as:* busca de significados na comunidade surda gaúcha. Curitiba/PR: CRV, 2020.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. Coleção Primeiros Passos. 16 Ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 2006.

SCORALICK-LEMPKE, Natália Nunes; BARBOSA, Altemir José Gonçalves. Educação e Envelhecimento: contribuições da perspectiva Life-Span. *Estudos de Psicologia*, Campinas. 29(Supl.) 647s-655s. out./dez., 2012.

SEABRA, Renata da Costa. *Velhice e Memória.* 158f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Programa de Estudos Pós-graduados em Gerontologia. PUC-SP. São Paulo, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O sujeito da educação:* estudos foucaultianos. 2. Ed. Petrópolis: vozes, 1994, 258p.

SILVA, Tomaz Tadeu da; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença:* A perspectiva dos Estudos Culturais. 8 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SILVEIRA, Carolina Hessel. O currículo de língua de sinais na educação de surdos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2006.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: Marisa Vorraber Costa. (Org.). *Caminhos Investigativos II* – outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 1 Ed. Rio de Janeiro, 2002.

SKLIAR, Carlos. *É o outro que retorna ou é um eu que hospeda? Notas sobre a pergunta obstinada pelas diferenças*. UFRGS: 2002.

SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença:* e se o outro não estivesse a? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SKLIAR, Carlos (Org.) *A surdez: um olhar sobre as diferenças.* Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOUSA, Alyne Dayane Pacifico. *Os processos de inclusão social, educação e saúde:* uma análise qualitativa dos surdos idosos do Distrito Federal*.* 2016. 87f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Gerontologia, Escola de Saúde e Medicina, Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2016.

SOUSA, Carolina Silva e RODRIGUEZ-MIRANDA. Envelhecimento e Educação para Resiliência no Idoso. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 33-51, jan./mar., 2015

SOARES, Maria Aparecida Leite. O aluno surdo no ensino regular e a escolaridade obrigatória. *Revista de Educação PUC-Campinas*. Campinas, n. 16, 2004. p. 49-60.

SPADAFORA, Simone e CÔRTE, Beltrina. A surdez: uma analogia com a velhice. In: COELHO, Orquídea e KLEIN, Madalena (Orgs.). *Cartografias da Surdez*: Comunidades, Línguas, Práticas e Pedagogias. Porto: LIVPISC, 2013.

SPADAFORA, Simone. *Velhices na surdez contemporânea*. 2012. 89f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

STOKOE, W. *Sign and Culture:* A Reader for Students of American Sign Language. Silver Spring: Listok Press, MD, 1960.

STUMPF, M. R. *Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema de SignWriting:* língua de sinais no papel e no computador. Tese (Doutorado em Informática na Educação). Porto Alegre, UFRGS, 2005

THOMA, Adriana da Silva; KLEIN, Madalena. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. *Cadernos de Educação*-FaE/PPGE/UFPel. Pelotas, 2010. p. 107-131.

THOMA, Adriana da Silva. A inversão epistemológica da anormalidade surda na pedagogia do cinema. In: Adriana da Silva Thoma; Maura Corcini Lopes. (Org.). *A invenção da surdez:* cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul (RS): EDUNISC, 2004, p. 56-69.

THOMA, Adriana da Silva. *O cinema e a flutuação das representações surdas:* - que drama se desenrola neste filme? depende da perspectiva. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2002. 259 f

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Estudos culturais em educação:* mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. 2 Ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

WITCHS, Pedro Henrique; LOPES, Maura Corcini. Forma de vida surda e seus marcadores culturais. *Educação em Revista*, [s.l.], v. 34, p. 1-10, 27 ago., 2018. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698184713. Acesso em: 28 fev., 2019.

WITCHS, Pedro Henrique; LOPES, Maura Corcini; COELHO, Orquídea. Formas possíveis de ser nas políticas linguísticas de educação de surdos em Portugal. *Educação & Sociedade*, [s.l.], v. 40, p. 1-16, 2019. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/es0101-73302019202053. Acesso em: 28 fev., 2019.

WITCHS, Pedro Henrique; TEIXEIRA, Keila Cardoso. *Bilíngues clandestinos*. The Especialist: condições epistemológicas da educação linguística dos surdos no século XX, [s.l.], v. 40, n. 3, p. 1-13, jan., 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION*. Envelhecimento ativo:* uma política de saúde. Tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

WRIGLEY, Owen. *The politics of the deafness.* Washington, D.C: Gallaudet University Press, 1996.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – FACULDADE DE EDUCAÇÃO – DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS – ÁREA DE LIBRAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – FACULDADE DE EDUCAÇÃO – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Proponente: Prof.ª Ms. Ana Luiza Paganelli Caldas
Título: *A Narrativa Poética do Surdo Idoso*: subjetividade e vínculos culturais
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Madalena Klein

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. NATUREZA DA PESQUISA: Esta é uma pesquisa que tem como finalidade inventariar narrativas de surdos idosos do Porto Alegre através de uma análise do estabelecimento de vínculo de confiança e comunicabilidade (uso da LIBRAS), a fim de entender a construção de sua subjetividade e vínculo cultural. Este projeto foi aprovado pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2. PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão desta pesquisa em torno de 5 surdos idosos, residentes na cidade de Porto Alegre.

3. ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo você será entrevistado pela pesquisadora, respondendo perguntas sobre o uso da LIBRAS e a vivência dessa fase da vida. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo podem entrar em contato com a pesquisadora pelo fone (051) 98157.3831 (por mensagens de texto).

4. SOBRE A ENTREVISTA: Serão solicitadas algumas informações básicas e perguntas sobre o tema central da pesquisa. A entrevista será filmada, a fim de registrar o uso da LIBRAS e terá a duração de, em média, 60 minutos.

5. RISCOS E DESCONFORTO: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

6. CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada entrevistado. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa serão divulgados em revistas da área, em livros e eventos, sempre resguardando o sigilo dos informantes. A utilização das imagens será restrita aos ambientes acadêmicos, no momento de análise dos dados produzidos para a apresentação de resultados da pesquisa. Para as publicações de divulgação ampla, as informações serão transcritas e as imagens serão divulgadas a partir de procedimentos de edição para resguardar o sigilo da identidade dos entrevistados. O material ficará guardado sob responsabilidade do pesquisador.

7. BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas idosas surdas que usam a LIBRAS.

8. PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

_____ _____

Nome do/a entrevistado/a Assinatura do/a entrevistado/a

_____

Ms. Ana Luiza Paganelli Caldas (pesquisadora)

_____

Local e data

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. Caso queiram contatar a pesquisadora responsável por esta pesquisa podem fazê-lo pelo *whatsapp* (051) 98157.3831 - Profa. Ms. Ana Luiza Paganelli Caldas (Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Pelotas e Professora da Área de LIBRAS do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da UFRGS. Ou com a profa. Dra. Madalena Klein (Orientadora PPGE/UFPel) pelo *whatsapp* (053) 99119.5448. Maiores informações Comitê de Ética em Pesquisa UFRGS (051) 3308.3629.

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONCORDÂNCIA DA SSRS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – FACULDADE DE EDUCAÇÃO – DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS – ÁREA DE LIBRAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – FACULDADE DE EDUCAÇÃO – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Proponente: Prof.ª Ms. Ana Luiza Paganelli Caldas
Título: *A Narrativa Poética do Surdo Idoso*: subjetividade e vínculos culturais
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Madalena Klein

TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO
SOCIEDADE DOS SURDOS DO RIO GRANDE DO SUL

Estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo inventariar narrativas de surdos idosos do Porto Alegre através de uma análise do estabelecimento de vínculo de confiança e comunicabilidade (uso da LIBRAS), a fim de entender a construção de sua subjetividade e vínculo cultural. Para tanto, solicitamos autorização para realizar este estudo com membros desta instituição. Também será utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para cada participante. A coleta de dados envolverá uma entrevista, feita pela pesquisadora, na qual os participantes responderão perguntas sobre o uso da LIBRAS e a vivência desta fase da vida. Os participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto os participantes quanto os responsáveis pela Instituição poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo. Este projeto foi aprovado pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e faz parte do processo de Doutoramento da pesquisadora. Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos

participantes bem como das instituições envolvidas. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios de ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos realizados oferece riscos à dignidade do participante. Todo material desta pesquisa ficará sob responsabilidade da pesquisadora coordenadora do estudo, Profa. Ana Luiza Paganelli Caldas e após 5 anos será destruído. Dados individuais dos participantes coletados ao longo do processo não serão informados às instituições envolvidas ou aos familiares, mas deverá ser realizada uma devolução dos resultados, de forma coletiva, para a Sociedade, se for assim solicitado. Desejamos que os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas surdas idosas que usam a LIBRAS. Agradecemos a colaboração dessa instituição para a realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a Profa. Ana Luiza Paganelli Caldas, docente da área de LIBRAS do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da UFRGS. Caso queiram contatar a pesquisadora, isso poderá ser feito pelo telefone (051) 98157.3831. Maiores informações no Comitê de Ética em Pesquisa UFRGS (051) 3308.3629.

_____ _____

Data Pesquisadora (FACED/UFRGS)

Concordamos que os idosos, que integram esta instituição, participem do presente estudo.

Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul (carimbo)
Presidente(a): _____
Nome completo: _____
Assinatura: _____

APÊNDICE 3 – TCLE EM GLOSAS[35]

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – FACULDADE DE EDUCAÇÃO – DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS – ÁREA DE LIBRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – FACULDADE DE EDUCAÇÃO – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Proponente: Prof.ª Ms. Ana Luiza Paganelli Caldas
Título: *A Narrativa Poética do Surdo Idoso*: subjetividade e vínculos culturais
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Madalena Klein

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. NATUREZA DA PESQUISA: Esta é uma pesquisa que tem como finalidade inventariar narrativas de surdos idosos do Porto Alegre através de uma análise do estabelecimento de vínculo de confiança e comunicabilidade (uso da LIBRAS), a fim de entender a construção de sua subjetividade e vínculo cultural. Este projeto foi aprovado pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1) PESQUISA O QUE? NARATIVAS DIFERENTES PESSOAS IDOSOS SURDOS, FALA SOBRE VIDA COMUNIDADE, SUBJETIVIDADE, VÍNCULO CULTURA LIVRE COMUNICAR LIBRAS. FILMAR TUDO OBJETIVO REGISTRO, GUARDAR, EVITA SUMIR. SURDOS MORA PORTO ALEGRE. PESQUISA EU JÁ APRESENTAR PRONTO LÁ FACULDADE. EU ESCREVER PÁGINAS MUITAS APRESENTAR LÁ OFICIAL. GRUPO FACULDADE JÁ OLHOU MEU PROJETO ACEITA! LIVRE PESQUISAR SURDOS.

2) PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão desta pesquisa em torno de 5 surdos idosos, residentes na cidade de Porto Alegre.

[35] Glosas são uma forma de transliteração dos sinais para a língua portuguesa. Auxiliou a mim e aos participantes no sentido de deixar clara a intenção e os itens dos termos a serem assinados.

3) QUANTAS PESSOAS PARTICIPAR? MAIS OU MENOS 5 SURDOS IDOSOS MORAM PORTO ALEGRE.

4) ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo você será entrevistado pela pesquisadora, respondendo perguntas sobre o uso da LIBRAS e a vivência dessa fase da vida. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo podem entrar em contato com a pesquisadora pelo fone 51 – 981573831 (por mensagens de texto).

5) ACEITAR PARTICIPAR PESQUISA – DEPOIS PODE COMBINAR ENCONTRO. EU FAÇO PERGUNTAS ASSUNTO LIBRAS COMUNICAÇÃO COMO GRUPO IDOSOS EXPERIÊNCIA. VOCÊ LIVRE ACEITA OU NÃO QUER. TAMBÉM EXEMPLO: VOCE HOJE ACEITA PARTICIPA, DEPOIS DESISTE – NÃO TEM PROBLEMA, PODE DESISTIR, TUA VONTADE. MAS EU POR FAVOR VOCÊ ACEITA PARTICIPAR – VOCÊ IMPORTANTE INFORMAÇÕES EU OBSERVO PEGAR INFORMAÇÕES ME AJUDA A ESCREVER. FUTURO ISSO (TESE) AJUDA ENTENDER MELHOR COMO SURDO IDOSO, MELHOR SOCIEDADE ENTENDE VALOR SURDOS. FUTURO VOCÊ QUER INFORMAÇÕES SOBRE PESQUISA? PODE MENSAGEM NÚMERO (051) 98157.3831

6) SOBRE A ENTREVISTA: Serão solicitadas algumas informações básicas e perguntas sobre o tema central da pesquisa. A entrevista será filmada, a fim de registrar o uso da LIBRAS e terá a duração de, em média, 60 minutos.

7) ENTREVISTA COMO?? EU FAÇO PERGUNTAS BÁSICAS ASSUNTO SURDO IDOSO, ENTREVISTA MOMENTO EU E VOCÊ CONVERSA, MAS TEM CÂMERA TODO TEMPO. TEMPO DURAÇÃO? MAIS OU MENOS 1 HORA.

8) RISCOS E DESCONFORTO: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

9) TÊM RISCOS? PODE VOCÊ SENTE MAL POR CAUSA PESQUISA? TEM PREJUÍZO? NÃO. NÃO PREOCUPA. PROBLEMA LEI, NADA. TAMBÉM EU PERGUNTO COISAS. PERGUNTAS LISTA, EU INVENTEI COMO? OLHA, EU

SEMPRE PREOCUPADA, RESPEITO SER HUMANO. EXPLICO: LÁ BRASÍLIA TEM GRUPO PROFISSIONAIS ÁREA SAÚDE. ELES AJUDAM GOVERNO A ARRUMAR SAÚDE, REGRAS, ETC. ESSE GRUPO CRIOU REGRAS ASSUNTO PESQUISA, EVITA PREJUÍZO PESSOAS. MINHA PESQUISA RESPEITA ESSAS REGRAS.

10) CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada entrevistado. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa serão divulgados em revistas da área, em livros e eventos, sempre resguardando o sigilo dos informantes. A utilização das imagens será restrita aos ambientes acadêmicos, no momento de análise dos dados produzidos para a apresentação de resultados da pesquisa. Para as publicações de divulgação ampla, as informações serão transcritas e as imagens serão divulgadas a partir de procedimentos de edição para resguardar o sigilo da identidade dos entrevistados. O material ficará guardado sob responsabilidade do pesquisador.

11) INFORMAÇÕES SEGREDO – EU PERGUNTO VÁRIOS. VOCÊ RESPOSTA, EU GUARDO SEGREDO, BOCA ESPALHA NÃO. PRINCIPAL EU PERGUNTO COISAS GERAL, NADA CURIOSA SUA VIDA PARTICULAR. PESQUISA FALA TUA IDENTIDADE SEGREDO. OS RESULTADOS PESQUISA DIVULGAM REVISTAS, LIVROS E EVENTOS SEGREDOS VOCÊ. USAR A IMAGEM SERA RESTRITAS EM LUGAR ACADÊMICA, MOMENTO PESQUISA DADOS PRODUZIDOS TRANSCREVEM E AS IMAGESNS DIVULGAM A COMEÇAR DE FAZER EDIÇÃO PARA GUARDAR SEGREDO OS ENTREVISTADOS. O MATERIAL VAI GUARDAR RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR.

12) BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas idosas surdas que usam a LIBRAS.

13) PESQUISA AJUDA VOCÊ APROVEITA COISAS? NÃO. NÃO TEM AJUDA NADA AGORA. MAS VOCÊ ACEITA PARTICIPAR, DEPOIS EU ESCREVO TESE FORMAR DOUTORADO, FUTURO PODE AJUDAR VIDA SURDOS IDOSOS VÁRIOS SOCIEDADE.

14) PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação.

15) TEM SALÁRIO? NÃO TEM. EU PAGO NADA PARA VOCÊ – TAMBÉM VOCÊ PAGA NADA PARA MIM.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

EXPLICAR JÁ TUDO DETALHES. AGORA TEM PAPEL LUGAR COLOCA NOME E ASSINATURA. TÊM PALAVRAS CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO. SIGNIFICA? É ACEITA PARTICIPAR JEITO LIVRE DECISÃO, JÁ EXPLICOU TUDO PARA VOCÊ.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. Caso queiram contatar a pesquisadora responsável por esta pesquisa podem fazê-lo pelo *whatsapp* (051) 98157.3831 - Profa. Ms. Ana Luiza Paganelli Caldas (Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Pelotas e Professora da Área de LIBRAS do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da UFRGS. Ou com a profa. Dra. Madalena Klein (orientadora PPGE/UFPel) pelo *whatsapp* (053) 99119.5448. Maiores informações Comitê de Ética em Pesquisa UFRGS (051) 3308.3629.

MUITO OBRIGADA TUA AUTORIZAR E COLOCA AS REGRAS DENTRO. SE QUISER CONTATO PESQUISADORA RESPONSÁVEL *WHTASAPP* (051) 981 57.3831 DOUTORDO EM EDUCAÇÃO UFPEL E TRABALHA PROF ÁREA LIBRAS UFRGS. OU COM A PROF MADALENA *WHATSAPP (*053) 99119.5448. SE PEDIR TEU FILHO LIGAR TELEFONE CONTATO COMITE ETICA PESQUISA UFRGS (051) 3308.3629.